

# VERBO IMAGINÁRIO

**Márcio Catunda**  
**(Antologia Poética, 1998-2010)**

**Emoção Atlântica**, Rio de Janeiro, 2010

**Meditações Líricas**, Rio de Janeiro, 2009

(publicado no livro *Vertentes*,  
do qual participaram também

Tanussi Cardoso, Ricardo Alfaya, Elaine Pauvolid e Márcio Carvalho, 2009)

**Sintaxe do Tempo**, Fortaleza, 2005

**No Chão do Destino**, Vitória, 1999

**Estância Cearense**, Fortaleza, 1999

**Água Lustral**, Rio de Janeiro, 1998

**Rosas de Fogo**, Rio de Janeiro, 1998

# EMOÇÃO ATLÂNTICA

## ANTÍDOTOS

Venham a mim os artistas, os filósofos, os boêmios.  
Preciso da companhia dos despreocupados,  
dos que contam anedotas.  
Dos loucos, que derivam em si mesmos.  
Dos vagabundos da arte.  
Os melhores monges são andarilhos.  
Sou o confessor desses santos canastrões.  
Bebo em suas fontes rústicas.  
Sou o psicanalista desses malucos.  
Conheço-lhes os traumas.  
Busco a essência do Eu.  
Eu, professor de moral e teologia,  
escrevo com os olhos no portal do mar.  
Eu, funcionário público exemplar,  
jamais disperso minha concentração.  
Eu, poeta dionisíaco,  
dissoluto em plena luz do dia.  
Escrever é minha forma de fazer música.  
Minha teoria harmônica dos afetos da alma.  
Escrever é compor o encontro de si

e respirar o encanto de si.  
Se Narciso é um deus desesperado,  
sou um narcisista esperançoso.  
Vejo a cidade estremecida de luz.  
Meu compasso na clave dos espaços.  
Reverencio a aragem da noite.  
A arte de contemplar é intransitiva.  
A Lua, quase plena, soberana esfera de gelo,  
faz desse momento o mais exuberante.  
Diante dessa solenidade mística,  
faço poemas com o corpo,  
respirando a essência vital.  
O nada que sou dá-me o prazer da vida.  
Do grão de areia às estrelas,  
vislumbro a sagração cósmica.  
Três lugares me iluminam o espírito.  
Tenho alegrias medonhas.  
Tenho o Cruzeiro do Sul como lema.  
A vida não se entranha na escória,  
porque me deito aos pés do Redentor.  
Enquanto espero a ressurreição da Lua,  
as nuvens são o meu tesouro.  
Quando a paisagem se descortina,  
anulam-se as histórias profanas.  
Escrever é salvar a memória.  
Só o sonho é ouro no império do ar.

Um poeta é alguém com os sentidos em fogo.  
Eu, que tenho apenas um sonho,  
talvez não me deva arvorar tal privilégio.  
As canções tristes já não me deleitam.  
Só me resta cantar a noite inteira.  
A propensão para a poesia  
não contribui pra melhorar o juízo de ninguém.  
Sou guerreiro de fortuna, por acaso,  
mas desdenho insígnias,  
tanto mais as de sangue de herói.  
Poder dormir à hora que eu quiser.  
Comer à hora que me der vontade.  
Ler e ouvir música à hora que eu determinar.  
Luzes acesas, o livro aberto, madrugada alta.  
Isto sim é ser livre:  
ter como itinerário os ditames da pineal.  
E mais que isso, viajar na melodia da palavra lírica,  
como quem foge dos dramas da vida,  
escrevendo o próprio encantamento.  
Isso sim é ser ativo na dimensão da lucidez.  
Entre os prazeres da vida,  
cantando, afugentar a morte.

## TARDES HEDONISTAS

Tomo de um trago a efusão visual.  
Dois dias de chuva e o azul reverberou.  
Abriu-se geomântico, desvendando o prodigioso colosso.  
Diamantina fornalha, o azul insondável!  
Não me falem dos flagelos da cidade.  
Só tenho ouvidos para essa degustação.  
Celebro sofregamente as soluções.  
Nada me consterna fora da minha obsessão.  
Não me falem de violência.  
Eu sou a personificação da paz.  
Bebo o vinho da vida,  
adivinho-me e me divinizo.  
Alto é o propósito  
e, com reverência, me aproximo da água.  
O oceano simboliza o meu ideal.  
Natureza,  
tu que fecundas a vida em toda parte,  
dá-me a tua bênção.  
Faze de mim um dos que receberam a auréola dos astros!

Na proa do dia, navego em amplitude.  
Mais que a pedra do tempo, busco a fluidez.  
Eu que vejo mistério em tudo.  
Eu que me alumbro de esperança.

Eu que fico perplexo,  
mirando o navio espacial,  
não encontro arrimo em nada,  
exceto nessa expansão volátil.  
Eu que me comovo diante das coisas aéreas,  
e que invento castelos inexistentes,  
vejo no poente a alma da natureza.  
Na púrpura dourada de hidrogênio,  
como na sombra das areias,  
escuto a flauta do vento e a percussão das águas.  
Nunca vi o mar assim,  
tão encantado de murmúrios de espuma!

## NOTURNOS

Copacabana, andar nas tuas noites  
só tem sentido em nome daquela boemia.  
Não são os carros da avenida,  
nem os anúncios luminosos dos restaurantes,  
nem mesmo as belas mulheres.  
É o meu ideal de adoração da Lua!  
Que permaneça esse espelho na minha autoveneração.  
Essa areia branca seja o meu refúgio contemplativo.  
Alegro-me de ver as ondas desenhadas na calçada  
e o murmúrio dos coqueiros ao vento.

Copacabana dos bares e do calçadão,  
flutuo em passos de êxtase,  
quando reverencio a cidade dos poetas!  
Mais que prostitutas bonitas, tens a brisa marinha.  
Ainda te restam momentos românticos.  
Na avenida, o prosaico zigue-zague dos carros.  
As abstrações me livram da estagnação.  
Desfrutar o instante é um valor permanente.  
É fluir absorto, sem perceber o peso da vida.  
Minha única habilidade.  
Toda idiossincrasia que quero tornar predominante.  
Minha estética anticonsumista.  
Reflexões de que se nutre o poema.  
A velocidade da palavra em suas três dimensões.  
Minha introspecção incomunicável.  
Minha meditação oriental.  
Estou perplexo diante de tudo.  
Atravesso túneis ideais.  
Não há serenidade senão na visão do litoral.  
Nasci pra contemplar horizontes abertos.  
A noite me fez pensativo.  
Os edifícios são paredes perfuradas de luz.  
Passeio com os amigos, em demanda de livros,  
pelas ruas iluminadas.  
Deleito-me nos refrigerios.  
Ilumino-me de utopias.

Doces são as horas,  
porque não concorro a nenhum cargo.  
Não me preocupo com insignificâncias.  
O Altíssimo encheu-me a taça de néctar.  
Bebo alentos na noite lânguida.  
Subo à torre iluminada, e escrevo.  
A burguesia me olha sem entender.  
Não ambiciono a comenda dos opulentos.  
Tenho o lúdico passeio  
e o plenilúnio me é propício.  
Descanso na expectativa serena.  
Não preciso do beneplácito de autoridade alguma.  
Tenho o meu quinhão de paz.  
Meu momento de ígnea transcendência.  
Não me deixo hipnotizar,  
senão pelos faróis intermitentes no oceano.  
Permaneço contemplando a extensão das luzes litorâneas.  
Sublimo as melodias desesperadas.  
O festim noturno é a minha fortuna.  
Bebo a clarividência do litoral.  
Chego ao portal da reflexão.  
Mar diáfano, ilhas claras.  
O espelho mítico da planície azul.  
Púrpura na teia celestial.  
Celebro as luzes vitais do Planeta.  
Ao longe, entre os montes,

Niterói é uma pirâmide cintilante.  
Na enseada de Ipanema,  
um colar de luzes se reflete nas espumas.  
A noite veste o escudo das estrelas.  
Além da curva do Leblon,  
na encosta, o Vidigal radiante.  
Os eflúvios em mim como estigmas.  
Respiro a dádiva lúdica do vento.  
Saibam todos que o meu remédio ferve nas ondas.  
São pedras de sal no mar, flores na areia.  
Nuances de cores, vazando a névoa.  
Quando vejo a claridade,  
cruzando o Elevado do Joá...  
Quando vou a uma livraria, num domingo,  
com o sonho místico do meu realismo.  
Quando jorra o indomável clamor das águas....  
Caminho enfeitado pela noite.  
Tudo flutua na esteira mágica.  
O vento limpa o varal da incerteza.  
Atravesso todas as estações de Ipanema.

## EMOÇÃO ATLÂNTICA

Não sou de ver a vida pela janela.  
O ocaso tem suavizações.  
Fujo dos veículos,  
atravesso a avenida, em direção ao mar.  
Serenas ondas, idílicas montanhas.  
Há navios no horizonte,  
mas é na minha memória que eles estão plantados.  
Celebro a virtude mística deste momento.  
Sou o que persiste em se encantar diante do poente.  
Contemplo o céu no redemoinho das aves.  
A cidade é ainda paradisíaca.  
De um lado estão as fachadas prosaicas dos edifícios;  
mas, do outro, a luminosidade líquida,  
o eflúvio irisado, o esmalte efervescente.  
Caminho pela areia.  
Tragam-me guaraná e catuaba,  
num copo transbordante de mel.  
O sábado é o bordel da santa egípcia.  
Quero-me vigiar sem me punir.  
Bater à porta do hedonismo.  
Confesso que a beleza me alucina.  
O silêncio dela é mais agudo que a música das esferas.  
Quero a condição dionisíaca,  
a estridência dos dias solares,

a vida pulsátil do burburinho.  
O Rio de Janeiro continua um espasmo de êxtase.  
Almejo saborear o néctar da luz.  
Aonde vou, com minha ânsia de futuro?  
Vou ao Pão de Açúcar, beber nas altas esferas.  
Submeto-me às sacudidas do ônibus  
e à exorbitância do ingresso.  
Na redoma flutuante, a grandeza translúcida emerge.  
A visão se abisma na infinitude.  
Da cratera íngreme, o encanto é transcendental.  
A eternidade é uma expansão azul além das ilhas.  
Gosto de escrever ao ar livre,  
diante das árvores.  
Nos jardins, entre pássaros e belas mulheres.  
Em lugares de onde eu veja a imensidão.  
De preferência, próximo a algum palácio  
iluminado pelo sol vespertino.  
Sem desassossego, olhando as nuances das cores  
e a projeção das sombras.  
Mais que prazeroso,  
é terapêutico esse exercício de quietude.  
Lá fora, ruge o tumulto dos motores.  
Em mim, tudo é silêncio.  
Faço versos como quem distribui delicadeza.  
Feito a aragem que é toda ternura.  
Feito quem bebe aromas de delícias.

Gosto de escrever caminhando,  
louvando as energias do Planeta.  
Sento-me numa pedra, à beira das ondas,  
e compreendo a essência do universo.  
Minha lucidez registra a fascinação da hora.  
Sei que o meu destino é água que o vento agita.  
Sei do que se aprende com as metáforas do mar:  
a noção de distância  
e a inquietude do movimento.  
Movimento de introspecção; não, de dispersão.  
De amor pela vida; portanto, pelas pessoas.  
Será este o enigma que descobriremos.  
Contemplar e criar formas.  
Ter como facho interior a concentração da arte.  
Cantar a maravilha do litoral e a fluidez do tempo.  
Não revivo os idílios da infância,  
mas na visão marinha prevalece um devaneio antigo.  
O sopro da tarde me transporta àquela paz romântica.  
Luz que vem da comunhão com a natureza.  
Não troco um passeio na praia  
por três anos de cargo público.  
É de graça. É quando eu quero,  
ninguém me enche o saco.  
Que importância tem vestir um terno,  
quando se pode andar sem camisa?  
Capto toda forma de energia lúdica.

Debaixo do Trópico de Capricórnio,  
a coisa mais excelente é celebrar a vida.  
Seja-me o tempo essa quietude rumorosa.  
Não há riqueza senão nesse transbordamento.  
Nos momentos sublimes, o frêmito dos melhores dias.  
Já não perco o apetite por causa da emoção.  
Tenho o perfume das rosas na alma:  
entrego-me à beleza.  
Com pétalas nas mãos,  
passeio o pensamento pelas serras,  
ao redor da Lagoa.  
Não quero voltar a página da vida.  
Só quero saber das nuvens sobre o luminoso oceano.  
Converso comigo mesmo  
na brisa que é pura carícia.  
Não haverá instante  
em que eu não esteja pleno de lirismo.  
Idolatro o silêncio e deixo que passem os minutos.  
Ando escutando as ondas.  
Praia mansa no meu sortilégio.  
A vida é o berro do espírito na ventania.  
É remar no pântano, rumo ao porto do nada.  
Celebro as virtudes carnais,  
os aromas que emanam da pele que brilha,  
a energia vital das coisas permeáveis.  
Estou aos pés do mar,

diante do cortejo das espumas.  
Tudo se refaz nas suaves caldeiras tremulantes.  
O mar é um deus na cidade encantada.  
Contemplo esse colosso etéreo.  
Para além dos anjos que passam fome,  
para além de todos os infortúnios,  
o poderio dos lampejos:  
todos os dons do meu entusiasmo,  
a tecnologia do sentimento.  
A brisa da tarde desliza nos telhados  
e nos dedos das árvores.  
Vem na fragrância do instante.  
Penetra pela janela, nutrindo a vida, entre máquinas.  
A rua contrasta com a Lua,  
que, alta, me impõe a sua influência.  
À margem dos tetos obscuros,  
sobre o viaduto, os carros vão,  
no vão da inquietude.  
O Sol é uma coroa de fogo,  
horizontalmente, na hora da suavização.  
Os longes consolam a audição dissoluta.  
Preciso asilar-me na plataforma visual.  
Há mais prazer neste refúgio,  
do que nas discussões teológicas.  
O pulsar de um coração vigilante  
vale trezentos prêmios literários.

Na contemplação das musas, estou só e absoluto.  
De um trago, sorvo a beleza de tudo.

## **CONJETURAS SOBRE O MAR DE IPANEMA**

Valeu a pena caminhar entre a avalanche e a fumaça,  
até poder desfrutar desta perspectiva:  
há ilhas aquém e além da perfeição alada.  
Ipanema translúcida, raio coruscante do mar.  
Não obstante, do outro lado, a agonia da competição  
e os mendigos, hóspedes das calçadas.  
Nas alturas do oceano, o ritual sonoro,  
a franja branca lavando a praia:  
horizonte aberto entre rochedos.  
Ipanema, areia de seda feminina.  
Sereia, que as águas beijam de púrpura.  
Ipanema, estância abrasada de volúpia,  
quem não conhece em mim o monge tântrico?  
Na música das tuas ondas, o derviche,  
idólatra dos deleites sensoriais,  
toca com os sentidos a delicadeza dos teus contornos.  
Substância angelical do meu kama-sutra de expectativas!  
Peripécia existencial do meu absoluto!

Invento vocábulos para cortejar-te o mar:  
magnanímico, protomagnético, lumifacético.  
Os três reinos no leque policromo dos edifícios.  
A teia virente da serra, emoldurada pela bruma,  
o dorso da montanha entre os irreconciliáveis.  
Em facções aquarteladas,  
a desigualdade refletida na urbanização.

## **A GÊNESE**

Sete graus de latitude Sul,  
sob o Trópico de Capricórnio.  
Das chuvas da Serra do Mar,  
nasceram baías, lagoas, mangues,  
restingas, altitudes, florestas.  
O imigrante fundeia na barra, estabelece a feitoria,  
um porto no Morro do Castelo,  
estaleiros à margem do recôncavo.  
O capitão-mor inventa os destituídos.  
Soterra-se uma lagoa, brota o Largo da Carioca.  
Nasce o Passeio Público, das águas do Boqueirão.  
Ergue-se o Aqueduto dos Arcos, no centro do poliedro.  
Passa o povoamento pela Rua Uruguaiana,  
além do Campo de Santana.  
Na planura, o aglomerado povoa

Cosme Velho, São Cristóvão, Tijuca.  
Funda-se a Capital das cinco Freguesias!  
O primeiro bonde germina ruas e casas,  
invade o vale do Catumbi.  
O Túnel Velho penetra na montanha,  
drenando avenidas até as praias oceânicas:  
viadutos e aterros de mangues  
extrapolam limites administrativos.  
O negro sai da senzala, sobe o morro.  
Multiplicam-se favelas nos penhascos.  
A cidade ergueu-se em cúpulas de letreiros:  
Tecidos Bangu, Estação das Barcas.  
Pórticos, chafarizes, conventos,  
a Colônia dos Psicopatas, Nossa Senhora da Penha.  
Bebedouro Antigo e Fazenda Real.  
Um mar de cimento e vidro  
brotou num deserto de pedras.

## **CONFISSÃO**

Se eu subisse de joelhos a ladeira da Glória,  
não expressaria o meu apego,  
cidade mais minha  
que de quantos no teu solo beberam luz!

Noites que eu passasse mirando o mar  
não traduziriam todo o encantamento.  
A água quieta, fitada longamente,  
os morros acesos,  
as montanhas recortadas no azul.  
Delicioso turbilhão que suscita maravilhas!  
Meu verso, lícido e diminuto,  
sabe apenas enumerar prodígios:  
aquele pedaço de praia entre Glória e Flamengo,  
as mulheres exalando sedução,  
a Gávea – mirante dos deuses;  
o Corcovado – apoteose do Cristo.  
O infinito abraço de água e céu.  
O alto Cruzeiro aceso.  
As noites ardentes.  
Já não há pacifistas na Cinelândia,  
mas recomponho o teu sussurrante nome,  
na fragmentação do delírio.  
Configura-se na Avenida Rio Branco, fervilhante.  
Nos portais da Biblioteca,  
algazarra e tumulto em toda parte.  
Ar de bolero em Copacabana,  
calçadão de todos os Brasis.  
Rio de amendoeiras e cascatas.  
Rio, abismo verde sobre o mar;  
esquecer-te, não sei.

## A CIDADE VISTA DE DENTRO DO CARRO

Da Rua Bolívar, pelo Corte do Cantagalo,  
vou diretamente à Lagoa.

Passo ao largo da navegação de reflexos:  
Santa Margarida Maria ao pé do Rebouças.  
As placas indicam Cosme Velho e Zona Norte.

Velocidade no túnel de paredes de carvão:  
um arco de luz de repente emerge.

Um portal descortina a miríade:  
o labirinto, a multidão de carros vazando as avenidas.

O Morro da Viúva entre duas maravilhas.

Penumbra lírica na Rua da Passagem.

Medito sobre o perfil sociológico da cidade.

Avenida Niemeyer: subindo a colina,  
Vidigal e Sheraton, dois polos nacionais.

São Conrado junto da Pedra da Gávea,  
prédios de luxo cingidos pela Rocinha.

A favela invade as ruas em trajés mínimos  
à sombra vespertina;

tarde pródiga de humanismo contraditório.

Escadas de concreto alastram-se na montanha.

O Corcovado emoldura-se em quadriláteros,  
névoa sobre as sutilezas do mar.

Abril trouxe os ventos do Sul,  
sopro de vida no refúgio da enseada.

O cheiro súbito do mar invade-me as pituitárias.  
O Rio é de todos - brilha como o Sol.

## NOTURNO DO RIO DE JANEIRO

Atravesso os túneis e o tumulto fervilhante.  
Observo as velozes máquinas,  
deslizando sobre o plano escuro do asfalto.  
Vislumbro a orla marítima pontilhada de luzes,  
fluxo palpitante de vida, cintilando rotativos faróis.  
Água a renovar de brisa o perímetro das artérias.  
Da janela do ônibus, revejo o cenário comovente:  
a transfiguração da paisagem.  
Rio de Janeiro, atendo ao chamado do teu ritmo:  
percurso voraz da sensação, tráfego turbulento.  
Satisfaço-me, contemplando a volante fruição.  
A nave dos idílios, na Gávea dos teus respiradouros.  
Vejo a linha costeira de lustres e cristais.  
A ponte é um rosário incrustado de rubis,  
um carrossel faiscante.  
As colinas, nubladas de cerração.  
Névoa do anoitecer, lavando minhas pálpebras.  
Consterna-me afastar o olhar do teu relevo enternecedor.  
*Rio de Janeiro, agosto de 1983.*

## SOLICITAÇÃO AOS AMIGOS

No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga.

Conduzam-me cuidadosamente  
ao largo da perspectiva indelével,  
para que eu desfrute a visão do relevo.  
Que eu me extasie diante da flora mágica  
e das assombrosas grandezas,  
beijadas pela luz da tarde apaixonante.

No dia 22 de maio concedam-me o gosto desta prenda.

O olhar que veleja clarividente se alça até os cimos.

O estrugir das vagas percute reverberações.

A voz da profundidade narra a história das águas.

O corpo permite que o espírito  
aprecie o refofoar dos turbilhões  
e os aprazíveis sopros dos lumes coruscantes.

No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga.

O espírito saberá agradecer-lhes,  
com uma palavra de perplexidade.

## CAPITAL DOS PRAZERES VISUAIS

Respiro meandros de floresta e mar.  
O Sol oracular escreve essências,  
a ondulação explode em curvas,  
desliza na pedra escorreita.  
Capital dos prazeres visuais:  
velas como insígnias num manto líquido.  
Órbita de beleza, do Flamengo à Urca.  
Projetado à distância,  
enevoado relevo com nuances:  
prédios e paineiras,  
cachoeiras sobre a Lagoa,  
serras sobre túneis;  
corredores, vazados de periculosidade.  
Além do carrilhão da ponte sobre a Baía,  
de Itacoatiara a Paquetá,  
tudo claro:  
pulsação vital, nos trilhos da Linha Vermelha  
ou nas pistas da Zona Sul;  
madrugada, no cheiro das árvores do Aterro do Flamengo.  
Luz densificada na superfície do mar,  
mistério aberto à velejaçãõ da memória.  
Configuração de terra e céu,  
repositório de dádivas.  
Canto a visão que me acende a vida.

Rio de Janeiro, novembro de 1998.

## **CAMINHANDO EM IPANEMA**

*“Rua Nascimento Silva, 107  
Eu saio correndo do pivete”  
 (“Carta do Tom”, paródia:  
Toquinho, Tom Jobim e Chico Buarque)*

Sob as grandes árvores,  
feito quem desvenda o labirinto de si mesmo.  
Meu desvelo é um panteísmo em que cultuo ídolos.  
Caminho estigmatizado pela Rua Nascimento Silva.  
Paro diante do pequeno prédio,  
número 107, onde viveu Tom Jobim.  
Há também o mito da casa do Plínio Doyle,  
na Rua Barão da Torre,  
onde dialoguei com Drummond.  
Todos os itinerários me levam ao mar.  
Cores do mundo, espumas matizadas de sal.  
Não penso em perigos.

## **NOITE NO LEBLON**

Não há flores no Jardim de Alá.  
Entre a Vieira Souto e a Delfim Moreira,  
a lua acende as esquinas,  
tinge de violeta os lábios das mulheres.  
Estonteado pelo rubro das bocas,  
olhos lúbricos, inundo o paladar.  
Pupilas embruxadas de paixão,  
bebo pétalas alucinantes.  
Incendeio-me na languidez noturna.  
Uivo para as melhores fêmeas,  
lobo solerte.

## **NÉVOA NO PÃO DE AÇÚCAR**

Flutua o Cristo sobre o convés do oceano,  
guardião dos pântanos da Terra.  
Cavalga filigranas nas águas movediças.  
Voa sobre prédios e montanhas impalpáveis.  
A cidade mergulha na textura da distância.  
Quebrantos ecoam em mim.  
Perplexo ante os abismos do mar,  
ponho a alma na intimidade dos enigmas.  
Derramo soluços nos pórticos invisíveis.

## PERSPECTIVA DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS

Diante do lustral espelho,  
medito sobre o tempo.  
Sou o depositário do remanso que se espraia,  
do magnetismo da água,  
da melancolia mansa do dia.  
Caminho entre florações, no pulso da maré.  
Observo as ondas acesas, o campo ígneo,  
espelho escuro que as nuvens clareiam.  
Cratera num manto de espesso musgo.  
Uma gaivota voa, no sentido anti-horário.  
Faz um círculo, desaparece.  
Mais que ver, a ciência consiste em perscrutar  
e respirar.  
O nevoeiro flui.  
Súbito, descortina-se o perfil da alta estátua.  
Tenho os sentidos alagados em luz.

## COSME VELHO

O ônibus transitava pela Rua Senador Vergueiro,  
parando diante das palmeiras do Largo do Machado.

Árvores imemoriais resistem à invasão metálica.

Na Rua das Laranjeiras, como outrora,  
cintilam samambaias nas varandas.

O Colégio São Vicente de Paulo  
acende a aura de um momento...

A Rua Rumânia, de encanto medieval.

Não havia esse cheiro de mijo nas calçadas,  
nem temor de balas fratricidas.

Não sumiu na fumaça a nostalgia do livro da vida.

Infiltrações de luz entre paredões.

Além do Largo do Boticário,  
a cidade tem sabor de mistério:  
floresta, murmúrio d'água,  
casas incrustadas na montanha.

## **INSTANTE NA URCA**

Minha solidão, os barcos, a inquietude do mar  
e o tempo nebuloso...  
O frio insólito de setembro,  
essa angústia dos carros na rua estreita...  
Mas, ao menos a perspectiva é de alumbramento.  
Em mim, a visão dos prédios é um arco-íris,  
com a esperança de um tempo que se reconstitui.  
Que esse desejo de sol me aqueça o gelo interior  
e derrame azul na moldura da paisagem.  
(A cidade se descortina em sinuosas simetrias.)  
Aves do céu, trazei os fulgores do dia!

## **A IGREJA DA PENHA**

Entre favelas em que se acendem casas amontoadas,  
a Igreja é um altar acoplado à pedra,  
um farol sobre a várzea colorida.  
A insígnia da Ponte coroa a perspectiva.  
Policromáticas edificações:  
o povoamento gradativo agarrado à encosta.  
Alarido de cães, gritos de crianças,

batucadas, fogos de artifício...  
Montanha cravejada de casebres,  
a favela é um vulcão de expectativa.  
Relíquia sobre a erupção,  
a Igreja repousa em meio ao paradoxo.

## MEDITAÇÕES LÍRICAS

Ó veleiros velozes!  
Velo nos desvelos da vigilância.  
Ó pasmo perecível!  
Vertente de perplexidade!  
Ó ventos, ó vozes,  
ó fontes do imponderável!  
Que faço diante do tempo como se não o habitasse?  
Estou aprendendo a lição das ondas:  
a vida só tem sentido se florida de amor.  
Quisera abraçar todos os homens  
e adorar todas as mulheres!  
Ó vida vazia se não comungamos o ideal fraterno!  
Ó Supremo Ser!  
Como não ser este transtornado de angústia existencial?  
Hei de sentir fé como certeza feliz  
e ouvir o mar com o encantamento de outrora.  
Hei de refazer a disciplina do cotidiano  
e ser mais fiel à minha consciência.  
Sou eu este que se desespera de tédio?  
Sou o que contempla o mar embevecido.  
Que sei de mim e do Outro?

Estou meditativo diante do mar.  
O acalanto das ondas ressoa em mim.  
Estou num remanso aflitivo,  
ouvindo melodias no vento.  
Emocionado de súbito enlevo,  
meu pensamento é uma miragem.  
Tanta recordação me envolve,  
tanta expectativa me alucina!  
A saudade chega com melancolias cantadas pela tarde,  
suavidades românticas.

A fantasia do ontem permanece em toda parte.  
Uma atmosfera encantada guarda o meu segredo.  
Canções de inquietude povoam a minha insônia.  
Estou sonhando acordado.  
Meu hoje é só lembranças.

A música que eu ouvia com encantamento,  
hoje me magoa de nostalgia.  
A noite era a porta das aventuras.  
Agora é uma caverna, cujas sombras me habitam.  
Minhas atitudes reduziram-se à inércia mental.  
Disfarço a diferença sob a máscara dos sorrisos.  
Até as nuvens eram mais claras,  
o horizonte propício à religião do amor.  
Carrego nos ombros um fardo de ansiedade.  
Vivo em desespero lírico.

Já não tenho tempo para o que não seja morrer de paixão.  
Tenho os nervos em frêmito, o coração sobressaltado.  
Anoiteceu e a esperança é um fantasma que chora comigo.  
Mas não lamento nada:  
tenho o sabor das lágrimas,  
essa riqueza de amar.

Aquela tarde em que eu te falava da atração das almas.  
Aquela claridade no mar  
como esse luar inebriante.  
Eu te falava de um prazer luminoso,  
além das carícias da pele.  
Eu te oferecia as tonalidades do céu,  
a paz das luzes azuis.  
Foi tudo uma torrente, um redemoinho  
que rodopiou comigo num vendaval.  
Estou ainda atônito nesse mistério.  
Permaneço perplexo, encantado  
e tenho as sensações translúcidas,  
depois daquele oásis de emoção.

Imergi no âmago do tédio.  
Preciso acreditar de novo na perspectiva do futuro.  
Preciso me reanimar na contemplação das manhãs.  
Mas, na saudade dos gloriosos momentos,  
são trevas o presente, o passado é luz.

Quisera trocar a escuridão desse dia  
pela noite em que viajei sobre o esplendor.  
Durmo hoje, sonâmbulo.  
Outrora despertava em plenitude.  
Eram corcéis as horas daquele tempo.  
São velórios os minutos.

O mar chora comigo.  
Um céu sem cor  
como eu, sombrio, de procelas transido,  
discorre ante os meus olhos sem fulgor.  
O mar parece que se lamenta como eu.  
A lua foge do céu  
quando converso com a minha solidão.  
Eu tão sofrido!  
Na rua da amargura, consumido de perdição.  
O amor me avassalou com seu mistério,  
escravizou-me ao fulgor da beleza.  
Vê a incerteza do meu firmamento!  
A natureza pródiga, encantada,  
forjou para delírio dos mortais,  
qual chuva que ilumina a madrugada,  
uma dádiva que a vida me trouxe  
entre ternuras, um raro esplendor.  
Amor feriu-me de transida seta.

E nada me parece certo ou sério,  
se não provém dessa delicadeza,  
desse prodigioso quebranto que mudou meu pensamento.

Tristes são as tardes em que os poetas morrem de amor.

Maio com suas amenidades,  
o ar festivo de certos logradouros,  
os transeuntes banais e os edifícios decadentes,  
na alegre estação,  
se me afiguram dolente amargura.

Que eu só quero contemplar os astros,  
embriagado de lamentos  
e sentir nos ares os perfumes que bebi outrora!  
Para exorcizar os tormentos em que me agito,  
um sossego ilusório vibra  
no deleite da brisa.

Voga o barco ligeiro do meu pensamento  
no transparente lago das minhas lágrimas.

Estive doido durante algumas semanas.  
A vida me submeteu a um tratamento de choque.  
Mas ai, despótica lucidez,  
resistirias a um novo assédio daquele desvario?  
Desprezarias a magnitude daquele fascinante afã?  
Pois eu troco dez anos de sensatez  
por alguns dias daquele delírio.

Consagro a alma à mais dissoluta vertigem,  
antes que ao discernimento da razão.

Dou todo o oceano do juízo  
por uma gota daquela temeridade.

Mil vezes o ardor daquela ferida  
que o frio bálsamo desta indiferença.

Esperança, pão dos aflitos,  
nesta casa abandonada,  
gelado de expectativas,  
ponho-me ao abrigo do teu divã.

Às fontes encosto o ouvido,  
perscruto o presságio dos pássaros,  
consulto os numes.

Os véus noturnos nada me anunciam.

Em frente há uma montanha árida,  
a torre de uma igreja mal-assombrada,  
com ápices ameaçadores.

Sou um rei despossuído,  
um ex-barão assinalado,

cujos tronos são sarcófagos sobre tapetes de ausência.

Espero ainda palavras lindas como flores?

Ainda que os meus olhos se extasiem diante do esplendor,  
esta comoção me pesa sobre a alma  
com a perspectiva de um relógio parado.

No ermo, verdugo de mim, indago aos meus suspiros:  
haverá notícia alvissareira?

Que restou de tanto encantamento?  
Da luz das coisas pretéritas?  
Da comoção de tanto esplendor?  
Abro a porta diante do nevoeiro,  
transponho os rochedos da noite atroz,  
sob o influxo das horas pesadas.  
Meu refúgio é a miragem das ânsias.  
A vastidão do mar é a minha única companhia.  
Até quando estarei distante do meu astro?  
Quando é que meu coração nunca mais há de ser triste?

Era uma vez um tempo banhado em luz.  
Um tempo de ígnea transcendência.  
Os sentidos imersos em dourada brisa.  
Um tempo que explodiu na viagem dos sentidos.  
O silêncio se fez amargo com um frêmito.  
Um presságio na espuma dissolvida.  
Memória de anoitecida quimera.  
Foi ontem, foi agora, tenho ainda nos lábios a maresia,  
o aroma, ao sol que arde depois da névoa,  
nos cristais do mar.  
Estou de mãos vazias.  
Mas o que passou renasce no vento,

orvalho que escorre na cinza fria,  
ocaso que refaz a saga dos desencontros.  
Estrela da tarde, viajante do enigma,  
madrugada nas encruzilhadas.  
Os gatos gemem sob o luar.  
Que venha a mensagem das constelações!  
Dádiva perfumada de maravilhas,  
relâmpago em todos os quadrantes!

A noite murmura o nome do meu sonho.  
Olhos que me espreitam dos abismos do tempo.  
Um rosto emerge dos escombros do exílio.  
Porque entrei nos espasmos da doçura,  
escuto adágios nas súplicas do vento.  
Estrela votiva, âncora do meu barco à deriva,  
o que foi argonauta das tuas carícias  
navegará ainda entre os cardumes do teu sorriso?  
Colherá pérolas de vertigem nos teus sargaços?  
Nas brumas da solidão, à luz dos astros,  
passará no jardim das delícias?  
Sob a poeira faiscante do céu,  
colherá gestos belos como a flor que brota de madrugada?  
Ó palavras que consolaram o menino triste!  
Ó mãos que suavizam o dolorido sentir!  
Lábios que são água no deserto da sede.  
Meu pensamento é um cismar em horas vazias.

O dia é para mim uma viagem noturna.  
Pássaro de espuma no tropel das ilusões.

Como era sentida a vida nos idílios de um lugar!  
Como as noites eram suaves!  
No alto mar claras candeias,  
o meu ideal e o alento dos faróis brilhando ao vento.  
Luar de sonho na visão.

Como era sentida a vida nos pomares dos quintais!  
Nos jardins a luz dos rosais: um oásis de ternura.  
Nos ares fluía um sonho: primavera de esplendor.  
Como era ditoso o tempo de cantar pelos jardins!  
Como as tardes eram de paz!  
O mar quebrando num quebranto.  
Nos mirantes brisa leve.  
Céu de amores no horizonte.  
Madrugada de emoção.  
Teu nome escrito nas jangadas.

O dia é para mim qual noite escura,  
a solidão me espreita dos abismos,  
na penumbra espero aurora de esperança,  
entre os escombros da ilusão.  
Na voz do silêncio,  
entre as brumas da lembrança,  
coração desesperado,

escuto os acalantos de um segredo,  
pensamento a velejar.

Noite em mim, o luar nasceu.  
Jardim de emoção, silêncio sem paz.  
Onde estás, flor do céu?

O meu recordar acende no vento um perfume de amor.  
Como estou tão sem fé, tão só, no meu desengano!  
Caminhar contemplando o mar  
é lembrar nas luzes do cais aventuras de abril.  
Eu vou andando, sem rumo e sem fim,  
sonhando com um tempo que foi a glória da vida.  
Entrego ao mar o silêncio do adeus.

Do mais maravilhoso esplendor  
o jardineiro da vida consola o meu pranto!  
De todos os perfumes, a essência verde.  
As violetas, os cristais e os diamantes,  
as visões sublimes  
e toda a imensidão da natureza  
cabem num gesto humano.  
A magnanimidade das folhas na floresta,  
a arejada sombra da vertente,  
os canoros pássaros encantando a clareira,  
o momento da mais alta reflexão,

o sol destilando fluidos dourados,  
todas as vibrações etéreas e luminosas  
encontram-se agora no meu pensamento lírico.

Porque vivi o êxtase da fantasia,  
já não sinto aflição diante de ti, silêncio!  
Não lamento a dissipação dos momentos sublimes.  
Oscilo entre o que sou e o que recordo.  
Sei que a juventude não é mais que um dia.  
Mas se a jornada foi de plenitude,  
ando sereno ante o assédio das horas.  
Os archotes brilham na caverna da lembrança.  
O cinzel do tempo borra as mais nítidas imagens.  
Implacavelmente, distancia a memória da chama fascinante.  
No pensamento se afigura a visão do que se perdeu.  
Mas estou rendido à voragem do tempo.  
Entrego-me à vertiginosa corrente,  
ainda que não regresse o júbilo na roda da fortuna.

Não tem carências quem bebeu o soma  
e fez oblações no altar do tempo.  
Não tem ido nem porvir,  
imerso em completude,  
quem degustou o paroxismo dos tantras.  
Quem contemplou tamanha beleza

não conhece esperança nem agonia.  
Atado ou desatado,  
foi afortunado quem desfrutou  
o almíscar, o jasmim, o âmbar e o sândalo.  
É afortunado quem vê a transparência em cores vivas.  
Quem recorda o que faz esquecer todas as coisas,  
mas não esvazia o cântaro de sombras  
nem os prodígios da sua evocação.

Entardece a manhã no vôo do pássaro esperado.  
Eu me exilarei num pântano deserto.  
Minha cidade desmoronou.  
Nas remotas paragens  
perdeu-se o menino que brincava no jardim.  
Neva sobre os rios.  
Esfuma-se a visão da estrada percorrida.  
Onde florescem os alegres pensamentos?  
O marinheiro anseia uma ilha insondável.  
O irrevogável escreve o seu decreto.

Música que me ilumina o espírito,  
expressão abstrata do supremo ideal,  
energia que faz o mundo brilhar,  
expansão de luz que me faz irmão das criaturas,  
eis aqui alguém que compreende a vida!  
Desfruto em cada poro os fluidos da natureza,

alimento-me da harmonia das formas  
e a alegria de toda pessoa é a minha alegria.

O vento que acende a folhagem,  
os pássaros que realçam as cores do dia,  
o azul que das alturas revigora o planeta,  
eis as insígnias da minha bandeira.

Tudo o que me alegra me deprime.  
Deliro de regozijo.

Tudo passou, mas vivo consternado,  
transtornado de esperança.

Vivo em transe, translúcido diante do cristal das fontes.

Estou como a ave noturna.

Num chão de pétalas,  
viajo num transporte de enlevo.  
Estremeço diante da clarividência.

Estou sereno e grave.

A dor é invisível.

Estou fremente, frenético...

Vivo absorto, arrebatado,  
em liberdade, preso por amor.

Tenho por teto a luz prateada dos astros.

O Altíssimo encheu-me a taça de néctar.

Bebo alentos na noite acesa.

Sorvo em haustos a consolação.

O plenilúnio me é propício.  
Como me transbordo de contentamento?  
Como escolho entre as flores a mais formosa?  
No inverno ou no outono, ando primaveril.  
Ninguém conhece o meu desespero.  
Mergulho no oceano sentimental  
e venho à tona com tesouros inimagináveis.  
Como descanso nesta expectativa serena?  
Como é que, em vertiginoso fulgor,  
desfruto de prazer?  
Diante do cristal das fontes,  
os olhos sedentos de beleza,  
quem, como eu, não tem na vida mais que um desejo?

Quanto esplendor nas coisas supremas!  
Luz sobre a asa do pássaro viajero.  
A perspectiva inebriante é o tempo que contemplo.  
Quanta magnificência na extensão das águas!  
Poente, em que te firmas?  
Onde o diadema único,  
a voz dos arcanjos e o céu das promessas?

Aqui jaz o meu sonho,  
morto no chão da vida,  
sob um céu vermelho,

aquém do arco-íris e do horizonte.  
As cinzas atiradas no rio da desilusão.  
(Ressuscitará *in memoriam*?)

Já duvido de tudo.  
Sou o próprio enigma.  
A vida corre como um rio imprevisível.  
Sou o porta-voz das fraquezas humanas.  
Considero difícil controlar os instintos.  
Os sentidos me confundem nas sensações da fantasia.  
Não herdei a coragem do meu pai,  
nem a bondade da minha mãe.  
Sou rebelde às leis morais  
e vejo os seres cheios de mistério.  
Entre o meu olhar e o que vejo há uma sombra.  
Vivo em transgressão deliberada.

Quisera ser Catulo ante as delicadas pétalas de Lésbia.  
Quisera ser Menelau,  
digladiando pelos instintos de Helena.  
Quisera ser Zeus, mudado em cisne,  
sobre os mamilos de Leda,  
ou disfarçado de chuva, molhando o púbis de Danae.  
Quisera ser Poseidon,  
pólipo enlaçado às coxas de Anymone.  
Ser Apolo, vilão, sondando

a fragrância inebriante de Dafne.  
Ser Plutão, na penumbra,  
entre as pernas da bela Perséfone.  
Quisera ser Dionísio, de falo adorado pelas Ninfas!  
Ser Hipólito, seduzido pela despudorada Fedra.  
Quisera ser um rapaz de Atenas,  
debruçado sobre a Hetaíra.  
Ser um fauno, espreitando o banho de Frinéia.  
Quisera ser todos os que se consagraram  
nos ritos do amor!  
Mas, nas tardes amargas,  
fico olhando as estradas do mar.

Entre o alto e o profundo  
capto as visões do meu telúrico ideal.  
Unifico-me na dimensão contemplada.  
Abriu-se o templo:  
claridade nos quadrantes do meu verão.  
Encharco-me de lágrimas inverniais,  
desfolho-me, angustiado de outonos,  
floresço em primaveras sentimentais.  
Mas sou o paroxismo do paradoxo:  
entre o alto e o profundo jaz a minha experiência mental.  
Altura e profundidade regem a minha prática lúdica.

Quisera compreender o meu pensamento

através de conceitos,  
pensamento ativo, concreto.  
Mente plena de si mesma  
e das idéias da alma e sua realidade.  
Quisera entender a razão libertadora de mim,  
na solidão dos meus sentimentos.  
Não quero mais o mundo como inimigo.  
Preciso reabilitar-me perante a sociedade,  
mas o que é a sociedade dos homens  
que justifique uma atitude de condescendência?  
Não devo nada ao sistema de valores  
que os mortais forjaram para o seu próprio cativeiro.  
Só a mim e às vozes de Deus tenho contas a prestar.  
O resto é silêncio.

Entender a verdade nas manifestações artísticas,  
os sentidos encantados pelas emoções intuitivas.  
Sentir-me satisfeito num mosteiro  
e ter a verdade impressa no coração.  
Todos se sabem racionais em suas concepções.  
Só eu não me acalmo,  
mesmo tendo o dom destes alumbramentos.  
Meu coração, por que entristeces  
quando a noite cai sobre a cidade?  
A cidade me dá repugnância com suas entranhas fétidas.  
A noite está encantada pelos ventos lunares

e tem um guia nesta hora,  
quem navega em águas abissais.  
Nos ermos ou na floresta,  
a ave perscruta os ares,  
buscando nas sombras a direção do ninho.  
E se esta noite a lua cheia é guardiã,  
por que entristeces agora, meu coração?

Entre o que vejo e o que sinto existe um abismo.  
Minhas percepções rejeitam as impressões que tenho,  
causando o atrito de estar entre as pessoas  
e a devastação das coisas.  
Perplexo ante o quadro macabro do desespero humano,  
fujo do precipício do passado  
e me lanço no desperdício do futuro.

Eu vencerei as duras provações.  
Saberei retirar libações puras  
do fundo do oceano de veneno.  
Conquistarei a taça dos heróis.

Eu lia um livro que o tempo me tomou das mãos.  
Recuperei-o depois e era um tesouro, um vento,  
natureza que se ofertou.

Adentrei os pórticos da infância:

era tristeza, era o desterro,  
a plenitude violentada e o sonho infamado.  
Quis o mundo e me perdi no invisível.  
Caí no pesadelo de suportar os dias irreais.  
Dar razão a todos, renunciar-me, perder ilusões.  
Negar esperanças, arrastar ergástulos de mim.  
Recostar-me à margem dos precipícios,  
vencer-me os tremores místicos,  
curvando os ombros e envelhecendo...  
Ah, vida feita de resignar-se...

Poeta, lembra-te de Zoroastro  
e acende a chama na planície do coração!  
A poesia é divina  
e cada poeta é grande em sua dicção.  
A inspiração não escolhe a quem,  
mas antes vem o mérito e o dom da recompensa.  
Vejo os verdes montes cobertos de ternura  
e recolho os madrigais da ventura.  
Poeta sou e de ânimo celeste coroei-me a frente.  
Não por mim mesmo, mas pela fonte do dia.  
Pela luz das serenas alturas,  
pela estrela rútila das madrugadas.  
É por ela que venho colhendo alvoradas.

Ontem, alma embargada de travos de amargura,

pesavam-me turvos pensamentos.  
    Infenso à ínfima psicofera,  
    carpia as mágoas do sentir.  
Nas minhas incoerências refletiam ecos da dor do que fui.  
    Angústias, neurastenias,  
    lágrimas que chorei sem lágrimas.  
    Noite na aura e o torpor dos remorsos,  
    erosão borbulhando, toldando as águas íntimas,  
    redemoinhos revirando o pó das emoções.  
Hoje, um fabuloso fluxo de energia lançou-me a outro pólo.  
    Estabeleceu-se um turbilhão de memórias em mim.  
    Índio que me tornei no meio do tempo.  
    Como as coisas do mundo me decepcionam!  
    Só na contemplação entendo o colosso da vida.  
    Estranho como a vida se faz urgente, de súbito!

    Pelas teias do arrebol,  
    quis-me a fortuna iludir.  
    O poente esconde o sol,  
    mas é de aurora o porvir.

    Errante no tempo andei,  
    em sonhos mirabolantes,  
    por paraísos distantes,  
    feliz; de mim mesmo, rei.

Onde um salgueiro gemia  
em solidão fui sentar.  
Tarde cinza, brisa fria,  
me perdi no meu sonhar.

O mundo começa aqui,  
nesse momento de outrora,  
pois tudo quanto senti  
revive o luar de agora.

O lugar de tal virtude  
é o tempo de sempre amar.  
Mergulho de plenitude,  
tempo de eterno voar.

No abismo da noite acesa,  
um anjo me conduziu.  
Libertou minha alma presa,  
seu olhar me seduziu.

# SINTAXE DO TEMPO

## O MONSTRO

Que ventre produziu tão feio parto?  
Augusto dos Anjos

Que estranho laboratório infernal  
forjou tal monstro insólito, vezânico,  
um fantoche de caudilho imperial,  
híbrida aberração de horror tirânico?  
Que mórbido projeto colossal  
engendrará tal promotor de pânico,  
governador da província global,  
um juiz de guerra, com furor satânico,  
que infringe códigos de “a” a “z”?  
A humanidade não sabe porquê  
nem onde vai levada pela mão  
do demente energúmeno que vê  
ajoelhar-se a seus pés a multidão.

## **FUGA NECESSÁRIA**

Como fazer para que não percebam  
que conheço a psicose deles?  
Como suportá-los, sem que eu me torne um deles?  
Como não me confundir com a doidice deles?  
Como não revelar as nossas diferenças indiscretamente?  
Como adaptar-me à pontualidade absoluta?  
À subserviência da arte de dizer sempre sim?  
À hipocrisia ridente em nome de interesses espúrios?

## **CONDIÇÕES**

Se o que vale é a violência, a patifaria e o cinismo,  
é que gatunos, descarados e assassinos  
estão governando o mundo.  
Não cabe eufemismo.  
Se exércitos mercenários atacam, pilham, depredam,  
fazem de tudo um curral, uma curra geral,  
é que o importante é fabricar vítimas,  
produzir cadáveres.  
Não cabe outro álibe.  
Se a agressão forja miséria,  
engorda as burras dos ladrões internacionais.  
Se o óbolo da infâmia recompensa o homicida,

é que a extorsão é intrínseca ao sistema econômico.

Não cabe fantasia.

Se a fraternidade é palavra proscrita,

e o que vale é a vingança,

o culto da morte com declarações de boas intenções,

é que querem tornar o homicídio um ato heróico.

Querem, enfim,

que exista uma ética da covardia e do crime.

Não há sofisma.

Para incremento do delírio, mais dinheiro e mais armas,

proclama o incendiário.

Cada tiro gera uma enxurrada de pânico.

O medo faz parte do programa de governo.

Nos labirintos da psicose alarmada,

os territórios ocupados valem esses disparos,

essas detonações e esse medo.

Não cabe outro axioma.

## FOTOGRAFIA

O jornal mostra o menino ferido.  
Tem nove anos e a perna decepada,  
curativos no nariz e nos braços.  
Uma venda manchada de sangue nas costas,  
Balas encravadas na cintura e um catéter no peito  
para evitar que se colapsem os pulmões.  
Cercado de uma mulher vestida de negro  
e um homem de branco, rostos contritos,  
paralizados de horror, medo e sofrimento no olhar.  
Há centenas de meninos assim,  
estropiados, amortalhados, crivados de metralha,  
o sangue jorrando entre mercenários bêbados de sadismo.

## CIRCO

Que prodígio! Que fenômeno!  
Venham assistir ao idiota inteligente.  
Venham ver o oráculo demente,  
o mágico que, travestido de morto,  
saboreia o coveiro.  
O manhoso palhaço mutreteiro,  
bufão que se crê preponderante.  
Venham ver o tropel de especialistas

em desobedecer à natureza!  
Venham ver a oligarquia de adutores.  
O nepotismo disfraçado de vezo aristocrático.  
A intriga como empuxo ascensional.

## **ESTIGMA**

Por mais que te desdobre em controles,  
inspeções, suspeitas, ameaças, espionagens,  
não poderás apagar o estigma.  
Por mais que exerças arbítrio sobre os excluídos,  
submetidos, algemados,  
não poderás apagar o estigma.  
Por mais que argumentes com estratégias,  
calcomanias, supremacias, invulnerabilidades,  
agressões, transgressões e desvarios,  
não poderás apagar o estigma.  
Por mais que espanques, abuses, violentes, esfoles;  
que apliques choques elétricos,  
que arranques unhas e olhos,  
que globalizes a intolerância e a hemorragia,  
não poderás apagar o estigma.  
Por mais que proliferes feras, pragas, dragões;  
por mais que multipliques espadas de fogo,

tentáculos, abominações, garras de fúria e mentiras,  
nunca poderás apagar o estigma.

## **INCITAÇÃO AO NÃO-COMBATE**

Sabes tu, soldado néscio,  
que essa metralhadora te tornará um homicida?  
Sabes o que colherás por matares os teus próprios irmãos?  
Sabes tu, soldado néscio,  
que com cada tiro que disparas  
assumes a condição de assassino?  
Sabes que foste treinado para cometer crimes,  
para infringir códigos penais  
e serás réu perante as leis humanas e divinas?  
Não te envergonha  
carregar essa metralhadora  
com que privarás de viver  
um semelhante teu?  
Que a morte da tua vítima pode ser a morte de órfãos  
que padecerão fome e desespero?  
Que pagarás por todo sofrimento  
causado às famílias enlutadas,  
cuja dor com igual intensidade sentirás um dia?  
Não te impressiona o choro convulsivo das viúvas e mães  
por causa dos teus disparos?

Não desconfias de que o teu gesto  
produzirá miséria e doença  
e que és responsável pelos cadáveres que forjares,  
pela infâmia que semearás com tuas tristes mãos,  
essas mesmas mãos que deram pão e vida a teus filhos,  
à tua mulher, aos teus irmãos?

Não te comove a expectativa de que te matem  
e seja tua família relegada ao abandono e à pobreza?

Ó insensato imbecil!

Acaso não tens sentimento, és uma máquina,  
uma máquina de matar?

Mas se tens a mínima consciência  
de que produzes a tua própria desgraça,  
de que é uma tragédia partires do teu lar  
rumo a uma terra ensanguentada,  
em obediência a monstros odientos,  
e se te reconheces um pária louco,  
manipulado por megalômanos idiotas,  
submisso a esses enganadores,  
livra-te dessa escravidão maldita,  
permite a ti mesmo a trégua definitiva,  
volta-te a teu próprio juízo,  
para de proceder imbecilmente!

Verás quanto alívio em despojar-te de tão miserável fardo!

Verás que o teu maior triunfo é a deserção!

Teu mais inteligente ato, recusar a violência!

Teu único heroísmo, abominar as armas!  
Só com a vitoriosa coragem de deixar viver  
vencerás verdadeiramente.  
Cuidarás das feridas que provocaste,  
consolarás os que alfigiste  
e te perdoarás pelos crimes perpetrados.  
Depois, regressarás a teu país,  
recordando a terra inóspita  
onde a tua consciência abominou a violência.  
E já não serás um soldado néscio.

### **A SÍNDROME DE CAIM**

Vê como nós compramos a ouro  
essa carnificina de alhures!  
(A televisão mostra um homem encharcado de sangue,  
que rola no chão e grita,  
enquanto explode um fogo ao redor de uma Igreja).  
Mataram índios, massacraram negros,  
aniquilam corpos e almas.  
E aqui se macaqueia a psicose facínora.  
Assimilemos a paranóia deles,  
o sado-masoquismo.  
Querem que o mundo aprecie a horripilante cena?

Querem que nos imbecilizemos,  
que nos destruamos uns aos outros  
em guerras fomentadas pela loucura deles.  
Milhões de criaturas assassinadas.  
Um mar de sangue jorra nos confins da terra.  
Eles financiam o fratricídio:  
perigosíssimos débeis mentais,  
enfermos que estão  
de que doença?  
Da síndrome de Caim?

## **CAUSA E CONSEQÜÊNCIA**

Eis um conceito bizarro de democracia:  
substituir um governo opositor  
à custa de milhares de homicídios.  
O ódio nascerá desses atos infames.  
Com as migalhas, a sordidez.  
Bombardear outros países, derrubar os seus governos:  
a revolta germinará das agressões.  
Com os aduladores, a autoflagelação.  
Com as bombas, o Natal.  
Com o petróleo – os disparos.  
Uma voz no aeroporto:  
“Favor evitar problemas de segurança,

não deixando bagagem desacompanhada”.  
Com a cobiça, o metabolismo dos sapos.  
Com Dionísio, os pênis arrancados dos altares.  
Eis a forma mais cínica de autodefesa:  
vincular a força bruta aos valores espirituais;  
devastar o mundo para melhorá-lo.  
Outras vozes ecoam no mundo:  
“Favor evitar problemas de segurança,  
eximindo-se de bombardear o território de outros países!”

## **PRAGMATISMO E TÂNATOS**

Isso é que é ser pragmático:  
se morre alguém, esquece!  
O dia borbulha tarefas na caldeira da repartição.  
Projetos, compromissos, vantagens a maximizar.  
Que importa o morto?  
Urge a coisa dos vivos – vivíssimos.  
O falecido teve o seu momento e está nos jornais,  
na forma de fotografia e editorial.  
“Deixou obra digna de antologias,  
pena que seres de sua bonomia  
interrompam sua contribuição à decência.  
Paz a seus restos”.  
Isso é que é ser pragmático.

Morreu? Era parte de nós?  
A nossa parte está intacta  
e circula no corredor com nossas ambições.  
Importa o que somos. Não quem foi.  
E somos esse afolivo de emergências,  
esses objetivos funcionais,  
papéis imediatos, obsessões, etc.  
Quanto à destreza expositiva do morto,  
Quanto à família do morto,  
Quanto à...  
Deixemos disso, não há perdas irreparáveis  
e há autoridades em perspectiva,  
há documentos por despachar,  
não como se despacha um féretro.  
Vamos, sejamos pragmáticos,  
declara-me, menos com palavras que com gestos,  
o executivo que trabalha na sala ao lado.  
É verdade, a morte não tem sentido prático  
(nem a vida).  
Mas para mim era um poeta  
e mesmo que fosse outro difunto  
Significaria sempre o mistério.  
Era um poeta,  
e a poesia não é útil aos planos do interesseiro.  
Mas uma imagem me manteve o dia melancólico.  
É a recordação do poeta Enriquillo Sánchez,

que teve apenas o que deixou por escrito.  
Não é preciso ser pragmático, definitivamente.

## **CIDADE SODOMITA**

Não mereceu do mar um grão de areia  
a cidade sodomita.  
Os mosquitos e a companhia de eletricidade  
fizeram um pacto  
com os vendedores de doce e os dentistas;  
e os petroleros do West com os fabricantes de armas.  
Os provedores de combustível  
regam plantas nos jardins da crise,  
e o governo negocia com Maquiavel.  
Os pintores de garatujas dialogam com os turistas  
e até a ardente claridade mercadeia com os ventiladores.  
Tudo é comércio nas ruas de luxo e lixo.  
Os guardiães concordam com a escuridão e o desemprego.  
A lixeira celebra o seu convênio com os ratos e a carniça.  
As clínicas se harmonizam com os buracos das calçadas.  
O engarrafamento com os postos de gasolina,  
os furacões com a arquitetura e o calor.  
Tudo é concordância, até a escolta presidencial  
se entende bem com os semáforos apagados.  
Até os bancos parecem feitos para o FMI

e os soldados para o conflito multinacional.  
Até os revólveres e as camionetas  
celebram bodas com o dinheiro fácil.  
Dinheiro desinfetado com detergente narco-cabrão.  
Tudo é entendimento: cem anos luz de concórdia.

### **SURDO AOS CREDORES**

O velhaco é inacessível como a bunda de uma monja.  
Arisco como os motoristas espertalhões.  
Cruel como os play-boys de metralhadora.  
É um felino (pra não dizer gatuno);  
está sempre onde não se espera,  
nunca onde é esperado.  
Reza o “perdoai as nossas dívidas”,  
e ainda que não rezasse, não as pagaria e as apagaria.  
E as não paga. As não é quem não as apaga.  
Que as pague o diabo – príncipe da usura,  
ou a concumbina do cura – que de fundos não descuro,  
ou o próprio vigário que retirou a frase do sacrário.  
Pague-as o penitente blasfemo  
ou o puritano incauto.  
O velhaco é antes de tudo um hedonista:  
«culpa é passatempo de indolentes».  
Levar vantagem, competir, agressividade,

isso sim é vocabulário de executivos.  
Que sentido terá para o figurão a palavra ética?  
Supostamente conhece o termo.  
Julgará que é coisa de filósofos arcaicos.  
O velhaco é agil – um pé no pedágio,  
outro no ágio e outro no acelerador.  
É tão sagaz que – dizem — nem cheira o próprio gás.  
Realista: os quatro pés sempre no chão.  
Não é nenhum tonto,  
no país em que se tem direito a tudo:  
da mendicância à degradação da natureza.  
Tem mil razões o velhaco  
para arrematar: pagar dívidas é coisa de otário!

## CAUTELA

Cuidado com as mordidinhas do Butatã.  
Cuidado com a cobra  
que devora os seus próprios filhos.  
Cuidado com a sombra do fantasma fictício  
e com a asfixia do pseudo-salva vidas.  
Cuidado com a cunha da cunhã  
e com o cunho do cunhado.  
Cuidado com a má (conha) e com a boa conha.  
Cuidado com o cão canhestro,

com o decano acanhado,  
com o cânone acanalhado.  
Com o biscoito depois do coito.  
Com a carótida do Caronte,  
com o cérebro de Cérbero  
e outros cuidados.  
Cuidado com o lobo do homem,  
com os urubus, os carcarás, os cardos,  
as urtigas, os répteis  
e outras feras da selva repugnante.  
Cuidado com o marca-passo da vigilância.  
Com o puxa saco que se dá bem nos cus-de-mundo.  
Com o bandido Asmodeu disfarçado de Serafim.  
Com o Preboste de palidez marmórea  
e esgares indulgentes.  
Com o riso bonachão do sinistro debochado.  
Com os estigmas indolentes do ansioso.  
Com métodos de maximização do abjeto.  
Com a boca torta do indecoroso.  
Com a síncope no abdômen do vampiro.  
Com a sensação de sufoco que transmite o maroto.  
Com as caretas do tremebundo  
que de tudo tira proveito.  
Com a dúvida risadinha do mesquinho.  
Com aquela ladainha hipócrita da figura eminente.

## AVISOS FÚNEBRES

Não posso continuar assim,  
tendo uma casa assombrada na alma.  
Clarões de lua nos espelhos,  
nos vãos sombrios de escada,  
nos porões silenciosos.  
Há mulheres armadas para o martírio,  
fragmentos de gente pelos ares.  
Por trás das colunas e paredes escuras,  
os fantasmas se apoderam dos gatos  
que gemem danadamente sob o influxo lunar.  
Os refugiados afogam-se num charco de sangue  
Os homicidas traficam à ponta de pistola,  
Os agentes de segurança cobram para não assaltar.  
O cartel bélico tem sequazes confiáveis.  
Horrores espetaculares  
transitam ao redor do matadouro.  
Governos delinqüentes estampam ícones de altivez.  
O transbordo das armas atômicas,  
pedras contras tanques, gritos contra mísseis.  
O soldado que dispara contra o medo.  
Noite de velório sobre o mundo.  
Quem pode continuar assim?

## **DA ZOOPROTEÇÃO**

É crueldade maltratar os animais.  
Há que erradicar o crime contra esses pobres seres.  
Toda a Europa reprime esse delito  
e os Estados Unidos impõem a cominação  
e a punição dos delinqüentes  
que matem qualquer tipo de animal,  
(exceto os de inteligência superior).

## **NO TEMPO FUTURO**

Quem viu no tempo futuro  
que o mundo seria mais puro?  
Na nova era irrisória,  
veio turbamulta inglória,  
as consciências apodrecem,  
chavelos do cão cresceram  
e os escrotos dos esgotos,  
gángeters e amigos da onça,  
vão tocando a jeringonça.  
Heróis da guerra das raças,  
da destruição das massas.  
Cadê o milênio? Gorou.  
Quem foi que profetizou

a vida estrada florida?  
Veio o inferno vaporoso,  
simulacro do mafioso  
e da diáspora mental.  
Pobre profeta banal  
que sonhou tudo ao revés!  
Meteu aos mãos pelos pés,  
viu os sorrisos de Deus,  
inflorescências nos breus,  
e paz nos jardins da Terra.  
Viu quimeras nessas feras.  
O desdém dos libertinos  
rouba o milênio de vez.  
E o deboche dos cretinos,  
assaltou a sensatez.  
E o mago da lucidez,  
em seu cândido delírio  
esqueceu-se do colírio?  
E em seu idílio inda sonha  
com jardins na Babilônia,  
o profeta sacripanta  
que bebe mijo de anta.

## MERCADO

Não há poesia nos jornais.  
A poesia não tem valor no mercado.  
Não há literatura na televisão.  
Só o dinheiro tem lugar na mídia.  
Violência dá dinheiro.  
Tortura e terror dão dinheiro, são competitivos.  
Quando o tempo não for mais abstrato  
hão de anunciá-lo nas bolsas.  
Será privatizado e levado ao tribunal  
por algum safado espertalhão,  
que pretenda ser o dono da patente.

## O MASSACRE DE JENIN

Crianças choravam e corriam.  
Famílias se escondiam nos porões.  
Franco-atiradores disparavam de cima dos prédios.  
Helicópteros Apache jorravam mísseis,  
despedaçando casas.  
Tanques passavam sobre os habitantes.  
Foram 71 mísseis, disparados em menos de 30 minutos.  
Os tanques e mísseis devastavam tudo.

Entre corpos esmagados,  
os que fugiam eram executados.  
Ouvem-se ainda tiros,  
enquanto os pequeninos choram de frio e fome.  
Há crianças que pedem explosivos para a vingança.  
A destruição foi total, avassaladora e desesperante.  
De vez em quando, um corpo é encontrado.  
Nasser Abu Hatab, deficiente mental,  
foi alvejado uma vez na cabeça  
e nove vezes no peito.  
Hafaf Dusoky foi assassinado através da porta,  
fechada por ele, para que não entrassem os invasores.  
Os assassinos espreitam.  
Fedem os cadáveres insepultos.  
De tudo (prédios, ruas e casas)  
restou uma vasta cratera de entulhos.  
Hoje, o holocausto é na Palestina.  
Nas aldeias arrasadas da Palestina.

### **O PIOR DOS MUNDOS**

De todas as atitudes, a pior é a violenta.  
De todas as violências, a pior é a armada.  
De todas as agressões, a pior é a covarde.  
Das covardias, a pior é a de um povo  
que massacra outro povo.

De todas as guerras, a pior é a hipócrita.  
De todas as ilusões, a pior é a loucura.  
De todas as atrocidades, a pior é a cometida  
sem justificativa.  
Imagine dezenas de lutadores de caratê  
atacando um paralítico.

### **DISCURSO OFICIAL**

*—Isso não é nada!*  
*Só, distorção deliberada*  
*ou negligência desculpável...*  
Em política tudo se perdoa.  
Afinal, os erros são coletivos:  
o povo delega,  
os mandatários torturam e matam.  
Dispõem para tanto de voluntários úteis,  
uniformes salpicados de sangue.  
Sobretudo, mentir como estratégia.  
O importante é sustentar a mentira  
até que se transforme em verdade.  
Afinal, ninguém tem culpa,  
já que não houve intenção de enganar;  
mas, de matar mesmo — e a guerra é humanitária.  
Que mal existe em liquidar populações?  
São medidas inumanas, nada mais.

Bombardeios mortíferos e exatos,  
que os sobreviventes saberão valorizar.  
O absurdo está nos atentados  
das milícias de rebeldes delinquentes.  
O crime está em não aplaudir os superprepotentes.  
Mas o chato é aguentar essas carniças.  
Exagera quem fala em hecatombe.  
Tribunal sim, mas para os genocidas de lá.  
Tortura e pena de morte aos bandidos internacionais!  
Afinal, o mundo está mais seguro.

## RECEITUÁRIO

Para que cesse essa algazarra do demônio  
e a cidade não seja um manicômio.  
Para aplacar de vez esses possessos  
e exorcizar a fúria dos perversos,  
corja que ri de tudo quanto é sério,  
haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério!  
Para infundir juízo a essa ralé,  
mais selvagem que a onça e o jacaré,  
esses pulhas infames, desalmados,  
esses sacripantas degenerados,  
cuja conduta suscita espanto e pasmo,  
haja blasfêmia, vitupério e sarcasmo.  
Para domar o instinto nauseabundo

da malta capaz de extorcionar o mundo,  
matilha que envergonha a humana raça,  
escória que ri da própria desgraça,  
malvados marmanjos com voz de fêmea,  
haja sarcasmo, vitupério e blasfêmia!

Para regenerar o pardieiro  
e livrar-se do golpe trambiqueiro,  
ardil que se disfarça de estultícia,  
pior que a banda podre da polícia,  
turba venal que não dá trégua ou refrigério,  
haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério.

### **FAUNA INSÓLITA**

Esse pavão não é mais do que um peru,  
esse leão não passa de um macaco,  
águia que degenera em urubu.  
Que colibri? Morcego de buraco!  
São rebentos bastardos do rei Baco  
e de Hetaíra, caprinos-batráquios?  
Crápulas híbridos, de minotauros simulacros.  
cavalgadas de funesto espetáculo.  
Unicórnios de bico, bucho e papo.  
Cães infernais, filhos de cobra e sapo.  
É peixe-boi, é boto e baiacú,  
é mescla de piranha e cururú.

Patões-chacais de boca no cu.  
Simiesco corujão de estranho agouro,  
Raposa que deleite e abutre, que decoro!  
Cachorros de quilate e escabroso rabicho.  
Que estorvo colossal, que atroz capricho!  
Certas transformações de gente em bicho  
e a tal espécie de animal demente  
aberração da fauna repelente

### **CÓDIGO URBANO**

A todo cidadão se assegura  
o direito de dormir nas ruas.  
Sujo, fedendo, doente de miséria.  
A todo cidadão se assegura o direito a se degradar,  
cair no chão em qualquer esquina,  
na pedra no frio na lama,  
até que a morte o conduza a algum espaço mais baixo.  
Dormir na calçada é um direito humano,  
mas vender muamba em frente às lojas é delito.  
A Prefeitura leva tudo  
e baixa a porrada em quem vier pela frente.

## CONTRA O OMINOSO HOMEM

Qual gota de lama num copo d'água,  
um elemento nocivo contamina o ambiente.

Um sujeito prepotente, salafrário,  
deve ser demitido, por demente.

Em nome do bem-estar geral,  
fora com esse espantalho infeliz!

Um indivíduo indevido é infernal,  
é deprimente, dá asco e alergia.

Dá comichão, provoca náusea  
e é motivo de toda aleivosia.

Contra todos os tiranos do mundo  
vai esta moção de repugnância.

Esta imprecisão, esse repúdio rotundo.

O energúmeno, em última instância,  
suscita-me horror a sua fuça.

E quem quiser que vista a carapuça.

## REFLEXÃO

Deveria eu escrever esses libelos que ora escrevo  
contra gente ignara,  
gente que ascendeu de súbito  
da barbárie à burguesia  
e que não tem culpa de própria ignorância?  
Mas, se tanto escrevo, é que me moveu  
legítimo impulso irrefreável.  
Não sei como isentar os insensatos.  
Gente que injeta chumbo na alma,  
sem consciência do próprio mal.  
Seria possível ensinar-lhes a ser menos idiotas?  
Estariam eles dispostos a aprender algo?  
O silêncio conspira contra o sono.  
À noite toda refleti sobre esse dilema.  
Dormi dois minutos, talvez.  
Gritos, alarmes e lambretas  
despertam a cidade miserável.  
Amanhece na zona do barulho.

## UM ESTRANHO NO NINHO

*«A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo»*

Eurípides

Se sou tratado de forma energúmena,  
é de inveja, porque vivo abrigado à sombra das estrelas.  
Porque não ando curvado no âmbito do rebanho,  
nem sou dos delinqüentes autoritários  
que apregoam a guerra eterna.  
Eis-me tábua rasa dos abusos.  
Mas não me queiram com a cabeça coberta de cinzas,  
carregando a bandeira do engodo.  
Não sei viver no aviltamento.  
Espreita-me o esbirro,  
porque me compadeço do sangue derramado.  
Inveja-me o medíocre, incapaz de viver como eu vivo.  
Meu ar de plenitude os desmascara.  
Desesperem-se os mesquinhos!  
Não lhes apedrejarei o mausoléu.  
O mau exemplo não me contagia.  
Afinal, a predição cumpriu-se:  
o escárnio deles me engrandeceu.  
A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo.

## RONDÓ PURGATIVO

Que merece essa gentalha feia  
que abusa da paciência alheia?

Cadeia.

Que prêmio é justo para a insensata  
e malfeitora turba canalhocrata?

Chibata.

E a canalha invererada de topete  
que ostenta pose de suspensório e colete?

Cacete.

Aos crápulas que fazem barulho de noite.

Que Satanás os acoite.

Açoite.

E os primatas dos tempos da cova,  
por essa algazarra merecem que prova?

Sova.

Que remédio cura a palhaçada,  
a pândega dessa corja safada?

Porrada.

Cadeia, chibata e cacete  
é pouco pra esse cacoete.

Açoite, sova e porrada  
para essa esculhambação não é nada.

## O DISSI(MULA)DO

Se faz de bobo mas é astuto,  
pousa de simples mas é pernóstico,  
é moralista mas dissoluto,  
tem ar de crente mas é agnóstico.  
Se diz abstêmio mas bebe cana,  
fala qual macho e usa batón.  
Se faz de humilde mas é sacana.  
Parece limpo mas é bafon.  
Tem mão de seda e unha de gato,  
é solidário mas é tribal,  
é dispersivo mas carrapato,  
pinta de ovelha mas é chacal.  
É circunspecto sendo gaiato,  
é libertino e quer ser sisudo,  
tartamudeia com espalhafato,  
quer ser discreto e é linguarudo.  
Um puritano que anda em bordel,  
vive sorrindo só de ansiedade.  
Faz o jejum com sarapatel,  
um franciscano todo vaidade.  
Um orgulhoso que sempre adula,  
sem interesse mas na esperteza.  
Um ilibado que manipula,  
um perdulário todo avareza.

Se faz de amigo mas é raposa.  
Tem convicção e ouve fofoca.  
Um atrevido que nunca ousa,  
inteligente mas é boboca.  
Super ativo mas preguiçoso.  
De tão banal chega a ser ladino.  
Se diz ingênuo mas, de manhoso,  
guarda segredo em boca de sino.

### **ACREDITE SE QUISER**

Não é roubo,  
é evasão de divisas.  
Não é proteger ladrão,  
é acobertar figuras de histórico polêmico.  
Não é corrupção, é só conduta irregular.  
Não é desonestidade, é legítima defesa do bolso.  
Não é bandidagem,  
é relação assentada em pressupostos pragmáticos.  
Não há ladrões, é a ocasião que se aproveita deles.  
Não há suborno, o que existe é contribuição voluntária.  
Não há trapaça, há promissórias da leniência.  
Não há falcatrua, há concupiscência atiçada.

## **PARTILHA**

Na partilha de direitos e deveres,  
a polícia tem o dever de não massacrar o indigente  
e este tem o direito de dormir nos bancos de cimento,  
sem ser incomodado.

O marginal não se perturba com os barulhos da noite  
e o burguês não precisa temer o inofensivo vagabundo.

Eis o pacto social.

Até o momento em que algum insatisfeito o rompe:  
a violência como argumento.

## **PARASITAS EMPLUMADOS**

Parasitas emplumados cuidam do descaso,  
da enxurrada das vantagens.

A favor do desmando exercem mandato,  
funcionam no balcão das artimanhas.

São psicopatas

cuja falcatrua é aplaudida em comícios.

Tem-se o verdadeiramente abominável:  
no superfaturamento, especialistas em fraudar.

Nas denúncias, o engavetamento.

Armagedom nas execuções sumaríssimas.

Lobistas da máfia na custódia do ouro.

Na prevaricação de ofício, juízes de prostíbulo.  
Há mendigos de sangue azul com rolex paraguaios?  
Impera a polícia do terror?  
A livre iniciativa arruma o salão dos desonrados.

## **CULTURA DE MASSA**

O comércio anuncia viagra no dia dos namorados.  
Procura-se crianças para comerciais de TV.  
O biguebroder expõe novos viados.  
Há exibicionismo de currais irrisórios.  
Eu só vejo a «grobo», diz o segurança.  
O novo autor não cabe nas estantes.  
O burguês dilata as vísceras e atrofia o cérebro.  
A multidão carrega os féretros gritando.  
A ajuda humanitária vem em seguida.  
Qualquer idiota é considerado um grande artista.  
Qualquer mentecapto é uma eminência no picadeiro.  
Pode pedir esmola quem quiser.  
Todo mundo é gênio na casa de Satã.

## HINO À PAZ

Triste é ver da guerra o rancor sangrento.  
Irmãos matando irmãos  
nos conflitos da miséria humana.  
Um dia seremos todos verdadeiramente pacíficos,  
todos amigos pelo coração,  
vivendo a igualdade espiritual  
e o reconhecimento da verdade superior,  
a lei que nos ensina harmonia.  
Duro é viver em desavença!  
Que a concórdia se estabeleça  
na personalidade humana,  
que todas as virtudes nos defendam  
e que um ideal estético seja o nosso pavilhão.  
Um dia as nações se visitarão em irmandades,  
sem armas e sem orgulho  
e não teremos mais a tristeza dos confrontos.  
A guerra será uma recordação triste  
e o comércio terá como objetivo único  
a subsistência confortável de todos.  
Há de haver trabalho bem remunerado  
e oportunidade e instrução para todos.  
Eu canto o advento do novo mundo e da nova vida.  
Havemos de reconhecer juntos esta lei maior:  
a vida só tem sentido se caminhamos juntos.

A paz é uma ordem da consciência.

### **Ó: (ANTI-DEDICATÓRIA)**

O irresponsável que meteu o ônibus na pista,  
de repente, pondo em risco a inocente  
vida minha e a vida dos que comigo íam.  
Eu ia escutando Mozart e ele não ía.

O covarde que quis roubar-me a carteira,  
na noite de um bar, noite aventureira,  
com toda desumanidade, faltando com a verdade.  
Na madrugada da rua vazia,  
eu lia Baudelaire e ele não lia.

O sacana que me enganou no trajeto;  
desafeto, três vezes cara de pau,  
cobrando três vezes o preço normal.  
Da casa de um amigo, quando eu vinha,  
eu tinha amigos e ele não tinha.

Tenho Mozart, Baudelaire e os amigos.  
E eles? Aqueles sujeitos mesquinhos,  
enfermos de pobreza espiritual,  
criaturas mínimas, picuinhas

mordidas da sordidez do mal,  
almas emporcalhadas, juízos perdidos.  
Espertalhões ridículos e atrevidos,  
desleais e inescupulosos bandidos.  
A eles não dedico este livro.

## **NÓS**

Eu e a humanidade nos estamos confundindo.  
Forjamos um pacto de pecado e culpa,  
de dizer e fazer,  
mas humanidade em mim repele à semelhante,  
que está fora de mim.  
A humanidade assiste ao espetáculo das minhas limitações,  
uma comédia em que sou o bufão.  
Ela se diverte com o meu aborrecimento.  
E eu vivo com ela num habitat desproporcional.  
Sou o histrião da disjuntiva,  
protagonista do teatro de vexame.  
Irreconciliáveis, só de vez em quando  
Deus mostra coerência na irmandade ambígua.  
Só de vez em quando se reflete a integração.  
Aparte isso, somos ferocidades.  
E só de vez em quando Deus faz o prodígio.  
De resto, sou canastrão sem honradez desesperada.

E ela, diva pulcra dos lupanares.  
Suportaríamos se a experiência fosse mais freqüente?

## **ABOMINAÇÕES**

Desaprendi a usufruir da tarde com os pássaros.  
Onde a superfície azul e a miragem dos navios?  
Outrora vivi alheio aos turbilhões da cidade inóspita,  
desfrutando de quietude.  
O barulho escandaloso devastou as harmonias.  
Como aproveitar o instante que desvanece?  
Sobre os quintais já não há plenitude.  
O momento é de aberrações.  
Fujo do que agora é,  
numa espécie de vingança contra o que foi.  
Vilipendiaram silêncios e melodias.  
Há um sentido trágico de espúrios conflitos.  
um nevoeiro de urubus sobre a carniça existencial,  
Há fantasmas de melancolia e gente estranha.  
Resigno-me a caminhar, angustiado e só.  
O mistério é terrível!  
Ninguém escapa à foice e ao coice.  
Desespero de putrescíveis ânsias e náuseas,  
sigo perplexo, ante as perversões de criaturas monstruosas.  
Reflexos da insanidade universal,  
íncubos travestidos de Medusa.

Não invejo a imbecilidade desses convivas,  
comensais de dejetos dos festins desprezíveis.

### **EM DESESPERO PELA LIBERDADE**

Uns sentem raiva de viver e explodem o corpo em mil pedaços.  
Estilhaçam-se e se estraçalham, levando junto os opressores.

Uns, armas empunhadas, vivem a serviço da crueldade.

Outros, metidos numa dinamite, renunciam à vida.

Aos remanescentes legam nuvens de fogo e destroços.

A morte como resposta aos desmandos,  
ao opróbrio tenebroso.

Defender-se com a própria vida  
e exterminá-la, sem medo da dilaceração.

Antes morrer que submeter-se à escravidão.

A viver fustigado por metralhadoras, as ruas vigiadas,  
as portas invadidas, a cara onipresente do inimigo à espreita,

o metal dos fuzis reluzindo ao sol,  
antes morrer mil vezes despedaçado,  
mil vezes o golpe inominável contra si mesmo.

Em autodefesa suicida, sobreviver morrendo,  
em desespero pela liberdade.

# NO CHÃO DO DESTINO

## UM DIA MÍSTICO

A Rumen Stoyanov

Refutando antigas desventuras,  
saio à rua com a certeza  
de que a vida não é um problema,  
mas uma solução.

Além das paredes dos prédios,  
o horizonte em fogo me aquece os nervos.  
Vejo imagens antropomórficas nas nuvens,  
como no dia em que, olhos fechados,  
vislumbrei a fonte dos Avatares  
e configurou-se a face de Zeus Oromasdes.  
Choveu e o ar se impregnou de perfumes.  
Em cada poça d'água vejo o céu refletido.  
Pensarão que ando doido,  
se me ponho a mirar poças de água?  
Se me ponho a olhar o céu em plena rua?  
É que ninguém percebe o tempo propício,  
ninguém vê o dia magnânimo.  
Que importa a cidade  
cheia de sujeitos mal intencionados?  
Há lixo e matagais no asfalto esburacado,

mas em dias assim a vida é um ato de fé,  
uma viagem mediterrânea,  
um interlúdio floral.

Mesmo a confusão do trânsito  
se reveste de virtude solar.

Mesmo as coisas mais prosaicas,  
o matagal nas calçadas esburacadas,  
a fumaça dos ônibus enferrujados,  
tudo se sublima na grandeza do dia.

Andar no espaço banhado de luz,  
alumbrado de visões prismáticas.

A cidade é um objetivo em si,  
um Vesúvio sonoro,  
com preeminências florais

(no corpo de algumas mulheres,  
nos seus olhos multicoloridos),

Transporto-me aos cimos de um novo enlevo,  
em ondas de mais alta freqüência,  
e as nuvens esboçam mágicas formas  
e caminhos transversais.

Meu segredo é decifrar a semântica  
de suas metamorfoses.

**O CONHECIMENTO DA NOITE  
(VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE OLAVO BILAC)**

Andarilho da noite do mundo,  
aspiro à festa das estrelas,  
à verdadeira vida  
que só é possível no domínio das estrelas.  
No degredo das ruas,  
quem vive como se não vivesse,  
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.  
Nas trevas em que me perco,  
se não fito os lumes do silêncio.  
No tédio em que me exilo,  
se o vento do desengano  
não reduz a distância de mim ao âmbito celeste,  
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.  
No tempo que mata o gosto da vida  
e no desencanto noturno de sobreviver,  
nauta de minha solidão,  
notívago dos meus sonhos,  
procuro os meus guias no cardume fosfórico,  
além dos escombros da terra.  
Púrpura na tela do infinito,  
tenho a esperança de um dia reduzir a distância  
entre o meu pensar e o meu pesar,  
viajando entre as nuvens,

com destino a um lugar  
onde poderei ouvir e entender as estrelas.  
No estado melancólico em que vivo,  
quisera ser capaz de entender o espetáculo da noite,  
a Via Láctea como um pálio aberto...  
Mas as estrelas estão altas e distantes  
e se ocultam no nevoeiro.  
Não lhes interessa as coisas pequenas deste mundo.  
As atitudes tacanhas  
e os pensamentos mesquinhos da humanidade.  
Num domínio superior,  
inacessível a quem vive cá embaixo  
exposto à desordem, à pândega e ao estardalhaço,  
as constelações flutuam...  
Noutro reino, que imagino de bem-aventurança,  
tão diverso do pardieiro que se conflagra nas imediações,  
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.

## **COMO AS ESTRELAS DO DESERTO**

A Edmílson Caminha Júnior

Viajo proscrito, carente de acalantos,  
mas contemplei remansos de esperança,  
alimentei-me de aventura,  
adorei barcos de sombra.

Andei nos rastros da noite,  
chorei sobre a chaga do enfermo,  
sorvi os miosótis do delírio  
e atravessei obscuras falésias,  
mas canto madrigais ao vento  
e tenho o coração como as estrelas do deserto.  
Conheço o fluxo da água e seu gesto de folha.  
Precipito-me na voz das espumas,  
amoroso da claridade, refugiado nos hortos,  
embevecido de aromas,  
recolho nas mãos a flora das constelações.  
Ungido de enlevos, fiz libações ao mar.  
Flutuei como as aves celebrando o sol.  
Tenho o coração como as estrelas do deserto.  
Bebo antídotos contra a astúcia dos tiranos  
e sei dormir na névoa.  
Vejo o caminho além das dores,  
sonho com os pássaros no vértice das navegações.  
As ilhas me esperam com seus promontórios de luz.  
Subo aos cimos do imaginário.  
Tenho o coração como as estrelas do deserto.

## AFORISMOS DE ASCLÉPIO

Com o elixir das ervas do Centauro,  
afugenta os miasmas.

Se repousares nas grotas de onde flora o ânimo,  
viverás a idade da luz em teu sentir.

Planta signos claros no íntimo firmamento.

Colhe grãos de ouro na gleba do existir.

Conjura os afortunados que irradiam paz  
a quem respira em suas imediações.

Tal Hipólito, livre do Hades,  
contempla as flores das origens,  
refugia-te no sanatório dos pensamentos.

Na força com que o enfermo revive,  
bebe das águas cósmicas.

Os astros brilharão em teus sonhos,  
células planetárias no orbital hemático.

Como o fruto absorve as cores do sol,  
fabrica o mel do futuro nos favos do dia.

Inebria-te de sóbrias harmonias.

Assiste ao espetáculo das alegrias.

Desfruta das benesses do ar.

Descerra as ribaltas do drama:  
com júbilo flui a consciência nas correntes mágicas  
e a substância da saúde cantará nos cântaros.

Com um bastão de prodígios

rege a orquestra da fortuna  
(graça de festival em Epidauro).  
Suspira com os pássaros em ablusões de vida.  
Teus remédios serão os aromas silvestres.  
E os bálsamos se destilarão nas tuas manhãs.

### **MUSEU DE MIM**

O dia em que li Mário de Andrade numa rede em Niterói.  
As manhãs em que fui à praia na infância.  
As tardes de futebol e as noites de viajar pelo sertão.  
Quisera reviver tais momentos nas horas de agora,  
horas de luta em que estas quimeras  
resvalam entre os meus dedos.  
Tento recuperar o insólito desses momentos,  
em peregrinações, nas buscas de alumbramento,  
em que me alentam visões do céu mais claro  
e da erva mais florida.  
Como agora retrocedo no mar dos sonhos,  
restam lembranças como pedras destroçadas,  
sepultadas na necróplote do tempo.  
Velhas cisternas de alegria,  
pórticos de ilusão abandonados,  
consumidos no embate dos aluviões.

Outrora ânforas de emoção ao descobrir a vida,  
hoje sarcófagos de nada quando as relembro.  
Rotas tumbas no capinzal da memória.

### **PRELÚDIO VERNAL**

Só hoje vi que as flores são flâmulas nos páramos.  
O inverno me obscurecia este amavio.  
Mesmo alguns aromas que agora reconheço  
não existiam antes no sono da consciência.  
Mesmo as vozes de criança,  
que agora me enchem de fulgores,  
eram imperceptíveis antes deste arrebatamento:  
os trinos de diversos pássaros em festa  
e o gosto cálido de atmosfera renovada,  
tudo quanto se configura em novas perspectivas,  
alvíssaras de aprazível tarde,  
tudo tem agora um sabor de ansiedade,  
como a vida que tenho, plena de translúcidas cores.  
Limpidez de alvorada na noite de tristeza,  
desvendou-se a névoa da tranqüilidade.  
E a lucidez agora é inquietude.  
E só hoje vejo os lumes sem devaneios.  
Que só hoje aprendo o sentido da solidão.  
Só hoje entendo a lição das contingências.

## LIÇÕES DE ABANDONO

Vou acender as luzes da casa  
por temer o escuro da solidão.  
Passarei a noite ouvindo velhas canções  
para ressuscitar as emoções do passado.  
No peito rosas de paixão  
e na memória os perfumes do céu,  
agudos violinos me estão tocando n'alma.  
A tristeza dos salgueiros  
tem o gosto das minhas lembranças.  
Coração na ribeira do abandono,  
tanto a saudade me tem molhado os olhos.  
Vento noturno, por que vieste abater-me o ânimo?  
Por que tens tom melancólico  
e me magoas com teus vórtices?  
(Por certo Eros e Afrodite se divertem  
com meus infortúnios).  
Enquanto tardam as andorinhas,  
derramas púrpura sobre o dia,  
turbando as paragens do meu caminho.  
Com nostálgico reposteiro ocultas a miragem dos bosques.  
Até quando permanecerei calado e triste,  
à espreita das minhas alegrias?

## NA RIBEIRA DO THAMES

A Hungerford Bridge revela lírica visão:  
além dos barcos e da Cleopatra's Needle,  
das Reais Cortes de Justiça  
e da Catedral de São Paulo de formosa cúpula,  
o Thames viaja de manso...  
Observando a ponte vazada de ruidosos trens  
que rasgam espaços em estruturas de ferro,  
vejo o tecido de água que o vento encrespa  
e a mansuetude de suas ondulações  
e experimento o grande alívio  
que veio apaziguar-me os tormentos do dia.  
Sorvo com alegria os bálsamos da tarde,  
em que as aves sobrevoam redemoinhos.  
Cai a noite como um sudário de orvalhos que me revigora,  
retalhos luminosos lampejam sobre a relva.  
O Thames desliza um vale de mistério,  
escorre as águas da noite,  
onde mergulham reflexos como espadas de luz.  
Em vagarosa fluência passam as imagens do destino.  
Meu pensamento gira na corrente que arrasta as espumas  
e enquanto a cidade me assusta  
com máquinas turbulentas,  
deixo-me comover com as peripécias do velho rio.  
Esplanada de benevolentes fluidos,

cálido noturno de agosto com imperecíveis fantasias.  
O diadema da Westminster Bridge  
cinge o Temple Bar Memorial.  
Minaretes de exatidão,  
cimos reflexivos de aguda luminosidade,  
as Houses of Parliament  
ostentam tesouros de filamentos longilíneos,  
talhados em delgadas estrias.

### **LEGENDA DE CARTAGO**

Ainda ontem vimos a cidade branca como o dia  
e os homens pasmos diante dos cafés.  
Túnis espraçada de alvura matinal,  
fênix fenícia, guardada pelos pássaros.  
E como brincava na praia um menino escavando a terra,  
animalzinho alegre saltitando na areia!  
E como eu me abismava na vastidão,  
recolhendo as coisas do azul!  
Cartago, esfinge de cinzas,  
as colinas corroídas, urnas e mosaicos subterrâneos,  
infensos à sanha dos saqueadores.  
Perguntavas sobre as guerras púnicas,  
enquanto eu via Cartago em meu âmago.  
À sombra dos meus encantamentos,

fragmentos de sua glória esquecida.  
Hoje que me recolho sob um céu aziago,  
os filhos da floresta perguntam por ti.  
Viaja com Deus, dizem-me alguns,  
enquanto as árvores se reclinam quando me avistam.  
A chuva me alcançou na estrada.  
Pranto em que naufrago ante o desafio da intempérie.  
Pilares visionários do meu templo,  
tapera das minhas utopias.  
Não há esplendor na face destas metamorfoses.  
Só tristeza iluminada e a visão do azul cristal.  
Aqui, esfinges decepadas, erosões no calcáreo,  
vândalas vibrações.  
Além, a imensidade, lívidas branduras,  
luz nas escarpas sagradas.

## O GUARDIÃO DE MIM

O que sei é nada.  
Que da vida entenderia,  
se não me houvesse feito entender o Guardião de mim?  
A segurança que tenho vem da providência  
e da piedade com recebo amor do Guardião de mim.  
O nada que sou é gota de ser,  
apenas porque assim o quer o Guardião de mim.  
E meu pouco torna-se imenso,  
se reconheço a dádiva que provém do Guardião de mim.  
A paz é benção que me mantém,  
confiança em que receberei sempre  
a luz do Guardião de mim.  
Na névoa do medo a serenidade vem  
de quem me acalma procelas,  
de quem me guia o destino.  
Que firmeza me sustentaria com poderosas mãos?  
Quem tem as mãos que me conduzem ao sereno porto?  
E de quem posso esperar sempre mais luz?  
Do Guardião de mim.

## O CLAMOR DAS CIRCUNSTÂNCIAS

Ontem, alma embargada de travos de amargura,  
pesavam-me turvos pensamentos.  
Inferno à ínfima psicofera, carpia as mágoas do sentir.  
Minhas incoerências refletiam ecos da dor do que fui.  
Angústias, neurastenias, lástimas que chorei sem lágrimas.  
Noite na aura e o torpor dos remorsos,  
cálida corrosão borbulhando, toldando as águas íntimas,  
redemoinhos revirando o pó das emoções.  
Hoje um fabuloso fluxo de energia lançou-me a outro polo.  
Estabeleceu-se um turbilhão de memórias em mim.  
Índio que me tornei no meio do tempo.  
Como as coisas do mundo me decepcionam  
e só na contemplação entendo o colosso da vida!  
Estranho como a vida se faz urgente, de súbito!

## CANTO ATLÂNTICO

Atlântico, alma do planeta,  
nutro-me do sal de tuas fontes,  
repositório de luz.

Sou o novo índio,  
extasiado com teus poros minerais,  
transporto-me nas clareiras do teu alento,  
hálito sideral.

Peregrino à flor dos teus marulhos,  
sou alga de tuas marés,  
nervura de tuas espumas,  
raiz do plancton.

Somos alvéolos do mesmo pulmão,  
respiro contigo na mesma pulsação vital,  
sorvo em haustos a essência de teu sonoro fulgor,  
tua transparência me alumbra,  
comungamos juntos a efusão cromática do sol.  
Juntos, com as pedras, as árvores e as praias,  
habitantes da mesma mansão cósmica,  
bebemos aromas no mesmo jardim  
e nos alimentamos de néctar de iodo e fósforo.

Como os anfíbios e as aves,  
desfruto da mesma fotossíntese,  
partilhamos da mesma herança hídrica,  
nadando solidários nos mananciais da biosfera,

partícipes do maravilhoso enlevo da vida.  
Os mamíferos nos comovemos com teu milagre,  
teu sonho procriador,  
tua proliferação cintilante,  
miríades, cardumes, ressonâncias,  
o profundo vigor dos horizontes,  
o mergulho compulsivo das alturas.  
Hóspedes da mesma estalagem,  
vassalos do mesmo reino,  
os humanos te saudamos, Atlântico!  
Oráculo do templo em que, em uníssono,  
com os cactos, as iguanas e os urubús,  
solfejamos aos ventos cardeais,  
celebrando a visão do espaço.  
Como outrora, embevecido pela quietude rumorejante,  
Anchieta grafou estrofes na areia,  
enternecido pelo eflúvio do dia,  
com os bem-te-vis e as falésias,  
comensal do mesmo ágape, no erosivo planisfério,  
canto a vastidão, a transpiração da Terra,  
a volição dos perfumes frutais.

## EXPECTATIVA DE VIAGEM

Hoje que o incenso da tarde desceu sobre a montanha,  
meu ser respira perplexidade.

Viajarei com os encantos.

Louvado seja quem me concedeu este conforto.

A névoa do poente tolda o pavilhão das alturas,  
mas o meu pensamento permanece translúcido.

Viajarei com o símbolo da plenitude,  
flutuarei num céu de pétalas,  
com destino ao coração dos meus.

Será de luz o meu itinerário.

Como é bom imergir nos braços da noite e confiar!

Viajarei sob a seda do luar,  
imantado de serenos fluidos.

Louvado seja quem me concedeu esta primícia.

## SANTORINI

Abriu-se o olho ígneo da Terra,  
Plutão verteu efusões de enxofre,  
forjou alturas colossais.

Fez-se o trono do mar onipotente.

O sol descortinou as maravilhas,  
a face do mar em fogo, alta magnitude.

O corpo do silêncio lavrando as cores,  
transformando tudo em dia.  
Zeus outorgou a mitra ao Pantocrator.  
Em fúlgidos cristais ao vento,  
moldaram-se brancuras de frisos azuis,  
simetrias de sal na crosta do magma.  
Todo um paroxismo delineando campanários,  
tetos cilíndricos, o vento a viajar na crista das ondinas.  
Não se sabe o que é céu nem o que é mar,  
apenas o prodígio aéreo.  
Nele assiste a sombra das crateras,  
fluem as naves do futuro.  
Jaz a subterrânea face do enigma.  
Cromáticos lenitivos silenciam.  
Caldeira no círculo das lendas.  
Aqui rendemos culto aos portais cicládicos,  
aos desfiladeiros de Cadmus, aos golfos de mistério.  
O reino em transe adormeceu nas profundezas,  
submergiu no sono das eras...  
Dorme o ímpeto da eclosão...  
Atlântida te nomeamos, tálamo prismático,  
terpeno das estrelas, pleroma mineral.  
Aqui se visita o claustro das alturas, porto da ventania.  
Hoje que tudo repousa em arcano equilíbrio,  
tudo luz na esfera líquida,  
aquém e além da clarividência.

É como se o berço de tudo residisse aqui,  
como se a luminária do universo  
brilhasse apenas nestas escarpas.  
Nada sei dos cântaros do trovão  
e pergunto pelos limites do horizonte.  
Onde as raízes da profecia?  
Que promessa de alcantis  
abriu o peito da rocha, explodindo o clímax do apogeu?  
Que milagre acendeu o espaço do abismo ao céu?  
Que espasmo descomunal atijou a fúria das tormentas,  
e que sono votivo a serenou,  
plantando a ternura desta flama,  
acalanto de quietude no campo iluminado?  
Fez-se da lava falésia, vestida de imensidão.  
Todo o alumbramento de suave magnificência,  
santuários de granito, aureolados de safira,  
o imenso lustre de água marinha.  
Signos de Apolo na efígie dos pilares.  
Esplanada transcendental, lume de prata iridescente.  
Repousem aeroplanos no basalto  
e desfrutem meus olhos do balanço acrobático das ondas.  
Envolto na circularidade do celeste manto,  
possa eu transportar-me  
nas essências que o infinito desdobra,  
na transmutação dos matizes, nas glaciais distâncias.  
Calma na exangue transfulgência.

Um êxtase antigo me arrebatava em devaneios.  
Imeroviglio - imergi no espelho da esplanada,  
de espanto e perplexidade,  
pasma ante a fábula visionária.

### **PENSAMENTOS NO BOSQUE**

Aqui nenhum carro nos agredirá,  
contaminando a vida.  
Ao invés do barulho dos motores,  
sou recebido com música.  
Melhor que a recepção dos estadistas,  
homenageados com tiros de canhão,  
os rouxinóis me oferecem uma fábula de trinos.  
Convidado de honra, declaro-lhes o meu júbilo  
e celebramos um acordo auspicioso,  
mais solene que as cartas credenciais  
e as mensagens dos chefes de governo.  
Que não surja humana figura com triste aspecto.  
Apenas o chão de pétalas e o perfume.  
Apenas a placidez das ramagens.  
Atmosfera serena gotejando bálsamos.  
A sombra reconforta as árvores,  
refletidas nas dançantes águas.

Sobre as pedras um passarinho bailarino  
toma banho de areia.  
A tarde lembra um quintal perdido da infância.  
Celebro a vida com os pássaros,  
frágeis e ágeis, aterrissando, saltitando e fugindo,  
velozes como o tempo.  
Aqui não sufocamos o olfato com gases venenosos.  
As árvores meditam ao embalo do vento,  
lânguidas e permissivas.  
Não venha humana figura...  
O industrial destrói um reino, enquanto acende o charuto.  
Outro patife qualquer estragaria o ar  
e assustaria os pássaros.  
Prefiro a companhia dos gnomos e elfos.

### **A TRIBULAÇÃO DAS VICISSITUDES**

Não pude ser melhor do que sou.  
Fui apenas o que pude ser.  
Não aprendi além do que pude aprender,  
mas não perambulo pelo muro das lamentações.  
Estabeleço-me no meio do tempo e não tenho pressa.  
A vida tem sua própria velocidade  
e o horizonte se alonga,  
até onde minha vista não pode alcançar.

Há um tempo de nascer  
e renascer no momento presente.  
O que passou já não tem jeito.  
Um dia aprenderei a definitiva lição de paz,  
Mas agora, apenas raia o fogo da madrugada em mim.  
Alguém meteu-se onde não devia  
e ouviu o que não queria.  
Fui responsável pelo dito.  
(Reservei meus gestos nobres a quem os mereça).  
Não encontrei a correta palavra  
para repudiar o atrevimento.  
Fui apenas o que sou capaz de ser.  
Que ao menos eu tenha aprendido algo,  
depois do acontecido.  
O que passou já não tem jeito.  
Ou haverá ainda um tempo em que se regenere a vida  
e se conciliem todas as incompatibilidades?

## THALASSA

*“A noite de negras asas  
pôs um ovo etéreo no coração de Érebo”.*

Aristófanés

A noite de negras asas pôs um ovo etéreo  
no coração de Érebo.

Pródigo abismo, o Tártaro de púrpuras cavernas.

Górgonas e Eríneas sopram na esplanada dos Centauros.

A Hidra inunda os lençóis das filhas de Atlas.

A luz se densificou num betume de safira.

Era magnificência depois do Caos, esfera lúgubre.

Vieram Perseu e Apolo,

enfeitando as entranhas das Quimeras.

O Demiurgo diluiu na distância a turqueza do dia,

magnetizando a câmara volátil,

toda clorofila nitrogenada:

florações de musgo e algas,

inflorações do magma translúcido.

Do esperma de Uranus nasceu o púbis de Afrodite.

Xisto, calcáreo, basalto, os touros de Poseidon,

céu tingido em golfo de exortações.

Tudo perfeito nos istmos.

O mar percutiu no sexo das Nereidas.

Depois veio o homem - repositório de amargura,

e a efusão de Thalassa,

colosso fustigado pelas legiões de Cronos,  
refúgio e berço do espírito,  
horto de visionária plenitude.

### **CALÍOPE (Coleção de Metáforas)**

Luar acima dos ramos florentes,  
halo verde azulando aromas,  
a mais clara ave dormita.  
Calíope, dos teus favores faço-me cativo.  
Iris de água marinha, minério palatável,  
como se alvorecesse um milagre de prata,  
a mais bela libélula de pétala, cerúlea, flutua.  
Calíope de sexo de búzio, que o mar batiza de algas,  
corola felpuda em vale perfumoso,  
em horto de erva e graveto, papoula carmim.  
Estrela de carne, orquídea rósea,  
pérola exótica da aurora do mundo.  
Calíope, tens entre as pernas um bosque violeta,  
beiral de treva no Levante,  
folha de seda, ave de lã, ninho de hortelã.  
Floresce na penumbra,  
magnética miragem, enluarando-me.  
Levo em mim a imagem,  
viagem de manhã, jóia de algibeira.

Oásis do oráculo, vergel onde recolho ambrosia,  
néctar e acalanto libidinal.  
Ao colibri resta libar-te, tulipa de leite!

### **INSTANTE NO PARQUE BEIHAI**

Um delgadíssimo vento ressumbra na folha lisa.  
A primavera chegou nos ventos do Gobi.  
Dourada lâmpada espectral, no vórtice na água.  
Sol e lua se correspondem nos dois lados cósmicos.  
Momento auspicioso: yang/yin em plenitude.  
Os ciprestes agradecem com sussurros a carícia do vento.  
Perplexidade sem palavras.  
A pagoda é uma jóia que se desvela no jardim de jade,  
prodígio de marfim, alçado em triunfo.  
Repousam os tetos da Cidade Proibida,  
mágico panorama.  
O lago se espraia em ogiva.  
No róseo céu, o risco branco de um avião.  
Desejo boa viagem aos passageiros.  
Pequim, 1/3/99.

## BUDAPEST EM SETEMBRO

Apazigüei o turbado ânimo nas polidas águas,  
na passarela que escorre entre palácios.  
1000 anos impregnaram-me o espírito.  
A insígnia da basílica nas mãos do arcanjo,  
ouro no esmalte da cúpula.  
Serenos lume sobre a névoa,  
deambulei entre góticas torres, na tarde branca,  
bendizendo a terra que tem rei santo  
e um verde rio que abraça uma ilha-jardim.  
Atmosfera lânguida, vogando barcos,  
derrama um festival hedonista,  
fluir de flauta e violoncelo em contraponto.  
Os sentidos revigorados nos âmbitos imperiais,  
vou colhendo quietudes,  
sobre o berço de pedras de Budavari.  
Bebo o alento de setembro  
e me inebrio de simetrias,  
fruindo os aéreos gelos vesperais.  
O outono cobre de benevolências o Palácio Real,  
arauto de bronze e mármore.  
Nos outeiros encantados,  
nas correntes da ponte iluminada,  
em tudo transparece verniz e aquarela,  
matizes verde-azuis, miragem de alacridade.

Noção de Deus na delicadeza das formas.  
Budapest é uma dádiva do Danúbio.  
Budapest, 12.09.98

### **DESEJO APENAS OS PARQUES**

Celebro os relevos (victorian gothic)  
de St. Pancras e o Marble Arch  
com deuses gregos em apenso.  
Mas ando cabisbaixo na multidão.  
A cidade, fábrica de angústias, fagulha do Tártaro,  
acende o tumulto das máquinas.  
Só nos parques meus olhos se povoam de estrelas.  
As árvores são escudos contra o sufoco das exalações.  
Não me interessa a Londres subterrânea,  
escadarias e cartazes de cinema.  
Nem os maltrapilhos da Picadilly Circus,  
protestando contra o trabalho.  
Meus olhos não se fixam nos anúncios nem no arcanjo,  
nem no redemoinho de gente na encruzilhada cintilante.  
Malabaristas pululam em frente ao Criterion,  
a multidão burburinha sob o esplendor dos prédios,  
os ônibus vermelhos, de dois andares,  
e os taxis pretos, circulam.

Os marginais se enleiam na insânia capitalista,  
entre os painéis do consumismo.  
Mas, se acima dos labirínticos marasmos,  
um céu violeta visita a relva do St. James Park,  
onde meu coração se refugia entre gerânios e lavandas,  
emblemas da vida,  
bebo inspiração num viveiro aquático,  
entre crianças, pombos e esquilos.  
Desprezo as roupas da H&M e os aparelhos da Dixons.  
Prescindo dos remédios da Boots  
e das gravatas da TieRac.  
As vitrines abarrotadas não me prendem.  
Quero aves e pessoas, olhando o espelho da correnteza,  
chorões pendendo ramos lacrimosos,  
e vozes de crianças no verde da relva,  
as crianças que Blake, visionário,  
vislumbrou sorrindo, entre flores, num dia santificado.  
Londres, 12/08/98.

## TRIBUTO ÀS CRIANÇAS DO GREEN PARK

No Green Park as crianças descobrem  
que a água é mais nobre  
que a solenidade das tradições.

O festival da inocência  
ofuscou todo o orgulho patriótico.  
Celebrando as bodas do céu e da terra,  
a meninada transformou em tobogã  
a rampa do memorial ao Canadá.

“As a mark of respect keep off the monument”,  
recomenda a inscrição lapidar.

Mas as crianças,  
porque não se preocupam com guerras, nem com dinheiro,  
redescobriram a utilidade do monumento.

Deslizando no espelho d'água,  
usam a coisa pública em prol da vida,  
consagrando-a ao sentido de existir.

Escorre luz dos gestos e sorrisos  
e o improvisado brinquedo tornou-se altar do verão.

Atribuindo funcionalidade à coisa inútil,  
as crianças, em harmonia com as cores das pétalas,  
louvam a água como quem respira, como quem sorri.  
Água bendita, isenta do medo e do desgosto.

## KEW GARDENS

Mirando a explosão verde que ressalta  
como um dilúvio extático,  
recolho no âmago a expansão de harmonia,  
que os pássaros anunciam:  
bálsamos sensuais e enlevos sonoros.  
Chego exânime, peregrino apátrida,  
e súbito, ânimo renovado,  
bebo as promessas deste relâmpago de esmeralda,  
inundação virente sobre o Rock Garden,  
o Woodland Garden  
e entre a Gallery e a Palm House.  
Não é mais suntuoso o opulento cedro  
que hegemônicos ramos alastra,  
que a lânguida tulipa curvada pelo vento.  
Nem tem mais esplendor o espelho, em frente à mansão,  
(os flamejantes frisos ondulando)  
que a magnólia, exalando o seu lilás sobre a relva.  
A estrada de veludo alonga-se num encantamento...  
trazendo à precária vida humana um minuto de eternidade.  
Os cachos de róseas primícias, cromáticos refrigérios,  
do céu irradiados,  
como deleitam as retinas e o coração!  
E como lava a alma de cristalina saúde  
o ar que aqui se respira!

A fonte dos mais deleitosos aromas  
tornou supérfluas as lojas de perfume!  
O prodígio de satisfação murmura na folhagem,  
o festival de vida emerge dos monumentos de folhas,  
que disseminam miríades de serenas sombras.

### **ALTURAS DE BOROVETZ**

Delicadeza nos filamentos de veludo,  
musgo vivo nos ramos ascendentes,  
as finas mãos vegetais  
oferecem vida aos mortais do mundo.  
Contritas como eu e unguidas de alta verticalidade,  
sorvem a luz do céu escampo  
para distribuí-la aos seres viventes.  
Do seu benevolente trabalho só os sábios têm consciência.  
Todos os homens se deleitam no ar mais rarefeito,  
mas nem todos comungam na paz da vegetalidade irmã.  
Só os que têm sede de luz  
podem penetrar no coração universal.  
Como a folhagem que se congrega  
sobre a brancura do vale.  
O lago azul se reclina,  
entregue aos matizes de todo espectro.  
Também o espírito pode se expandir na floração do bem.

E fulgurar no espaço infinito,  
na circularidade absoluta  
e na glacial pureza etérea.

## ÉFESO

Reverencio o atrium de gloriosos despojos,  
a linha de pórfiro, as riquezas devolutas  
e os bouganviles embalsamados.  
Opala e lápis-lazuli na planície de matizados relevos.  
Imponderáveis tesouros:  
fabuloso Odeon na encosta perdida.  
Artemis e as Amazonas no pronaos de Seraphis  
e Hermes, de potente caduceu,  
prócer do silêncio na casa do saber.  
Em tudo há signos de devoção,  
reminiscências de êxtase.  
Inscrições nas cavernas e no arco-íris.  
Em tudo há símbolos da vitória do tempo  
(e do flagelo dos godos e das hordas de Justiniano,  
que usurparam os pilares de Artemis  
para plantá-los em Constantinopla).  
Contudo, a intemporalidade jaz em todos os recantos.  
E ainda esplende o mármore dos heróicos dias.  
Éfeso, 20/04/98.

## SORRENTO

*“Vide ò mare quant’è bello!  
Spira tantu sentimento.”*

Ernesto de Curtis

Sou transportado nas asas da música  
como um barco vogando em tarde azul.  
Encantou-me a esfinge dos mirantes,  
a voz das filhas do mar per tutto l’arco della mia vita.  
Partenope, transformada em rochedo,  
mirava o mar do promontório.  
Singrava o pomeriggio, batel de saudade.  
Partenope buscava Perséfone  
nos jardins entre os escolhos,  
o olhar imerso em seu rastro incandescente.  
Tesouro oculto na cortina de nuances,  
a lâmpada marinha.  
Vanta un aria ove siede il mar pestano.  
Porta dell’atrio dei giganti, a imensidade azul,  
sinuosa efusão de sombras e cores,  
Virgílio oferece a Vênus um amorino votivo.  
Torquato aqui trova refrigerio,  
a ogiva do infinito acende a grota do mundo.  
Sobre a scocesa roccia,  
fluindo límpidas estradas, alçada em triunfo,

Sorrento assiste a luz do mar sereno.  
Monti sireniani, jardim das sereias,  
um navio talhado em alto relevo.  
A vegetação dos pavimentos germinando na pedra cinza.  
Facino della sponda, incantesimo, tramonto.  
Fortuna de um tempo de aura serena,  
pareceu-me ouvir a voz de Tasso:  
“tacciono i boschi e i fiumi,  
e’l mar senza onda giace,  
ne le spelonche i venti han tregua e pace”.

### **O TREM ECOLÓGICO DE SOFIA**

É um exercício poético andar no trenzinho barulhento  
que atravessa o escuro da floresta,  
e vai se arrastando entre os galhos.  
Com ou sem a companhia do Rumen Stoyanov,  
recordando Anderson Braga Horta,  
cuja estada em Sófia merece inscrição comemorativa,  
a ser afixada na porta do quarto  
que ocupou no Hotel Moskva,  
exercito-me, a bordo desta relíquia ambulante,  
museu de ferro rangendo feito serraria,  
contorcendo-se feito um réptil sobre os trilhos enferrujados.

A melhor herança bolchevique  
no inventário virtual da Bulgária...  
Atravessando as ruas sombrias do bairro do Sol Nascente,  
até as imediações do jardim de Petar Danov,  
imagino que remotos subúrbios  
percorre este arcaico veículo.  
Entre quiosques de flores e vitrines semi-apagadas,  
recolho as imagens que se sucedem:  
um bando de ciganos espreitando os restaurantes,  
velhotes gastando o tempo na tabacaria,  
um falastrão discursando no celular,  
vendedores de jornal perseguindo os carros,  
famintos assediando uma lata de lixo...  
Enquanto o país convalesce da infecção comunista,  
este objeto anacrônico tem sido minha inspiração,  
esta máquina obsoleta  
me entrega um quinhão de humanidade:  
o rádio do maquinista divulgando melodias nativas,  
a verdeza com que a engrenagem se esgueira pelo bosque,  
(longe das escabrosas nuvens que os carros espalham),  
o estrondo das portas afugentando talvez os lobos...  
Já me refugiei em parques e estações.  
Hoje canto a vida da janela de um trem.  
O cenário é precário mas é a dádiva do momento.

## LEMBRANÇA DE WILLIAM BUTLER YEATS

Na relvosa estrada a rosa do mundo,  
a musa de olhar de águia,  
ainda lhe treme o coração.  
Também a que o fez trabalhar em êxtase...  
Em devaneio visito a ilha de Innisfree,  
a paz que goteja dos véus da aurora,  
no poente com pintarroxos e o marulho do lago.  
Vejo os cisnes amorosos na correnteza,  
os cisnes misteriosos na água erradia.  
Nos bosques de Coole  
perplexo e arrebatado de expectativas,  
vi retratos sem alento:  
a imagem de Philip Sidney,  
o que amava as velhas árvores rachadas pela tempestade,  
o que saudava as aves, as pontes  
e a torre a margem da corrente.  
A sofrer do amor a crueza...  
Maud Gone, o seu olhar de verão selvagem  
sob o céu gelado.  
A Páscoa de 1916, o nascimento da terrível beleza,  
corações encantados em pedra.  
No Lago de Coole vi os cisnes  
na expectativa do definitivo vôo.  
Ouvi em sonhos o poeta lamentar o mundo,

sem espaço para os sábios.  
Caminhava ouvindo os gritos da ventania,  
pedia que um fantasma forte lhe defendesse  
o adorado Michael,  
imaginando o advento inexorável,  
a esfinge de olhar impiedoso.  
Também foi guardado pelo amor humano  
aquele que tudo formou do nada  
e ensinou as estrelas a cantar.  
Que fazer com a decrepitude atada a si?  
Foi-se um tempo de maior encanto?  
Tudo retornará nos giros imortais.  
Enquanto sobre a torre o vento chora,  
a espuma da corrente escurece a pedra clara...

## **ENTRE O CONJUNTO NACIONAL E O CONIC**

Pasce o gado humano  
entre o Conjunto Nacional e o Conic.  
Passa gente de todo espectro: mendigos, operários,  
burocratas tangidos pelo ruído agoniado dos carros.  
Toda sorte de gente a passar na passarela,  
no impasse ou na parcialidade  
em que a vida se transforma,  
vida: matéria-prima do tempo, pasto de transitoriedade.

Nunca mais as mesmas pessoas passarão  
e os que passam deixam rastros de nada.  
Restam imagens, vultos,  
espectros entre dois mundos,  
os polos da cidade.  
No desvão entre o Conjunto Nacional e o Conic,  
os que vão sob a redoma celeste passam,  
passageiros do instante.  
Passam deixando-me na retina o retrato do Brasil:  
o sanfoneiro cego, a mulher de peitos balouçantes,  
o aleijadinho desengonçado  
que se desvia dos transeuntes,  
os vendedores de miudezas oferecendo mangas,  
bonecos de pano, discos piratas.  
O sujeito do boné tatuando a coxa de uma cabrocha.  
O outro que lambe um picolé.  
As miríades de coisas ínfimas espalhadas na calçada.  
Tudo ao preço de um real.  
"Melhore a sua imagem" ,  
diz o que oferece antenas de televisão.  
E outras vozes: "12 linhas, 13 agulhas, refresco de catuaba, milho verde,  
pastel, churrasquinho, calcinha, camisinha", etc.  
De repente, um grito... Olha o rapa!  
a negrada arruma a trouxa  
e se desabala no rumo da Rodoviária.  
O policial esgalgo urubuserva tudo,

especialmente as mulatas,  
(as brasileiras partes tingidas de sol).  
De Ceilândia, de Taguatinga, de Samambaia,  
desfila um brasil de passo inconsciente,  
que passivamente expõe etnias e castas,  
neste elo que conecta os extremos de Brasília.  
Diante de mim, os obeliscos do Legislativo,  
a seqüência dos Ministérios simetricamente perfilados.  
Diante de mim, em um minuto passam  
as duas mil caras do Brasil,  
da casa grande à sensala, da favela ao shopping,  
do latifúndio à sarjeta,  
a cor morena denunciando as proezas do avô lusitano.  
“Dá uma esmola fi-da-mãe-de-Deus”,  
pede a mulher com o pequenino ao colo...  
Com ar solene, a legião distribui minúsculos papéis  
como se revelasse mistérios.

### **O BAZAR E AS ILHAS**

Alá, aos brados, conclama as almas a adorá-lo.  
Em plena mesquita, bermudas envoltas em saiotas,  
os colegas deliram com a visão do bazar.  
Aos mosaicos de Santa Sofia,  
preferem os brocados das prateleiras.

Os novos iconoclastas  
desprezam hipódromo e Constantino.  
Melhor as miudezas de ônix,  
as bolsas de couro, os cristais e as chaleiras.  
Investem contra bandejas de prata,  
caixinhas com mandalas,  
toalhas de musselina, azulejos com flores e peixes,  
jarros com toda sorte de insígnias.  
Discutem preços em todos os idiomas  
e bebem chá de maçã,  
ao ritmo de música sincopada.  
Apalpam tecidos policromos, lenços-turbantes,  
entre sapatos de arlequim e doces de pistache.  
Luminárias, panos caleidoscópicos,  
xícaras alegóricas, refletidas em espelhos.  
Em cada loja uma parada estratégica  
(como os cachorros diante dos arbustos).  
Quanto custa? Quanto dá? Qual o mínimo?  
Depois do festival de objetos reluzentes  
e da falação babélica, a caminho das ilhas,  
o taxista finge desconhecer a cidade  
e nos desfalca em 10 milhões liras.  
Vagamos da Europa à Ásia e vice-versa,  
sem entender a gaguez do turco: “Dolmabahce/Beylerbeyi”...  
Em que continente nos encontrávamos?  
Os colegas nem reparam na Torre de Gálata.

Estranham que a capital não seja Istambul,  
mas algo como “Ankora”.  
E quanto ao mar, que nome tem? Fósforo?  
Nem percebem a lua no horizonte de Kinaliada...  
Velejamos na esteira de espuma.  
Na distância, as miríades da costeira,  
o luar de outubro  
acendem céu e mar.

### **O ALTAR DO CÉU**

No cristalino parque, um velho sábio toca o seu alaúde.  
Que dorida prece lança pelos ares o mavioso instrumento!  
Outros velhotes, trajando bonés e roupas escuras,  
riem como crianças.  
Que gaia ciência os entusiasma tanto?  
Não menos sorridentes,  
duas crianças me saudaram  
com a benevolência dos seus gestos.  
Passeio entre quiosques coloridos e pedras recortadas.  
Murmura a flora encantada,  
e quando a humana música silencia,  
um misterioso rumor irradia frêmitos,  
límpidas torrentes lavam as alturas da manhã.  
E quanto mais gemem os ciprestes,

mais os pássaros se agitam por entre as rubras telhas.  
Nada como um templo aberto à claridade.  
No cristalino parque arejado de eflúvios,  
oferto ao Sol o meu pensamento.  
Espelho do espírito livre,  
um céu todo sem nuvens,  
feito de profundidade,  
escorre nas dimensões do vazio.  
Pequim, Ritai Park, 27/02/99.

### **NOS PORTAIS DO INVERNO**

Os pés úmidos, fugindo das poças de água,  
os guarda-chuvas se esbarrando, e não apenas os bancos molhados,  
mas os taxis ocupados, gotículas encharcando tudo,  
(polifonia de ritmos nas rodas e nos motores).  
O aguaceiro parou de madrugada,  
mas o gélido ardor queima os ossos  
de quem, ex-boêmio,  
viu-se na contingência de deambular dentro da noite.  
O tempo se revela menos hostil,  
quando a cidade se abre em claras avenidas,  
mas, se às duas da manhã, não há quem lhe abra a porta do hotel,  
o notívago corre à procura de taxi,  
no meio das máquinas que rugem violentamente,  
até que alguém, mandado por Deus, aparece um,

que o escolta da City of Westminster até Islington,  
passando pelos relevos de St. Pancras.  
Valeu a pena esperar debaixo de um arremedo de dilúvio  
e dormir apenas três horas,  
até ver o dia dourando árvores e paredes.

### **FROM OVER THE SALISBURY CRAGS**

Divisar as luzes oceânicas,  
as montanhas que a mão divina coloriu,  
os istmos e a ilha imersa na distância.  
Ovelhas como pérolas na alfombra de relva,  
o enxame de pássaros, um círculo de grãos no ar.  
Viaturas voejando num mar sereno, fluindo entre jardins.  
Subir aos píncaros da fortuna,  
olhos postos na visão sagrada.  
Aglhas de esmeralda espetando o vento.  
Auriverde manto nas camadas do relevo.  
Estabeleci-me no observatório das águias.  
Há um lago de fogo na planície das nuvens.  
O borbulhar do Clyde me acompanha.  
Ouro no mar, arquipélagos de espuma,  
ondas extáticas na cerração.  
Nave de cristal repousa entre pilares.

Coroa de pétalas ardentes.  
O ágape dos deuses sobre as torres.  
Vem o vento com glaciais perfumes,  
vazando castelos de eternidade.  
O coração se inebria com o gado nas herdades,  
com as efígies do campo marinho.  
Lavandas nas estâncias florais.  
A bruma esparsa germina azul.

### **LOFTY TOWERS LOST IN MIST**

*“I sit within a blaze of Light  
held high above the dusky sea.”*

Robert Louis Stevenson

Despontam entre as heras velhos castelos, cingidos de mistério.  
Contemplo esses santuários manchados pelo tempo,  
as muralhas envoltas na névoa,  
ostentando heráldicos ideais.  
O panorama fluido envolve as High Lands,  
o coração canta em todos os planos da cidade.  
Esplêndido vislumbre,  
o castelo incrustado no rochedo,  
as torres cingidas de relva:  
o enigma das velhas pedras.  
O lustre da verdade, um relógio de flores  
entre pilares e pórticos na esplanada verde.

A cidade, uma academia de efígies,  
*castellum est urbs,*  
lacrimeja nos jardins da Princess Street.  
O estrídulo dos trens, com ar de nostalgia,  
me mostra Stevenson, saudando o Lamplighter Leerie.  
The sun has left the sky,  
the Light-Keeper holds his vigil, na idade iluminada.  
Montanhas se debruçam sobre a imensidão.  
Ressonâncias longínquas nos altos jardins  
sobre a expansão do mar.  
Palácios e torres brotam à flor do vale.

### **LEMBRANÇA DE DUBLIN**

Guardo a memória da cidade envolta em névoa.  
O Liffey de águas escuras e reflexos coloridos,  
o espírito dos poetas sobrevoando a tarde.  
Guardo a memória do Trinity College e da National Gallery  
que Dublin exhibe como jóias.  
Igrejas de pedra cinza, paredes, tetos e torres, cor do granito,  
realçam a tonalidade do céu.  
Atmosfera de vapores frios, incenso em tudo,  
a cidade a sonhar com os poetas melancólicos,  
debruçados nas pontes entardecidas.  
Havia prenúncios de mar no grito das gaivotas.

O sorriso dos parques aparecia de súbito derramando aromas.  
Tudo respirava um ar de nostalgia.  
Do Phoenix Park se avistavam as alturas de Wicklow,  
perdidas nos confins.  
Sob o antiquário das pontes ornadas de lampadários,  
o Liffey na escura correnteza...  
Foi o próprio outono que precipitou a tarde,  
gelando as passarelas de comércio e o coração dos dubliners?  
Os bêbados e os poetas deambulavam no vento  
que suscitou as imagens das relíquias:  
a foto de Oscar Wilde, cabelo repartido, devasso genial,  
os óculos da Lady Gregory,  
o manuscrito de "Crazy Jane meets the Bishop",  
que Yeats escreveu em Coole Park.  
A casa de James Joyce, o charme dos portais georgianos,  
o jardim dos que morreram pela liberdade.  
As mulheres de olhos verdes da O'Connell Street...  
Tudo isto guardo em mim profundamente  
como quem recolhe o bálsamo da água,  
como as aves lacustres fluindo,  
como o verde das árvores do St. Stephen's Green.  
Tudo quanto hei de guardar comigo para sempre.  
Dublin, 15/08/98

## LES PRODIGES DE PARIS

O Panthéon, glacial *scaphandre*, depois da chuva,  
vestindo um véu de fantasia.

As ruas românticas,  
cinza nos arcos de Notre-Dame,  
a delicadeza dos portais, a formosura dos lustres e capelas,  
Santo André *tréssaille de joie à la vue de son supplice*.

Pont de Grenelle, os acordeons derramam neblina  
sobre um canteiro de salgueiros.

Das torres esguias se divisam as apoteoses.

*Pont de l'Alma*, os suntuosos mármore  
da Igreja Real *des Invalides*,  
a dourada cúpula e os heróis dormindo sobre suas vitórias.

O arcabouço da Torre Eiffel, elevado em suavizações.

*Pont Alexandre III*, com arcanjos eqüestres  
candelabros esmaltados de tons alegóricos.

*Pont des Invalides*, Artemis sentada entre escudos,  
Dâmocles impávido, um arcanjo com coroa de louros.

O sol poente nos pequenos Bacos, ébrios de luz,  
cantando em ciranda, enquanto Eurídice espera Orfeu,  
brandindo encantada lira.

*Victoire Maritime, Victoire Terrestre*,  
mágicos contornos de colunas.

*Pont Mirabeau*, caminhos de Appolinaire.

Ensimesmado na passarela,

flano ao largo do Sena,  
as folhas do outono se precipitam,  
o vento inspira o vôo das gaivotas,  
os barcos dormem sob os arcos *da Pont Neuf*.  
Vórtices no relevo d'água.

Os verdes jardins da Escola Militar e do *Champs de Mars*.  
As harmoniosas linhas estruturais da nave de St. Germain de Prés.

O *quai St. Michel* e seus livreiros indolentes.  
O *Marais*, as engrenagens do Centro Pompidou,  
contrastando com a velha *Tour de St. Jacques*.

*La nuit qui tombe, soleil noir*,  
o obelisco no epicentro da *Madeleine*,  
colunas jônicas na *Assemblée Nationale*,  
no outro extremo da *Place de la Concorde*.

A cúpula esmeraldina do *Opéra*,  
*Académie nationale de Musique accroupie sous le ciel*.

*Le Boulevard des Batignolles*,  
*les estaminets de Nerval*, errante a escrever pelas ruas,  
no Café Divan, *rue Le Peletier*.

*il n'y a que l'oeil fier de quelques filles*.

Os mármores do *Sacré Coeur*, animando as tenebras,  
alvos óvalos bizarramente bizantinos.

Do *quartier Saint-Honore*, noctâmbulo impenitente,  
o poeta peregrinava, até o atelier de Théophile Gautier,  
não sem antes visitar os cafés *de la bohème*,  
o *impasse du Doyenne*, no *quartier du Carrousel*,

até a glacial noite trágica, *rue de la Vieille-Lanterne*.  
L' *ilê Saint-Louis*, onde Gautier fundou o Club dos *Haschichins*.  
O *jardin du Luxembourg* das festas galantes verlainianas,  
“*les grands jets d'eau sveltes parmi les marbres*”.  
O *Quatier latin*, onde Verlaine bebia absinto.  
*Champs Elysées*, a multidão flanando,  
as vitrines, a insônia dos transeuntes.  
O Arco do Triunfo, feérico farol à *la trainée des voitures*,  
noturno fantástico no *écran* do carrilhão flamejante.

## NAPOLI

A alma que tenho carece de golfos,  
cidadelas, arenas com muraturas, arcos de mármore,  
*fontana dell'Immacolata,*  
*Santa Lucia in riva al mare.*

Como viver sem o transporte das contemplações,  
sem o sentimento de infinito espaço,  
prenúncios de esperança no porvir?

O espírito que sou é uma catedral:  
candelabros e pilastras erguidos num horto.

Refugiei-me na Vila dos Mistérios:  
insígnias, esfinges, planícies de ouro,  
o mar inflamado entre as colinas.

Vi os barcos dormindo no círculo das águas.

Vi os faróis do golfo.  
púrpura nas alturas.

A alma que tenho  
ressuscita em mim as divindades marinhas.

A recordação de um tempo luminar transita nos pinheiros,  
forma um crescente na costa, sob os vapores da cratera.

O mar ungido de nevoa, *scoglio di Nisida.*

Despojam-se os restos petrificados do colosso.

Pompéia oculta em basalto e arte musiva,  
redescoberta em tavernas, pilastras,  
labirinto e fontana.

A cruz das torres sobre os muros de Apolo.  
San Francesco de Paola ressuscita um morto.  
*Castel dell'Ovo si svolge i resti di San Salvatore*  
*le celle conventuali scavati nella roccia.*  
*Capo Posillipo che placa il dolore,*  
a inscrição de Atena na Porta Capuana.  
Do templo de Zeus surge a *Chiesa dei SS. Apostoli.*  
Os faróis do golfo, sob o influxo da Estrela da Tarde.

## ESTÂNCIA CEARENSE

### MEDITAÇÃO LÍRICA

Ah, quanto contrasta o fenômeno místico  
com a sordidez mundana!  
Há dois mundos em tudo.  
Homens-feras perseguem uns aos outros.  
Com os sentidos rebaixados,  
já ninguém contempla o céu.  
Só eu não sou indiferente às nuvens e à lua.  
Só eu não ando aos berros  
como um camelo no deserto das ruas.  
Fortaleza, quem te vira refém da revolta e do medo?  
Quando haverá a transformação?  
Quando voltarei a cantar nas amenas noites de agosto?  
Quem decifrará o teu segredo?  
Quisera jamais te ver pasto de tristeza,  
pátio de solidão!  
Fortaleza, dama da noite alucinada,  
já não contemplo a lua no espelho das tuas lagoas.  
No meu solilóquio de andarilho à Beira-Mar,  
não há prazer nos bares, mas na deambulação.  
Portal do Atlântico, nave encantada,

ancorada no cristal da memória,  
cidade azul, lavada de aprazíveis aragens,  
seara de fontes frutais,  
verdes pomares, verdes mares.  
As luzes refletidas no influxo das ondas,  
o rumor do vento na madrugada  
e o meu pensamento devotado aos teus horizontes.  
Fortaleza, eu revivo a todo instante o teu drama!  
Verdes mares que me fascinam  
desde o tempo em que fui contemplativo.  
A vida mudou, mas permanece em mim a mesma paixão.  
Porque a vida me foi sempre uma saudade do paraíso,  
de um tempo sem a sensação da transitoriedade.  
De um translúcido sentir sem desilusão,  
sem o temor da teia tecida pelas Parcas,  
sem o império material do Chronos.  
Eu fui na infância um ser iluminado.  
Agora vivo em sombras  
no porão dos meus devaneios.  
Fortaleza, olha o teu cantor!  
O que escreve caminhando em tuas calçadas,  
o que ainda se perde de amores diante do mar.  
O litoral, meu habitat predileto,  
este espaço da Ponte Metálica à Beira Mar, me satisfaz.  
Não os teus bares e cafés, mas este espaço!  
Fortaleza, vê o teu poeta

deambulando pela Praia de Iracema,  
passando indelevelmente pela Praia do Ideal!  
É um cidadão urbano, meditativo,  
mirando as cores dos edifícios  
que desenham a curva da enseada.  
Fortaleza, recorda o menino que percorreu as tuas praias  
com o olhar dos encantos!  
Só é grande o poeta que canta a sua cidade  
e eu te revejo sempre com o pensamento apaixonado!  
Canto a brisa cálida das tuas tardes e o remanso da praia.  
Sinto agora um enorme apreço pelo semelhante.  
As ondas do mar me hipnotizam.  
Cidade minha, és testemunha do meu desvelo.  
Dedico aos teus horizontes a minha introspecção,  
meu refúgio em mim mesmo.  
Sou o teu guardião!  
Escrevo a tua história com a seiva do sentimento.  
Cada respiração do meu ser  
se harmoniza com os teus ares.  
Neste remanso em que vadio,  
numa vilegiatura lírica inconsolável,  
vivo a emoção do passado na vertigem do presente.  
Por que fugir das coisas pragmáticas hoje?  
Por que não me recolho na disciplina objetiva?  
Prefiro perambular pelos teus âmbitos de contemplação!  
Debalde percorrer os teus recantos!

Eu partirei, levando as imagens vívidas.  
Quando voltarei a sentir o alento do vento diante do mar?  
Fortaleza, olha o teu cantor!  
O que vive no limite da ousadia.  
O que vive perplexo.  
O que se dedica às percepções visuais,  
recolhendo-se em raro ensimesmamento.  
Cantando toadas místicas na tua intenção,  
cortejando as tuas musas com emoção sincera.  
Vejo a viagem das nuvens, o eflúvio azul.  
Se pudesse, fixaria o êxtase efêmero da tarde.  
O vento e os pássaros - heranças da infância.  
Fortaleza, só em ti contemplo esse céu sem mágoa.  
Mas por que estou melancólico,  
se entro em teus portais coroado de glória?  
Na perspectiva dos moinhos  
o mar imerge no hidrogênio dos páramos.  
As brumas configuram imagens hipnotizadoras,  
bebo o orvalho das ondas em haustos.  
Sou o andarilho que se embevece  
com a visão dos navios.  
Fortaleza, pérola do mar,  
diamante do verão, engenho lírico,  
ando seduzido pelas tuas noites cálidas.  
Tenho o rumor do mar onipresente em meus ouvidos.  
Há flores litorâneas em tuas calçadas.

São meninas graciosas, filhas do sol.  
São sereias que o luar fecundou nas areias.  
A tarde nunca esteve tão romântica.  
Nunca o céu teve essa cor clarividente.  
Por que medito assim, magnânimo e nostálgico?  
Tarde lápis-lazúli, de sombras venerandas,  
sinto a efusão da natureza  
para além do ruído das máquinas.  
Cada minuto é um prenúncio de eternidade no transbordante agora.  
No entanto, a hora fluida se esvai  
ante os meus olhos transitórios.  
Foram poentes, foram adeuses,  
foram tardes assim que me fizeram poeta.  
Foram aromas, tonalidades, perplexidades e cânticos.  
Foi certamente o mar – semeador de encantos.  
Foram todos os teus adornos e paisagens.  
Teus fulgores, teus quebrantos azuis.  
Amanhece noturno na superfície do mar.  
O fogo da esperança acende os horizontes.  
Fortaleza dos quintais líricos,  
tu que tens coqueiros como sedutoras torres  
e horizontes de serenidade.  
Em meio à aflição das avenidas, resplandeces crepuscular.  
Ando nas nuvens, tendo os pés no chão.  
Vejo com olhos de outrora o teu céu de andorinhas.  
Nas ramagens vejo o verde da vida

e a sombra da desilusão me acompanha.  
A tua lembrança me conforta.

Noite etérea em Fortaleza,  
ex-cidade dos meus encantos,  
hoje recanto dos meus sonhos nostálgicos.  
Cadê o rapaz que se apaixonava nos bares da beira-mar?  
Sou eu esse que lamenta o existido,  
o que se engana com a perspectiva do tempo.  
Sou o que só no passado vê plenitude.  
A hora presente é a ficção do segredo.  
Só no futuro existe vida?  
Imagem de esperança, visão martirizada pelo mistério.  
Noite etérea que conheces o axioma cósmico,  
o diálogo contigo é monólogo,  
é o reflexo do meu enlevo angustiado.

### **A RUA DA MINHA INFÂNCIA**

Aconteça o que acontecer  
a rua da minha infância será sempre minha.  
Cesse toda música que não há melodia  
como a dos passarinhos daquela rua.  
Mandem interromper todo ritmo,  
mandem pacificar o mundo.

Há um luar estremecido entre as nuvens  
e eu me morro de melancolia  
ao reviver a emoção antiga.  
Silêncio! Estou ouvindo os pássaros da minha rua.  
Estou hipnotizado pela ressonância do mar.  
Mandem prender os marginais e acabem com a guerra  
que o tempo é de êxtase!  
Só sentindo a natureza o homem se redime.  
Os moinhos giram, a água escorre,  
mas ando perplexo diante das casas arruinadas.  
Restam os passarinhos da rua da minha infância.  
São eles os meus deuses redentores.

### **FIM DE NOITE NA BEIRA-MAR**

Outrora não havia esses mendigos de cada esquina.  
Nem os canalhas que passam fazendo barulho.  
Só o mar ainda é o mesmo. Será mesmo?  
Há cheiro de esgoto e lixo ao longo da avenida,  
Passam os turistas,  
indiferentes ao tamanho do problema Brasil.  
Passa a burguesia, desfilando pernas e roupas.  
Passa o povão inebriado pelo ópio da brisa noturna.  
A noite termina  
quando estalam os ferros das barracas

que os proletários carregam nas carroças.  
Para as moças notívagas ainda é cedo  
e são promissoras as perspectivas comerciais.  
Para mim – andarilho das noites enlucadas,  
a cidade é outra, mas ainda vive  
e dá origem a belíssimas criaturas.  
Que diria Alencar de tantas Iracemas?  
Saberia que as índias já não se apaixonam  
por guerreiros brancos,  
mas ainda contribuem para o prodígio étnico.  
Ao menos essa mística se preserva.  
Quanto a mim, o sentimental,  
tomo nota desses fenômenos,  
na ilusão de que a história os reconheça.

### **DE REGRESSO AO CEARÁ**

A emoção transborda no marejar dos olhos,  
a proa já vai cortando os ventos nordestinos.  
Coração iluminado de expectativas,  
encontrarei meu pai e minha mãe,  
já velhinhos, à espera do filho pródigo,  
viajante de longa peregrinação.  
Um ano sem ver o Ceará  
e esse cortejo de ânsias e alegrias.

Ânsia de rever os diletos amigos,  
alegria de tê-los tão íntimos na memória.  
Tanto tempo à sombra da solidão!  
Setembro de novo: parece que foi ontem.  
Quem abraçarei primeiro,  
quando meus pés tocarem o bendito chão cearense?  
É uma dádiva ter pai e mãe vivos,  
quando se avança na perspectiva clarividente.  
Da janela, entre nuvens, diviso o espelho das lagunas.  
Surgem, como tesouros translúcidos,  
telhados entre quadrângulos esverdeados.  
Viva Fortaleza de quintais de esmeralda!

## **FUTURO**

A Ciro Gomes

No lugar sereno dos meus pensamentos,  
ver uma pessoa e lembrar de tê-la visto há 20 anos.  
Sentir num perfume o antigo momento.  
Respirar a brisa que o mar nos dá de graça.  
Na calma imprescindível dos quintais marinhos,  
horizonte musical, vida sem pressa.  
O mar é todo encanto.  
É uma cristalinidade fluida.

Semeio poesia num janeiro de azulções,  
chamo o vento de amigo  
por suas manifestações de ternura  
e aceno aos navios com olhar de aventura.  
Nestes recantos de êxtase, praia dos amores meus,  
não permitas que eu sofra longos exílios!  
As gaivotas me dizem que a cidade é feliz.  
Textura cromática da tarde brasileira,  
entonteio-me de encanto.  
Descubro fascinações e apoteoses,  
brandos pomares, quintais de aromas.  
Fortaleza, adorável nome dos meus idílios!  
A visão de tudo é o mar.  
A miragem do infinito é o mar.  
Futuro é o mar.

## **REFLEXÃO**

Morrer deve ser triste se não se puder mais ouvir música.  
Se morrer é estar longe de uma varanda em Fortaleza,  
se morrer é não ter passado nem presente nem futuro,  
então a morte deve ser algo temível.  
Porque preencho a vida de melodias,  
viver é muito mais que um lento envelhecer.  
Escrever um poema, por exemplo,

é o mais perfeito ato de justificação da vida.  
É um momento de vitória sobre a morte.  
Que me importa se da cristalina fonte não bebam todos.  
Eu tive uma infância e a recordo com ternura.  
E tenho saudade e me deleito na hora presente.  
Ah, só isso vale a lira dos cinquenta anos!  
Viajo no pensamento a lugares de outrora.  
Reencontro amigos que o tempo distanciou.  
Permito-me um instante de lirismo  
e ninguém pode me proibir de ser romântico,  
de meditar sobre a vida a sua circunstância  
e recolher, emocionado, as rosas de fogo dessa reflexão.

### **VIVÊNCIA NOTURNA**

Quantas vezes percorri a extensão deste litoral  
como um animal rejeitado e feroz  
espreitando as sombras da noite!  
Violento e irritado pelos gênios do mal,  
caminho arrebatado por estranha sensibilidade...  
A única coisa que depende de mim e estar tranquilo,  
Por isso ando desconfiado e ensimesmado,  
caçador de mulheres,  
a vagar pela orla pontilhada de luzes  
espelhadas no mar.

Atormentado pelo fantasma da insônia  
e abominando a estupidez dos canalhas,  
caminho proscrito neste desvão de angústia,  
com asco.

Tenho por liberdade a rebeldia,  
e por esperança as águas escuras de Atlântico.

O desgosto já não importa,  
tenho a insociabilidade dos que perderam a ilusão.

Ando risonho porque sublimei as frustrações.

Ébrio de mim mesmo,  
sento-me de costas para o mundo,  
isolado em mim, afastado da multidão,  
apenas o fascínio do mar  
e o enigma das estrelas me interessam.

A imensidão do oceano  
e a altitude infinita dos astros  
representam as dimensões inalcançáveis do amor.

## **NOITE CEARENSE**

A Tarcísio Barros Leal

Alegria de sentir a noite equatorial  
e saber que além destas sombras,

existe o pleno dia que acende pérolas radiantes.  
Os lençóis do vento cobrindo os leques do arvoredado.  
Além dos barulhos da cidade,  
meditar sobre a nossa casa num campo celestial.  
Alegria de saber que acima desta noite,  
além da miséria terrena,  
há um jardim de luz  
que recende o perfume das origens.  
Caminhar entre os canteiros  
assistido pela natureza.  
Abrir os braços e receber as dádivas do Acarati,  
ar puro que lava o corpo  
e preenche o espírito de harmonia.  
Ar noturno de apazíveis oferendas,  
doce como as carícias dos amantes  
e a bondade dos amigos.  
O vento, irmão da nossa infância,  
terno companheiro de quem ama as noites,  
navegante do hemisfério, anjo marítimo.  
Segredo decifrado pelo código do amor.  
Fortaleza, 30 de agosto de 92.

## RUA CARLOS VASCONCELOS

A Rubem Amaral Júnior

A tarde de domingo tem sabor de infância  
mas só as árvores ainda se lembram de mim.

Desde que parti,  
o fim do século arqueja sobre os telhados  
e o espanto desfigurou a rua,  
como o rosto do menino nas esquinas de outrora.

Busco o que restou de mim  
nos remoinhos que carregam a juventude  
na poeira dos caminhos de antigamente...

Vejo-me nos meninos de agora,  
mas os que tinham meu rosto são já os do passado.  
Onde a calçada em que descobria meus brinquedos?

Onde a casa de meu avô, minha casa?  
Volto sempre em sonhos a casa que já não existe,  
mas existe muito mais agora,  
só porque foi demolida  
e posso vê-la mais real que se estivesse ali.

Onde o caminho de aventuras do mar?  
e o castelo em ruínas?  
e o devaneio da Praia do ideal?  
Cerraram horizontes.

Mudou-se o amigo que morava em frente,  
adiante semearam um edifício,  
mas a rua ainda guarda o mistério daqueles jardins  
e ainda resta um resquício de humanidade na Aldeota.  
Mas, rua Carlos Vasconcelos,  
vê o que fez de nós o vento da mudança!

### **ASTROLÁBIO DE MISTÉRIO**

A Werton Pontes de Araujo

Vamos inventar um relógio de água  
com dígitos de pérolas verdes,  
água da Praia do Futuro  
e agulha de cristal da gruta de Ubajara.  
Um relógio ecológico,  
de ressonâncias atenienses,  
que jamais imaginou Pitágoras.  
Relógio de linhas assimétricas,  
que mede o tempo da amizade.  
Os referenciais refletem o infinito.  
O mostrador de areia de Jericoacoara,  
na medida de uma dizima periódica,  
que calcularás no computador do jardim  
da casa na rua Padre Luis Figueira,  
Júpiter em Peixes,

na varanda em que deslizam gatos místicos,  
relíquias do Egito.  
Essa bússola aquariana,  
entre o oceano do sonho  
e a nuvem do pensamento,  
esse cronômetro de fraternidade,  
pós-moderno, cibernético,  
talismã da nova era,  
que plasmarás com mãos de alquimista,  
será exibido ao olhar dos poetas hierofantes,  
reis magos deste símbolo da infância.  
Bandeira lírica, o prodígio profético,  
será exposto nos restaurantes vegetarianos  
ou na Praça do Ferreira,  
para encantar os saudosistas da Coluna da Hora,  
e cintilar nas noites da Fortaleza  
dos tempos do Córrego Pajeú.

## O OUTRO TEMPO

Não havia o problema da consciência:  
a instância dos medos.

Doce era a dádiva de respirar.

Havia o encantamento das manhãs de águas imóveis.

Vieram os redemoinhos à porta do degredo.

A arte de multiplicar o tempo era descobrir os horizontes,  
as aventuras dos passeios e os frutos do quintal.

Era diversão a perspectiva do nada.

Ter coragem era entrar no Castelo

da avenida Santos Dumont

ou subir na caixa d'água

e ver as estâncias da Aldeota e o mistério dos navios.

Até o céu era outro: não refletia signos selvagens.

Crepúsculo na varanda,

caminhar ao encontro das paixões,

ouvir as revelações do mar.

Legendas azuis que vivi transido em júbilo.

Apenas sentir a dimensão de tal perplexidade,

sem o limite das sensações controladas.

Havia perfumes ao vento sob cálido luar.

O segredo do encantamento era claro como ontem.

## **RUAS DE ALDEOTA**

Caminhando no mormaço das tardes,  
a barba por fazer como em outras tardes  
que agora me vêm com os espinhos de recordar.  
Magoado das horas em que passeio entre melancolias,  
vivendo assim, desde que me feriram estas emoções,  
carente do antídoto da saudade,  
aquele gosto de pitanga que me conduzia ao jardim,  
um bálsamo transitório me garante o enlevo.  
Ah no tempo em que eu perambulava à toa,  
eram as ruas sem asfalto e a vida sem cuidados.  
Depois veio a semântica dos temores,  
o tumulto das sensações.  
Trilhei ínvios roteiros e cultivei papoulas de ilusão.  
Súbito, numa rede de sonhos,  
lamento o meu destino nômade  
e antecipo as tardes cálidas de hoje,  
rendido ao que fui,  
querendo ser o agora pleno de antes e de amanhã.

## MEIO-DIA NO SERTÃO

Tem cupim de asa na fazenda e não choveu:  
o calor esturricou as ribanceiras empalmeiradas,  
os matagais estão da cor da terra,  
gado muge de sede na capoeira.  
O vento de novembro arrasta as nuvens  
pra despejá-las no mar.  
Palha seca sussurra no mormaço,  
o ar quente secou as cacimbas.  
Só na boca da noite as plantas gostam de beber.  
O caboclo descança à sombra do tempo abrasado.  
Estranho como a água escorre  
e desaparece que nem dinheiro de pobre.  
Mas a chuva de súbito inunda tudo,  
porque há fonte em toda parte: céu, ar e terra.  
Mas dinheiro é escasso,  
depende de patrão que abusa da força humana,  
e quer secar o homem feito rama de capim.  
Um tempo assim faz meditar no destino...  
Silêncio clama no rigor da hora.  
Marmeleiro sem folhas espera algumas gotas,  
os capotes se alucinam em algazarra,  
um bando de aves escuras redemoinha lentamente  
e se esvai sem deixar vestígios.  
O vento rumoreja no folharal,

brinca nas palmas tremulantes.  
Os lençóis brancos do céu se dissolvem.  
Os cajueiros exibem ouro nas frutas.  
O sanhaçu faz festa pelos galhos.  
Silêncio crepita ao cálido sopro do meio-dia.

## **RECORDAÇÃO DO MAR DE FORTALEZA** A Francisco Mauro Brasil de Holanda

Assim eu quero a vida minha:  
Horizontes claros, aragem nas ondulações.  
Alvorada de jangadas.  
Cada raio de sol e um galardão de sonho.  
Ondas acariciando as pedras,  
lenços brancos ao vento da fortuna.  
Cataventos nos vergéis, com diademas,  
ânforas e miragens.  
Jandaias, o mar de esmeralda,  
vida esbanjando nas espumas.  
Assim quero sempre a vida minha:  
hialino colar de reflexos, marulho nas virações.  
O sopro do terral na orla dos confins,  
salinas de acalanto.  
Fortaleza, jardim de esperança,

jangadas em festa no panorama de safiras,  
flores de alacridade.  
Do mar bramindo à fimbria das dunas,  
o soluçante enlevo.  
Cada onda é uma canção da minha história.

### **PRAIA DO FUTURO**

Voam velozes os véus dos ventos venturosos,  
Vastos, vagos, vasos difusos velam,  
divagando dádivas.  
Tórridas torres trêmulas,  
tingem de azuis rútilos as altitudes,  
teias turvas, telas transfusas,  
álgidas asas, alvas, avançam  
áureas, altas, aladas, se alastram,  
lavam lívidas lagoas,  
levitam lânguidas lassitudes, idílios, lírios aéreos,  
árdegos haustos, calmos, arejam frescas franjas,  
fúlgidos fulgores fogem, flanando fluidos,  
claras crostas flóreas,  
brandas, brancas brisas,  
brumas embaladas ondulam  
vertentes - o mar é um jardim etéreo,  
um milagre evanescente no espaço disperso,  
amplios horizontes esvoaçam alvoradas planas de cristal.

## PORTO DAS JANGADAS

Eis-me a sentir o aroma dos quintais,  
que degusto com os pássaros.  
Recordações de clarividência.  
Apaixono-me pelas branduras,  
quimera que o mar volatiza.  
Sou ainda aquele que cultua as madrugadas,  
carícias da brisa nos veleiros.  
Flóreos mananciais do meu imaginário:  
ravinas em turbilhões, teia translúcida, cortejo anil.  
São meus tesouros as acrobacias das ondas,  
meu império luminar.  
Careço dos rebanhos que reverenciam as tardes,  
pois não vi as alvoradas de cinza,  
nem as palmeiras na relva das vazantes.  
Fico adorando atlânticas liturgias,  
lisuras do planalto aéreo em festa.  
Navegarei no segredo e decifrarei as espumas.  
Meu refúgio na exuberância, meu silêncio.  
Caminhos frugais que a bruma drapeja,  
meandros que se recamam, serenas escarpas...  
Em criança, de verde-marinho e róseo  
idealizei minha casa,  
matizes do teu ocaso, horto meu.

## CONJECTURAS DE UM PASSEIO MATINAL

Rua Adolfo Caminha...  
Por que não declará-la imortal  
como a rua Sócrates em Atenas?  
Sob o sol do nordeste brasileiro,  
queiram ou não os empresários e os políticos,  
ignorem os transeuntes, esses trágicos animais,  
esta muralha de 1817 significa mais que o Coliseu.  
Estes porões, onde torturaram Barbara de Alencar  
e o Padre Mororó,  
apesar da ignorância da população,  
e mais importante que a Torre Eiffel.  
E embora se permita  
que a praça dos Mártires vire monturo de lixo,  
e não haja nela uma estátua sequer dos mártires,  
aos quais foi consagrada,  
(no lugar das estátuas,  
há armas apontadas pra quem passa)  
e apesar destas ruas terem nomes  
dos que entregaram a cidade  
aos invasores inimigos,  
ao menos os poetas louvem a cidade,  
a praça, as ruas  
e o autor d'A Normalista,

pois tal ilustre prosador cearense merece ser lembrado  
como qualquer francês ou grego.  
Mas, quanto à cidade,  
vítima da mentira e da desordem,  
terá ela ainda salvação?

### **A UM CASARÃO DEMOLIDO**

Restou um muro entre o nada e a insânia dos carros.  
Onde o vulto altaneiro, teu arquétipo?  
Castelo de sonho, mansão estirpada de um vergel,  
contigo implodiu o logradouro onde as ilusões.  
Esmagou-te bárbara turbamulta,  
Hiroxima de bestial tropel.  
Relíquia pisoteada, as alegrias inventavam manhãs...  
Pena ver-te dejetado, receptáculo do córrego de imundícies,  
campo de lixo da outrora nobreza.  
Rua Francisco Sá, venturoso rincão,  
Jacarecanga, até quando as vilas  
e os casarões seculares?  
Quem conhece o sentido da infância?  
Quem te esmagou neste abandono,  
monturo te sonhou jamais, se antes vitrais e jardins?

Rasgaram os teares da fantasia.  
Mas um poeta ainda tece, num manto de memória,  
o que dos arejados alpendres se vê: o mar.  
E se condói do abandono teu  
o habitante de para além-terras de ninguém.

## RECORDAÇÃO DE JÁDER DE CARVALHO

Tuas palavras têm a origem dos tempos  
e dos continentes.  
Teu canto evoca reminiscências,  
rios, açudes, ingazeiras.  
Traz a unção do horizonte.  
Jáder, pastor nômade,  
agora trilhas a luz dos caminhos dos ventos.  
Tua voz entoava oração de melancolia e êxtase.  
Cantaste o vôo das garças, a premonição,  
o cheiro puro da manhã e a fraternidade.  
Agora ouves a confissão noturna da intemporalidade.  
Pela coragem, pela claridade  
lançada sobre as dores do mundo,  
mereces honra e glória.  
Vejo-te recolhido ao mosteiro das cogitações,  
perscrutando a saudade das casuarinas.  
adrugada raia o clarão prateado,  
os soluçantes ventos do sertão  
teus versos que cantam praças de mongubeiras,  
vilarejos e fazendas,  
A revolta com que defendeste as classes proletárias.  
Cantaste a névoa, o balido do carneiro,  
o violão e os navios perdidos.  
Adivinhaste a linguagem lírica dos sinos

e a lição transcendental das árvores.  
Na paz das herdades,  
na suavidade das tardes litorâneas,  
contemplaste os veleiros e as dunas,  
escutando a música das ondas.

### **MEDITAÇÃO SOBRE O MAR DE FORTALEZA**

Os bêbados, os loucos e os mendigos  
caminham na passarela enluarada.  
Além da calçada dos mortos  
e dos barulhos da cidade,  
no sorvedouro das areias,  
onde as ondas,  
como vulcões borbulhantes, se precipitam,  
meu sonho de amores pela vida.  
Ânsia nos meus olhos,  
se contemplo a serenidade.  
O sabor da tarde vaza pelos torpores do tempo.  
Tarde que aprendi a sentir na infância,  
recordando outros tempos,

que não pude reviver senão chorando.  
O sabor da tarde me lava de ventos líricos.  
São minhas as lamentações do mar.  
Venho reverenciar os rumores da brisa.  
Quisera fazer-me irmão dos segredos do seu destino.  
Viajar nas torrentes do seu mistério.  
Sonho com os portos e venturas  
a que minha alma anseia.

### **NOTURNO DA ALDEOTA**

Silêncio transitório das casas na penumbra,  
silêncio partido pelo ranger dos carros.  
Sobrados de terraços aconchegantes,  
jardins sombrios de velhas árvores:  
cajueiros ancestrais ...  
Rua Barão de Aracati:  
quietas esquinas de mansões serenas...  
O latido dos cachorros,  
o balançar das flores que o vento alisa  
e a rua quase deserta.  
Rumor de um rádio perdido ao longe,  
conversas dispersas nas calçadas,  
o aspecto arejado da casas burguesas

e a choupana dos operários do arranha-céu...  
(há lixo amontoadado, próximo ao arcabouço).  
Silêncio violentado pelos barulhos das máquinas.  
O olhar dos notívagos é desconfiado como o dos gatos.  
Muros manchados pelas máculas do tempo,  
sombras e luzes, vozes espalhadas,  
sons de canções de rádio,  
varandas, paredes brancas, pátios, claras encruzilhadas,  
amplas mangueiras de densa folhagem.  
Rua Idelfonso Albano:  
esquivo e ruidoso,  
um prédio desponta na alameda sonâmbula.

## **NO REINO DOS CAJUEIROS**

A Cid Sabóia de Carvalho

No reino dos cajueiros as noites são claras  
e o vento redobra quebrantos, em alvorada pérolas.  
Pássaros livres respiram nuvens nas manhãs.  
No reino dos cajueiros arranquei o tédio pela raiz  
e me encantei com os brilhantes fluidos  
do brasão da esperança.  
Na hora azul do céu suburbano,

recebi augúrios ensolarados  
e um tempo de silêncio  
afastou de mim as palavras desesperadas.  
No reino dos cajueiros o medo se resolve em sorrisos,  
amanhece a frialdade azul dos sonhos.  
Caminho sob a lua meridional  
e tudo é uma riqueza dionisíaca.  
As nuvens são aves brancas dispersas,  
a tonalidade azul é o encanto que mais embevece.  
Enquanto estremece a atmosfera do dia,  
distribuo segredos aos desvalidos.  
Reino dos cajueiros - refúgio da humanidade.

## **TEMPO REDIVIVO**

A Mercedes Vasconcellos

É o tempo em que as castanholeiras deitam folhas amarelas  
e a araponga das manhãs martela como antigamente.  
Tempo em que não havia sobressaltos  
e a tarde, inocentes olhos, vojava nuvens.  
É o tempo em que eu ria do sentimento da vida,  
meu cuidado diminuía na proporção do tempo.  
Não havia em mim o esmero da impecabilidade,

nem os tremores de ânsia.  
Quero aquele tempo sem susto,  
confiança aumentando na proporção do tempo,  
perfume de esperança nos gestos  
(não o poço de pecados de um penitente).  
Alegre é o trabalho da purificação.  
Grande a obra de iluminar os homens.  
Amor crescendo na proporção do tempo.  
Espero aquele tempo a que devoto o agora,  
num sonho de vida a existir em paz.  
(Só a lua entende minha solidão).

## **ARQUITETURA LÍRICA DE FORTALEZA**

O Mucuripe fez-se lume de serenidade.  
A ventania vai acender o facho da esperança...  
A cidade mergulha em lápides,  
entrevada de tristeza nordestina,  
circunscrita em amplidão caleidoscópica.  
O terral soluça no Atlântico  
- brisa de lamentos, cheirando a povo e peixe.  
A Aldeota canta na voz dos pregões da rua,  
evocando pilastras, jardins  
e manhãs esgarçadas em brumas.  
Os dias eram cúpulas de vitrais, bafejados de claridades,

desfeitos em tardes adormecidas,  
desvanecidos, feudais palácios.  
O Pirambu, estóico, se resigna em semblante operário,  
na festa do apito do trem,  
nos bares de canções e bêbados,  
nas calçadas de flores e incertezas.

### **LOUVAÇÃO A FORTALEZA**

Andar nas ruas familiares,  
(cada esquina é parte de mim).  
Respirar o aroma das árvores,  
na hora em que tudo é música.  
Escutar o silêncio nos quintais chuvosos da infância:  
basta fechar os olhos  
e a memória me transporta aos dias antigos.  
Todo o cenário de visões puras me conduz às calçadas do bairro,  
meus passeios na quietude das ruas que levam à praia,  
sob o véu vertiginosamente azul,  
imagens que vejo:  
Fortaleza das ruas noturnas e desertas.  
Não passava tanta gente, nem havia tanto carro.

Aldeota - extensão de minha casa.  
Nas tardes de inverno, o aguaceiro nas calçadas...  
Depois da chuva, o clima nostálgico dos casarões,  
folhas dispersas, tarde adormecida  
no frio da hora meditativa,  
jardins macambuzios.

As ruas Santos Dumont e Visconde de Mauá,  
o entardecer oscilando no pêndulo dos coqueiros.  
Na rua de outrora, recordo o tempo em que vivi sonhando:  
quarteirões sombrios, diante dos meus passos,  
poetas irradiando plenitude no desespero do alento.  
A praia, a cidade banhada em luz, opulência matinal.  
Percorro o itinerário da velha estrada do sítio,  
as avenidas do Benfica e seus ares ancestrais,  
o futebol aos domingos era a vida da cidade.  
Quando eu não puder mais vislumbrar a jangada,  
os quintais, os jardins de beleza imperial,  
teu fascínio, cidade dos meus sonhos,  
solução dos quadrantes do vento...  
Revejo as torres das igrejas, os telhados,  
a Praia de Iracema, a Ponte Metálica,  
a Praia do Pirambu.  
(Um dia - meninos aventureiros,  
percorríamos o litoral através das favelas,  
o arraial Moura Brasil: a miséria social...  
Oásis de cajueiros e mangueiras,

os bosques do Pici, música nos galhos, pássaros, cigarras,  
perfume verde no vento, cores luminosas no ar das manhãs.  
Bairros cheios de ócios deliciosos,  
as pessoas nem sentiam a vida,  
adormecidas  
na indiferença com que observavam a cidade agigantar-se.  
No Montese, no Parque Araxá, na Aerolândia,  
nestes paraísos de nobreza proletária,  
tediosamente encantadora,  
emergia a inquietude de um povo  
que acordava para o século da velocidade.  
A vida já é o bocejar,  
O espreguiçamento,  
ante a ganância desesperada das sociedades mórbidas.  
Do mirante da casa da rua Carlos Vasconcelos,  
no jardim, eu via o crepúsculo  
e ouvia a música da solidão.  
A densa folhagem, o mormaço e a prática existencial  
de cada indivíduo,  
a interação das pessoas no mundo de antigamente,  
energia fluindo das paredes e dos corpos em trânsito.  
Fortaleza no discurso dos camelôs,  
na fome dos mendigos, na ladainha dos vendedores.  
Praça do Ferreira... a alegoria dos pregões, os cantadores,  
os engraxates...  
Percorro os caminhos de antigamente,

o burburinho da rua Major Facundo.  
Como o tempo permanece e passa e muda e não se altera.  
E muda, de súbito, terrivelmente!  
Evolui a história da vida no deslizar dos séculos,  
Cadê cidade da minha infância?  
A nostalgia desenha itinerários no meu rosto.  
Revejo em sonhos o meu refúgio:  
árida terra, lavada de luz, ao som triunfal do Atlântico!  
Terra consagrada pela adoração do mar e os afagos do vento,  
em todos os recantos a paisagem se expande azul.  
Praia do Futuro, harmonia dissolvida na transfiguração do instante,  
auspiciosa quietude, berço de areia -- lenitivo!  
O vento Aracati acaricia e reconforta.  
Parangaba, Jacarecanga, coqueiros, relva, no fim do dia.  
Quintais verdejantes e edificações, sob o céu de nimbos.  
Ao leste, o farol de Mucuripe,  
espreitando o milagre evanescente do mar.  
O mar sereno na hora pacífica.  
O poente colorindo os contornos de luz.  
Os coqueiros extasiados na carícia do vento.  
(Fortaleza, dezembro de 1984).

# ÁGUA LUSTRAL

## REFÚGIO NO PARQUE PINCIO

Gêmeas do meu ser,  
as antiguidades me confessam desventuras.  
Fugi dos tabernáculos, de tristes muros,  
e da sórdida condição das tempestades emotivas.  
Da Trindade dos Montes  
e das praças com cavernas de água lustral,  
Longe do afolivo da turbamulta,  
amenizei no bosque o tremor da inquietude.  
Mais do que no silêncio das velhas igrejas,  
repousei fúrias e medos  
no canoro fervor das folhagens.  
Alimentei de cores o coração indefeso,  
pondo-me ao abrigo das redomas consagradas.  
O signo de Eros é um labirinto em chamas.  
A alma redimiou-se, nas sombras do estival torpor,  
o ácido do tempo oxidando o cálcio da vida.  
Num compartimento absconso,  
ficou-me a ressonância de alguma torre abandonada.  
Roma, 22 de junho de 1997

## OS DONS DE APOLO

Apascentou as ovelhas da Tessália.  
Sentiu no loureiro o palpitar de um coração.  
E no festim dos justos deixou votivo ditame:  
"Conhece-te e não te excede,  
vive o sonho imperscrutável  
e as dissonâncias se farão harmonia."  
A Delfos legou altares arcaicos.  
Às pitoníças, o tesouro dos sortilégios.  
Aos ciclones, aljavas no crânio.  
Ao dragão de cem gargantas,  
forçoso foi conceder o extermínio.  
Sagrou-se, por desígnio imortal.  
Dioniso o reverenciou com libações.  
E Olímpia celebrou-lhe os feitos,  
no santuário onde as águias se encontram.  
Aos poetas deu a magnitude do verbo.  
Às parnasianas musas, sêmem nectáreo.  
Aos híperbóreos - as iguarias.  
Ao corvo, a escura plumagem.  
Dos haveres por Zeus outorgados,  
ostentou a mitra de ouro  
e navegou com os cisnes da madrugada.  
Inscreveu música nas paredes neolíticas.  
Ao horto das brisas entregou o jacinto

e decifrou a esfinge da profecia.  
Multiplicou as colheitas das primaveras,  
desvendou o milagre dos mananciais.  
Com a lira de prata deleita os mortais do Orco.  
Pelos augúrios dos pássaros sabe os mistérios.

### **PLOVDIV**

Na miragem dos nevados  
um rio de várzeas esconde antigas glórias.  
Alada vegetação que o inverno envelheceu.  
Fantasmas rochosos que o tempo sepultou.  
O vale se perde nos confins.  
Dir-se-ia que as almas dos deuses vagam no céu.  
Até os imortais lamentam a melancolia das nuvens.  
E, como assombrosos vultos,  
rastejam na vastidão da campina.  
No meu enlevo, a paisagem suscita perspectivas de mar.  
Meu imaginário veleja  
e se expande aos quatro ventos.  
Peregrino dos vórtices do espírito,  
até os vértices da terra.  
Dos domínios da temporalidade  
às fronteiras do Eterno.

## NOS DOMÍNIOS DE POSEIDON

À divindade azul que invade os continentes  
e pinta as manhãs com guirlandas de espumas.

Ao filho do Tempo, irmão dos horizontes  
e de Zéfiro, que faz voar os tetos límines,  
venho oferecer, como flores ao pedestal dos rochedos,  
versos como pilares de promontórios.

Espero as dádivas do seu reino,  
pois como Byron e Egeu,  
olhos na imensidade,  
também soluçei pelo herói distante.

E canto os dons de sua fortuna,  
desde as navegações imemoriais.  
Ao rei das nascentes e ao luzente Apolo,  
que aquece o coração do santuário,  
peço a paz dos brandos ventos,  
a mansuetude de uma viagem lúdica,  
sem glaciações e com dóceis aragens.

Possa eu singrar os golfos da contemplação  
e ancorar nos serenos dias.

E ante a visão de nereidas de claridade,  
nos perfumes das águas estivais,  
aportar nas ilhas brancas,  
sem a insurreição das coisas fluentes.

## ACRÓPOLE

Que majestoso sonhar com o mar  
imagino além do azul!

Montes de recortados verdes  
nas fronteiras do fascínio.

E aqui, na faixa tênue das coisas invisíveis,  
os edifícios brancos de degraus carcomidos:  
mágicos resquícios.

Recolho destroços que o tempo amontoa.

Teatro milenar com pórticos de Zeus,  
bosques de acanto e ninfas encantadas.

O tropel dos séculos  
despedaçou as relíquias do rei Cecrops,  
mas o espírito de Atena  
ronda os retângulos emulodurados de colinas.

Cariátides impávidas  
sustentam a decrepitude da esplanada.  
No heráldico pátio que a corrosão esfacela,  
o jardim das musas.

No cimo de um outeiro, a visão se alumbra.  
Sororos matizes transparecem gradações,  
Sob os pilares, celebro a brisa  
e o incenso dos antigos rituais.

Com carícias de suaves tons,  
amanhece o pavilhão de frescores da planície.  
Recomponho, nostalgicamente,  
sob as escarpas, o templo de Teseu,  
imerso nas ágoras do passado.

### **NAVEGANDO NO MAR DE MÁRMARA**

Regozijo-me com o vento dos ergástulos:  
ardem magnificências crivadas no mármore.  
Flora de fosfórea clorofila:  
sibilas lívidas sobre fluido berilo.  
Um nevoeiro enluarou a pradaria.  
Abrem-se flores à volúpia da imaginação.  
Leveza de refrigerios.  
Minaretes imersos nas nuances do porto,  
montanhas de nuvens horizontais.  
Respiro álgidos alentos.  
Hidras giram, reverberando azuis.  
As frotas se lançam, mastros perdidos,  
sob o manto de tule, de diáfanos traços nacarados.  
A gaza de mistério não recobre os portais:  
fulgem sonâmbulos navios,  
esmando nas minas de oxigênio.

O mar parece de vidro, cortado de alfanje.  
Navego-me ao largo de burilados rochedos,  
onde as dores do mundo se consomem.  
Mar de Mármara, mar dos Argonautas.  
Além das mesquitas, entre resquícios Constantinopla,  
além dos minaretes sobre corroídas igrejas,  
o júbilo da fluidificação:  
cristais acendem báratros, pilares de alvoradas,  
círios perenais nos meandros: amuletos de jade.  
Com flóreas copas, o rochedo de pele de múmia.  
Devaneio entre veleiros.  
Ponho ícones nas muralhas do mar.

Istambul, 2 de setembro de 1997

### **CLARIDADES DE EVIAN**

Contemplo a quintessência flamejante:  
fogo esmaltado sobre os pavimentos.  
Lilás em tudo, com róseo,  
a dormição inquieta, viagem da diluição.  
Espuma dos cimos inacessíveis,  
órbitas inumeráveis.  
Entro na tarde hidrogenada.  
Há cristais nas correntes telúricas,

transparências germinam ressonâncias.  
Um altar floresce o enigma.  
Glaciais provisões lemânicas.  
Fulgores na vilegiatura das cores.  
Gnomos de êxtase agitando os canteiros.  
Perfumes de musgo em líquidos espelhos.  
Cromáticas ondulações.  
Transfiguram-se os idílios aéreos.

Evian, 2 de maio de 1997

### **ALTURAS DE BOROVETZ**

Delicadeza nos filamentos de veludo,  
musgo vivo nos ramos ascendentes,  
as finas mãos vegetais oferecem vida.  
Contritas como eu,  
e ungidadas de alta verticalidade,  
sorvem a luz do céu escampo  
para distribuí-la aos seres viventes.  
Do seu benevolente trabalho,  
só os sábios têm consciência.  
Todos os homens se deleitam no ar mais rarefeito,  
mas nem todos comungam  
na paz da vegetalidade irmã.

Só os que têm sede de luz  
podem penetrar no coração universal.  
Como a folhagem que se congrega  
sobre a brancura do vale,  
e como o lago que azul se reclina,  
entregue aos matizes de todo espectro,  
também o espírito se pode expandir  
na floração do bem  
e fulgurar no espaço infinito,  
na circularidade absoluta  
e na glacial pureza etérea.

## ARNO

Arno que o vento embala com líricas melodias.  
Arno pressago,  
cuja quietude lembra um lago de bálsamos.  
Arno espelho da noite de verão  
- alegre fluir de plumas cintilantes.  
*Arno guardiano che sorveglianza il tempo che dilegua.  
In pace lieta, bordo del ruscello internerice il cuore,  
frange nei ponti multicolori.*  
Arno filósofo *ingannato da un bosco caduto*,  
meditando mansamente com romântico sorriso  
e arcos floridos de majestosas colunas.

Arno del Ponte Le Grazzie,  
de onde vejo o sublime rebanho de ondinas,  
num leito que escorre dos místicos outeiros.  
Oriundo de insólitas grotas,  
Arno de acariciantes virações,  
sonata de Corelli,  
sobrevoadando muralhas de luz.  
Poupa-nos dos aluviões impetuosos,  
*spenge il vago lume del dolce sospirar.*  
*Fiamma dal languore che zefiro risplende,*  
Arno abandonado aos ares de afortunada esperança,  
acendendo imagens como sensações,  
deslizando aragens como afagos.  
Arno de afáveis brisas, como o angélico rosto,  
e os claros olhos das musas que me assistiram  
junto ao muro da Ponte Vecchio,  
de onde imaginei estes fluviais enlevos.  
Florença, 6 de julho de 1996

## PROCESSIONE PER MARE

*"città d'isola  
sommersa nel mio cuore."  
Salvatore Quasimodo*

Meu destino é navegar canais entre palácios heráldicos.  
Contemplo florões, tabernáculos, árcades minaretas,  
criptas abertas e guirlandas alquímicas.  
Flutuam itinerários matinais.  
Há deslumbramento nos quadrantes,  
no frontispício arcano dos quadrângulos arcaicos,  
e no sagrado apogeu dos sinos.  
O pastoreio dos vaporetos,  
*sospeso dal cielo che s'insinuano nel bacino,*  
prodígio nas pontes votivas.  
Atmosfera de fábulas *allietando sul fiori dell'onda.*  
*Color dei conchiglie, color di porpora,*  
*gli alberi in riva alle fondamenta.*  
Venero a efígie das alturas,  
*sovrastante navata dopo l'orto lontano.*  
Meu ofício é contemplar:  
nuances de tecido efêmero,  
*la chioma sciolta dell'alba,*  
os portos coloridos.  
Quadrângulos no desvão do ancoradouro.  
Um clamor dionisíaco nas vivendas e em mim ...

Meu destino é circunavegar esplendores,  
íntimos arquipélagos.

Veneza, 1 de agosto de 1997

**SERENÍSSIMA LAGUNA**

*"M'illumino d'immenso"*

Giuseppe Ungaretti

Dissolvem-se os meus dissabores  
na doçura límpida,  
leveza lânguida.

Recolho imagens na distância.

As ilhas fervilham nos embarcadouros.

Agosto cintila nas verdes redomas.

Calma nos murmúrios imanentes,  
marulha o vagar da íntima tarde.

Tenho sons de búzio na voz da memória.

Cessa-me o fulgor das ansiedades.

Instilo-me transparências.

Em netuniano horizonte

desenha-se a gôndola dos meus sonhos.

Sereníssima laguna:

devoto-me à liturgia das marejações,  
com o encantamento de flutuar entre palácios.

Veneza, 2 de agosto de 1997

## PELLEGRINAGIO A TORCELLO

Hoje que o mar tem sutilezas inauditas,  
exsurgem plenos poderes no país dos ventos.  
Planura florida derramando cores,  
primavera em mutações ignotas,  
triunfo de alteza e transparência.  
Panorama de precioso minério.  
O perfeito vórtice,  
quando, nas ondas, milagroso oásis.  
Hoje que me é propícia a crepitante luz,  
relva nos mangues e no roteiro das nuvens,  
encanto-me na morfologia da fortuna.  
Adentro a redoma de colares policromos.  
Cintilam miragens, dourada apoteose.  
Relíquia de maravilhas, os umbrais da tarde.  
Os pássaros me saudando em frenesi vertiginoso,  
levito em perfumes, canora fantasia,  
sonhando com os castelos do mar.

Veneza, 20 de julho de 1997

## LIDO

Alimento-me de horizontes!  
No deleite visual dos litorais,  
vem a brisa com bálsamos azuis,  
aura serena, evanescente flutuação.  
Da linha costeira,  
manto encantatório de luzente sombra.  
Quem plantou no estuário as flamejações?  
Largueza crepitante de paredes fluidas.  
Ânima de inquietude,  
embeveço-me de exuberâncias,  
vislumbrando reflexos dissonantes.  
Glorioso arquétipo de transfigurações!  
Clarão que se alonga em sendeiros florais,  
e viaja o sorriso da tarde lunar.  
Em cristalinos sopros, nas ondulações,  
como se insinuam finíssimas tonalidades,  
lívidas, indizíveis, indivisíveis!  
No diamantino espelho,  
sigo empós do brilho mago,  
pródigo alarido de bruxuleios.  
Prossigo adorando os íncolas do dia,  
conquanto, esvoaçantes, as fascinações se precipitem,  
instaurando esfinges na fábula das imagens.  
Veneza, 19 de julho de 1997

## COM VIVALDI EM VENEZA

A Artur da Távola

Desdobra-se o manto de intérmína amplitude.  
Os adágios sobrevoam filigranas,  
flutuando pássaros ignotos  
e canoras cascatas de suavizações.  
Gôndolas de miragem fluem júbilos  
e a manhã distribui barcarolas imaginárias:  
a fantasia dos veleiros tece um miraculoso véu,  
luzerna de candores que chove unguentos.  
Em ânforas votivas,  
embarcações florais levam o oloroso mel do dia.  
E um olhar à fortuna, além dos confins do ístmo,  
vislumbra o luar de alegorias.  
Ressuscitando o ânimo de viver,  
a primavera floresce pássaros,  
inspira os augúrios do ideal.  
Em alegros de dança pastoral,  
os ritmos ensolarados da esperança  
transportam-me aos jardins da serenidade.  
Veneza, 29 de junho de 1996

## O LUAR DE VENEZA

Desce a noite sobre a tarde rosicler.  
Os barcos ondulam nos canais de espuma.  
Surge o círculo de ouro vivo,  
alta redoma de signos, dançando nas águas,  
voando no ocaso.  
Oásis de perenidade com fulgores estonteantes.  
Candelabro insular, velado em céu de êxtase,  
a lua tem furtivos langores.  
Augura amores no espaço ornamentado,  
como as flores se erguem na ondulante expansão.  
Sentinela de maravilhas sobre as torres angulares:  
lua de aromas coloridos.  
Suspiro pelas ilhas,  
onde há vestígios de outro tempo.  
Veleiros transitam na diletante esplanada.  
Entre os arcos ancestrais, até os portais do oceano,  
meu coração veleja a outro cosmos.  
Lua, espelho de louça, votivo, glacial relevo,  
álgida medalha espectral, cingida de diáfano anil.  
Álacre alecrim dos insones e dos magos magros.  
Minha hóstia de jasmim,  
flor de gelo, querubim.

Veneza, 29 de junho de 1996

## MÍSTICO MERCADO

Chuva nos portais aquáticos,  
música nas pontes labirínticas.  
Na decrepitude dos corredores,  
reino de musgo e maresia.  
A cinza da terra não apaga as marcas de Bizâncio.  
Terraços esplendem sortilégios do Oriente.  
Panorama de esfinges na passarela oscilante.  
Alamadas enigmáticas, onde escorrem vaporetos,  
fluindo entre torres, candelabros, revoadas,  
mosaicos incrustados de ogivas e talismãs,  
a magia de outrora nos roteiros do destino:  
planície de utopias.  
Arrebatado pelas ilhas,  
caminho entre flores que as águas alegam.  
Ali, na alvenaria eivada de gerânios,  
Vivaldi serenava a tempestade.  
Levito sobre os istmos, com a cruz de Jerusalém.  
Veleiros acariciam o mar obliquamente turquesa.  
Sonho com a exalação das rosas e o ideal de Marco Polo,  
Tardarão as naves da consagração?

Veneza, 26 de junho de 1995

## TORRE DEI LAMBERTI

Estátuas passeiam sobre telhados.  
Jardim suspenso entre torres.  
Na amplidão de bucólicas eminências,  
os montes se alteiam,  
com galardões de nuvens nos ombros.  
Subo à paz das altas florações,  
respiro no convés dos acalantos,  
Busco as fortificações inatacáveis,  
antes que me assustem as histórias do mundo.  
Reverencio os promontórios de devaneio.  
Há um herbário de esfinges em cada recanto.  
Contemplo ciprestes canônicos,  
captando emissões góticas.  
Alumbrado cenário de todas as idades,  
cada contorno se alça em vertigem.  
Depósitos de tempo nas muralhas,  
cada pedra narra uma epopéia.  
Ascensão iniciática nos fragmentos imperiais.  
Círculos etéreos e quintessências.  
Tronos cravejados de crostas arqueológicas.

Verona, 3 de agosto de 1997

## NOS DOMÍNIOS DE POSEIDON

À divindade azul que invade os continentes  
e pinta as manhãs com guirlandas de espumas.

Ao filho do Tempo, irmão dos horizontes  
e de Zéfiro, que faz voar os tetos límines,  
venho oferecer, como flores ao pedestal dos rochedos,  
versos como pilares de promontórios.

Espero as dádivas do seu reino,  
pois como Byron e Egeu,  
olhos na imensidade,  
também soluçei pelo herói distante.

E canto os dons de sua fortuna  
desde as navegações imemoriais.  
Ao rei das nascentes e ao luzente Apolo,  
que aquece o coração do santuário,  
peço a paz dos brandos ventos,  
a mansuetude de uma viagem lúdica,  
sem glaciações e com dóceis aragens.  
Possa eu singrar os golfos da contemplação  
e ancorar nos serenos dias.

E ante a visão de nereidas de claridade,  
nos perfumes das águas estivais,  
aportar nas ilhas brancas,  
sem a insurreição das coisas fluentes.  
Sob o radioso céu dos arquipélagos,

quando a cruz de minhas ânsias  
repousar no altar dos séculos,  
erga-se no mármore  
um arco à legenda dos meus alumbramentos.

### **CREPÚSCULO NO LAGO DE GARDA**

O Garda, horizontalmente diáfano, imerge na neblina.  
Lume além do vergel das margens,  
crepúsculo nos contornos da montanha.  
O fogo espectral pulula em flocos,  
tolda o prisma da vertente.  
Plumagens de opulência,  
com ressonâncias púrpuras.  
Asas flamejantes na fragrância dos páramos.

## TESOUROS DE SALZBURG

Em florações, o céu cristalizado me reconforta.  
Com sabor de refúgio,  
atmosfera de luminosa encantação.  
Aqui se reconhece o prazer de respirar  
e o sentido da palavra *blumen*.  
Os narcisos determinam minhas alegrias.  
Um vale delimitado por um rochedo,  
e no horto, ao redor do lago, um perfil de mármore.  
Cúpulas sob o lustre da manhã.  
A presença de Mozart,  
que exuberava num *oboenkonzert*.  
Um pátio envolto em guirlandas verdes.

13 de agosto de 1997

## A ARQUITETURA SONORA DE VIENA

Música nas fontes de água lustral.  
As nervuras urbanas transpiram linfa etérea.  
O azeite de Minerva impulsa a ignição endócrina,  
onde flui a seiva calipígia.  
Sístoles de lirismo nas correntes alquímicas.  
O ar tem íris lúdica, translúcida.  
O coração pulsa valsas lunares.  
Corifeus em diapasão.  
Atenas filarmônica, espírito jogral,  
ressoa violinos em cada esquina.  
Arcádia de naiades, sob o signo de Urânia,  
triunfa no espaço em allegro.  
Mesmo o idioma rude aqui parece mais *cantabile*.  
Os palácios em composição semicircular,  
do Statoper à Votivkirche.  
O Shonbum, de aúreo frontispício  
(glorieta íntima e altiva).  
Aureolado Belvedere de barrocas alegorias,  
com asas de ondulações octogonais.  
A fonte de Netuno chora a partida de Schubert.  
O Hofburtheater, sinfonia de coríntias colunatas,  
com pedestal de bardos.  
Um templo de Teseu, coroado de rosas,  
onde medito transido.

Esplendor de suaves tons,  
a Karlskirche refletida no espelho d'água.  
Luar de névoa sobre torres iluminadas.  
Johannes Brahms, assistido  
por deusa de insofismável lira.  
Fantasia de antífonas grandiosas.  
Os prédios, como lauréis em espiral floral,  
com os frisos dourados de Otto Wagner.  
Beethoven nos arpejos da 2ª Sinfonia.  
Palas Atenas rege o Parlamento.

Viena, 16 de agosto de 1997

### **O TIRRENO VISTO DE GÊNNOVA**

Meu coração impregnou-se de azul,  
embeveceu-se com os acalantos das ondas.  
O cheiro do mar inebriou-me  
- místico vinho de amplidão,  
imensa horizontalidade.  
Minha alma vestiu a guirlanda das espumas.  
Hipnotizou-se de fascinações.  
Estuário de exuberância,  
o generoso deus verte o tesouro mineral.  
Jorra a potestade entre os golfos,  
dilatando abismos na represa dos desfiladeiros.

Brumosa franja cinge o etéreo campo,  
vasta plataforma azuleja a expansão da miragem,  
límpida maravilha que a claridade magnifica.  
Que ânima esplêndida semeia o espaço,  
lavando o lume colossal?  
A planura canta promessas de infinito:  
laguna esmeraldina, em relevo de fonte mágica.  
Jóias panorâmicas da Ligúria.

Gênova, 5 de julho de 1996

### **NUM TÁXI EM LONDRES**

Amanheço sob as colunas da National Gallery,  
contemplando velhas igrejas góticas  
e palácios de mármore.  
Os prédios simétricos de ladrilho marrom,  
Westminster de arcos inexpugnáveis,  
construções lavadas de claridade.  
Um templo de pedra  
interrompe a continuidade dos edifícios brancos  
nas adjacências de um parque,  
arejado pelas brisas do Mar do Norte.  
Fascinado pelo mistério antigo,

deslizo no táxi da serenidade,  
observando os telhados íngremes.  
Idealizo morar num bungalow,  
com janelas de vidro e jardim de hortênsias azuis.  
(O Thames é a dádiva do día.)

## **PAISAGEM HIBERNAL**

*A Maria Edileuza Fontenelle Reis*

O branco de um dia celeste deitou-se sobre as coisas,  
espraiando um chão caiado de alvíssimos grânulos.  
Quem semeia brumas de nata  
em concretos campos?  
Florece algodão em toda planta  
e a poeira glacial suavemente se recama  
na clara noite do asfalto.  
As ruas têm languidez de talco  
na tarde de aromas líquidos.  
Além da cara mercantil das vitrines,  
sobre contornos levíssimos de espuma,  
nuvens diluídas cintilam.  
A pirâmide álgida do Mont Blanc reluz spectral:  
argêntea salina de pântanos encanecidos.  
O Salève escorre o cortejo azulado

e na frialdade agônica os passarinhos trinam.  
Genebra, 19 de fevereiro de 1996

## **A CAMINHO DE BERNA**

*A Jorge Elage*

Gosto de ver o sol me olhando  
da fresta de um tronco:  
as cores frutificam no lençol verde  
que o lago azula.  
Aclaram-se lâminas de marfim.  
Límpidas torrentes transparecem  
nos vales encastelados.  
Ancoramos no portal de Netuno.  
Aqui se ergueram os aquedutos  
e as galerias de ânforas.  
O verde mergulha em luz até explodir o amarelo,  
até descortinar a prata do estuário,  
na encosta da claridade abissal.  
Dormem os barcos no jardim lacustre.  
Um pássaro traz num gorjeio os beijos do céu.  
Emergi na correnteza, dionisiacamente,  
e me deleito no influxo das vertentes.  
Orvalham-se os salgueiros debruçados.  
Lausanne, 5 de agosto de 1995

## RECORDAÇÃO DE CRETA

Falou-me à alma o horto canoro  
e as águas que clamam no silêncio.

A laguna na perspectiva,  
com gradações de pedra.

Ilha de ágata.

O vento entoando um sopro onírico nos metais.  
Um festival de silvos onde o mar se precipitava.

O encanto daquela mística névoa.

Beijei o sal das areias, bebi ânforas de mel.

Ficou-me o emblema das esfinges,  
como em Homero as vinhas de Ítaca.

A emoção dos pássaros embevecidos,  
o diadema dos ciprestes.

Estradas serpenteando abismos.

Sobre as amuradas inalei o mijo de Minerva  
no perfume das espumas.

Vi Kourna, gota do Egeu,

lágrima de esmeralda no céu das venerações.

Nuvem lânguida no rosto do dia.

Deitado no leito de um rochedo,  
em Preveli, sonhei com o sussurro das palmeiras,  
inebriado de orvalho crepuscular.

A laguna jorrava cristais.

Surgiam musas entre clamores verdes,  
voando na ventania, girando etéreas visões.  
Relâmpagos ardiam do firmamento.

## **OS TÚMULOS DE NIZZAMUDIN E AMIR KUSH**

No fundo do labiríntico bazar,  
ao redor dos dois túmulos,  
a multidão reza,  
os olhos portos nas mãos abertas,  
como a ler um livro.  
Oferendas de flores transbordam  
nas imediações dos quiosques.  
Na entrada, pedintes e sacerdotes mendigam.  
As mulheres, proscritas dos recintos,  
murmuram nas adjacências, chorando,  
com olhos fixos nas frestas,  
e as cabeças recostadas ao muro.

## DELHI

No mistério das velhas pedras,  
o eco dos abandonados minaretes.  
Nos bosques arejados sob o tórrido torpor,  
cada degrau narra histórias recônditas.  
Florescem tumbas no esplendor da decrepitude.  
Torres, cúpulas e pedras com arabescos.  
Palimsestos sedimentados nos portais.  
Os jardins do imperador  
cingidos de arcos, vértices e porões,  
com pássaros sob as escuras cúpulas.  
Pórticos octogonais à sombra dos pardacentos blocos.  
Quem foi grande merece um palácio por túmulo.  
Os imortais na morte repousem sob lápides  
e os mitos sobrevivam ao trabalho dos ventos!

## BOMBAIM

À sombra das grandes árvores,  
deitam-se os que não têm casa.  
No meio da indigência geral uma cítara ressoa.  
No meio da fuligem e da lama,  
o sândalo exala.

A multidão faz estrídulo  
diante do Gateway, no pedestal de Vivekananda.  
Um santo estende a mão,  
entre monturos de lixo e esgotos,  
e uma benção de misericórdia ilumina os rostos.  
Vem de algum lugar um sonho que incendeia a tarde.  
Talvez do pardieiro, ao redor do velho tanque,  
que Rama fez brotar com sua flecha ígnea,  
porque Sita sentira sede na sagrada viagem.  
Nas águas verdes, patos,  
meninos e velhos tomam banho  
e as lavadeiras esfregam roupas.  
Alegram-se no calor da tarde,  
entre pagodas e pátios de mendicância.  
Há quietude apenas no jardim de canteiros circulares,  
que os corvos sobrevoam.

### **VALÉE DE L´AVRE**

A chuva murmura, enquanto as geleiras ardem.  
Raia o dia perpétuo.  
Névoa no espelho da tarde.  
A luz láctea fulgura resistindo à tempestade de sombras:  
alfombra glacial, nuvens de cal e nata.  
Nos cimos heráldicos,

um relâmpago crava a raiz de um estrondo.  
Chamonix, 1º de julho de 1995

### **PASSEIO INFANTIL**

Vamos beirando as águas verdes do Sena,  
escrevendo poemas nos cartazes de propaganda.  
Fugindo dos carros na rua Richelieu,  
lavando as mãos nas fontes e enxugando na camisa.  
Sonhamos a calma vegetal nos bancos do jardim,  
no recanto onde as crianças brincam.  
Serenos primaveris nas árvores que o vento impulsiona.  
No pátio do Palais Royal  
fazemos rituais de louvação à Terra.  
Vinícius coleciona pedrinhas  
e risca a calçada com um graveto.  
Observo minuciosamente uma moça que passa.  
Uns pombos vêm pousar aos nossos pés.  
Paris, 5 de junho de 1995

## PRAGA E O RIO VLTAVA

Tintura lunar no céu de langores:  
nave de prata em sedosa magnitude.  
A tarde adquire proporções femininas,  
Insígnias nas capelas dos páramos,  
diadema de escarpados confins.  
Vassalo de canônicas cortes,  
adejo por escalinatas.  
Vejo o roteiro dos campanários,  
círculos caleidoscópicos,  
um santuário de negros candelabros.  
O dia ressumbra insólitos elixires:  
uma represa envolta num vergel.  
Alteiam-se os degraus alumbrantes,  
fulgores azuis no altar de agulhas.  
O céu me outorga halos de nostalgia,  
antenas templárias, estampas espectrais.  
As eclusas murmuram vórtices:  
o cortejo de cisnes e a parcimônia dos veleiros.  
O horizonte imerge em formas policrômicas.  
Estrada de clarões entre as colinas.

## BERLIM RECONSTRUÍDA

Reconstruir os fundamentos da vida:  
traços de união onde um paredão de ódio  
interceptava o mundo.  
Guindastes e arcabouços,  
na perspectiva do novo tempo:  
resplandecem ao luar da nova numismática,  
sobre a quadriga de Schadow.  
Renasçam brandos burgos em Brandenburgo,  
Sobre os sarcófagos do velho muro,  
reencarnem Bach e Beethoven, exorcístas.  
E haja música nos canteiros do Tiergarten,  
e ali sobrevoe a ave liberdade na carruagem triunfal.  
Reconstruir os alicerces da unidade.  
Guindastes levantando argamassa  
sobre as mentes cretinas.  
Ainda que renasçam soldadinhos de chumbo,  
que apareçam também os novos Leibniz.  
Ainda que persistam mentalidades de buldogue,  
que desapareça a belicosidade bruta e boçal,  
pois os alicerces da Postdamer Platz  
estão plenos de concreto  
e em toda parte os andaimes forjam novas estruturas.  
A reconstrução de Berlim nas bases do novo arcano.  
Com cimento e aço (e o vigor do operário braço)

possa rebrotar Berlim num canteiro de fênix,  
no vôo de um tempo a reconstruir.  
Resplandeça o luar de agosto,  
sem cortinas de ferro a ofuscá-lo.  
Na 17 de Junho como na Unter den Linden,  
fora o caldeirão de ódio disfarçado no olhar que discrimina.  
Seja o luar a fonte do homem novo,  
voando além de todo obscurantismo,  
de todo gesto que reprime.  
Pássaro dourado além de cortinas e muros,  
ofuscando orgulhos,  
até que a urbanidade se estabeleça em fraternidade.  
No Charlotenburger SchloB como no Reichstag,  
o astro libérrimo clareando o céu de Berlim  
e da humanidade.

## AMSTERDAM

Devaneio enfeitado de melancolias.  
Entro nas difusas vertentes.  
Canais bordados de quadriláteros,  
água verde vazando enigmas.  
Amsterdã escorre, na alma dos viajores,  
ruas de água e liberdade.  
Reflexos de colorações  
fluindo entre casas flutuantes.  
Torres de adeuses no jardim aquático.  
Redemoinhos de bicicletas nos mercados de tudo.  
Textura, a um só tempo, onírica e naturalista,  
Amsterdã, laboratório da sociedade alternativa.  
Nos pastos de salitre.  
entre pontes de alegoria,  
especiarias de esoterismo  
e vibrações dionisíacas,  
sorvi, sob o signo de Eros.  
Louvo a etnologia sensual do teu futurismo!

## POENTE EM PIREAS

As ondulações se inquietam em fulgores:  
dir-se-ia clareiras, onde os deuses renascem,  
exibindo espelhos.

Erebo tenta extingui-los  
e as quadrigas de Artêmis estacionam.  
Transparecem minérios nos garimpos de Efesto.  
Ou são joalherias de Afrodite as esferas que deslizam?

O céu ostenta preciosidades:  
cálices de ágata, flores de papiro.  
Alfombra irreal de barcos como delfins voadores,  
vapores de cromatismos em aquarelas intangíveis.

Pégasos bebem néctar,  
sirenas eqüestres tocam liras de ametista.  
Por fim, a nave de Apolo na perspectiva iônia:  
luzernas de feéricos páramos,  
além dos outeiros de Ática, rumo às colunas de Hércules.

Em lumes de turvo toldo flutuante,  
mistérios se transportam aos portos ignotos.

Atenas, 4 de janeiro de 1997

## MEDITAÇÃO SOBRE A TORRE DE PISA

Minarete de arcanos,  
que sonoros resposos ressoaste ao sabor dos séculos?  
Com que força guardas o sonho em que te reclinas,  
cilindro de sete planos?  
Púlpito de legendas, bafejado pelo sopro de Eolo,  
impulsado pelo peso de Cronos,  
resistes à ceifa da intempérie, viver é teu motivo.  
Se tombasses sobre o lampadário de Galileu,  
que conforto te daria o horto do nada?  
No portal da República Marinha  
sonhas um fado de desenganos,  
mostrando ao mundo a estampa esotérica  
das mandalas de tua base, que a terra insiste em tragar ...  
Em dextrogira decadência,  
transitório amuleto infenso à perecibilidade,  
guarda-te na guarida da vida!  
Que galardão de águas floridas  
bebe da fonte de águas vivas  
a centrifuga degradação de tuas raízes?  
Sustentas o ideal olímpico,  
suspenso pelos fios da fatalidade.  
Losango ancestral, que arauto garante o teu dia?  
Tua fachada gris e teus espectros de infinitude  
revelam indícios tenebrosos

nos estanques prismas do instante.  
Perspectivas impressentidas avultam  
nas dimensões do acaso ...  
Que sentinela vigia tua iminência de holocausto?  
Súbito um golpe implodirá a jóia erguida em troféu,  
de sono imersa no efêmero, ante a espreita dos ciprestes.  
Desafiando a trama dos relógios,  
pendes para o lado oposto do Campo Santo  
que te contempla e que queres preservar  
do dano de tua derrocada.  
Na lavoura do eterno  
lenta é a exaustão dos teus sustentáculos.  
Farol do ocaso,  
vences com derradeiro vigor as ameaças da ruína  
e o sarcasmo das parcas que te corroem as paredes  
e estremecem-te os capitélios.  
Pisa, 7 de julho de 1996

## FIRENZE FIORITA IN PIETRA

Estar vivo é deambular em vias de liberdade,  
reconciliar-se consigo,  
entre relicários e ostensórios, na Via Corso,  
perseguido pela beleza,  
ou na Piazza Cimatori,  
frente ao refúgio de um guerreiro contemplativo.  
Firenze, exilarias outra vez o que sonhava na  
Torre della Castagna?

O que te defendera *nella Roca di Caprona*?  
Firenze - amorosa nave,  
*volando spaesatta dietro il mare.*

Me inebria *il dolce canto del tuo allegro giorno*,  
danças no eflúvio que se evola em mistérios.  
Como os pássaros se deleitam num jardim,  
a alma que tenho é íntima dos claustros  
e trova la lira in segno di memorabile affetto.

Firenze *splendida dall'insegnamento esaudisca il tuo voto.*

Mia lira profana e sacra  
*al crescere ritmico della vitta,*  
*città di tabernacolo e navata,*  
*di Duomo e torri di Giotto,*  
retablos de sutileza, bordados de minúcias.  
Firenze topázio de florações,  
madrugada de seda no âmbar de Júpiter.

Exultai, sinos de S. Lorenzo!  
*Alloro sugli angeli che soffiano conchiglie  
nel trionfo di Galatea.*  
*Otre i monti di roveto ardente,*  
maior fortuna é o banho das ninfas  
e a mágica visão dos vetustos contornos de Fiezole.  
Firenze dormindo telhados cândidos  
sob clarões do vale toscano.  
Firenze apolíneo recanto *de mirabíle marmi policrome,*  
onde repousam perenes simetrias e ondulados bosques.  
Firenze, 6 de julho de 1996

### **ST. PETER'S PATH**

A Laudicia Holanda

Verdeja o visgo da inflorescência.  
Precioso verde que o vento alumbra.  
Harmonias de hortelã reconfortando o pensamento.  
A relva nectárea, esmalte clorofilado, vibra na folhagem.  
Bebo o fresco aroma e o refrigério do silêncio.  
Sinto-me tão íntimo da emanção silvestre,  
tão irmão no desidério de buscar o sol,  
que minha poesia se ramifica em flores.  
Mansidão na estatura das árvores,  
blandícias nos ramalhetes flutuantes.

## **UNDER THE MOON OF LONDON**

*"The mystical one I knew is returned"*

George Harrison

A lua me fez místico outra vez.  
Voltou o meu encanto de levitar na refulgência.  
Como as rosas bebem o eflúvio clarifulgente  
e os pinheiros exalam o incenso que me extasia.  
Ouro diluído no brasão do céu.  
A Regente das marés evocando um outro tempo,  
que ora renasce no perfume.  
Os canteiros me saudam com as pétalas  
e a memória se alça no júbilo redivivo.  
Reacende a mística flama do imaginário de outrora  
Walthamtw, 9 de julho de 1995

## **CAMPANILE**

Subi aos altares dos quadrantes florentinos:  
a sinfonia dos sinos estremece os tetos silenciosos.

As brisas encantam o oratório do profeta.

O sonho dos deuses repousa  
no espírito que reúne as colinas,  
proclamando a conjunção dos reinos.

Vegetações e santuários comungam os mesmos rumores.

A sentinela contempla cúpulas  
e palácios de bálsamos azuis.

Prodígio imerso no claustro da Natureza.

No tabernáculo dos magos,  
a eclosão sonora que o vento transfigura.

Florença, 11 de junho de 1995

## **MEDITAÇÃO NO MONASTÉRIO DE RILA**

Cravada no clarão das geleiras,  
clausura de prodigiosa torre,  
semelhas a réstia de esperança que me reconforta.  
Há um crescente de primavera nas encostas escarpadas.

Silêncio nos domínios florais.

Nas brenhas montanhasas,  
os monges renegam o mundo.

Buscam na dignidade das pedras  
a verdade que os norteia.  
Qual cenobita sequioso de um lugar de êxtase,  
onde não atinja febre de remorso,  
nem corroa hostil degradação,  
sou o peregrino que espera os auspícios de Deus.  
Demando a paz dos lumes misteriosos  
que acendem cristais nas gradações do azul.  
Araucária de fluida esmeralda,  
nevados que o sol alumbra em rasgos de claridade,  
eis-me aos pés de vossa majestade:  
sou o rapsodo sem pátria  
que se converteu à religião da natureza.

### **VIA DEI FORI IMPERIALI**

O ácido milenar corrói os porões,  
erva medrando no tijolo erodido.  
Mas o olhar da musa acende os vergéis,  
volúpias resplendem nos pilares murmurantes.  
Alço-me aos faróis do regozijo,  
às heráldicas escalinatas.  
O vento desnuda as ninfas.  
Voejam aves de sortilégio.  
cruz da cristandade no templo de Vesta,

sereno vórtice à espera de novos altares.  
Às entranhas da tarde,  
choro a agonia dos pórticos abandonados,  
os escombros da extinta magnitude.  
Ao redor dos obeliscos,  
incenso mago na teia solar.  
Nas frescas fontes, Netuno cortejado de naiades.

### **TEATRO ROMANO DE FIESOLE**

Ruínas diluem os séculos:  
colunas de sublimados alcantis.  
Em cada pedra o sinal de ancestralidade.  
O bronze antigo devaneia nas brumas.  
Centauros configuram sarcófagos minerais.  
A transparência consagra uma ânfora de âmbar.  
O Arno espelha na iconografia do horizonte.  
Fiesole, 11 de junho de 1995

## LEGENDA DE CARTAGO

Ainda ontem vimos a cidade branca como o dia.  
E os homens pasmos diante dos cafés.  
Túnis espraiada de alvura matinal,  
fênix fenícia, guardada pelos pássaros.  
E como brincava na praia  
um menino escavando a terra,  
animalzinho alegre saltitando na areia!  
E como eu me abismava na vastidão  
recolhendo as coisas do azul!  
Cartago, esfinge de cinzas,  
as colinas corroídas, urnas e mosaicos subterrâneos,  
infensos à sanha dos saqueadores.  
Perguntavas sobre as guerras púnicas,  
enquanto eu via Cartago em meu âmago.  
À sombra dos meus encantamentos,  
fragmentos de sua glória esquecida.  
Hoje que me recolho sob um céu aziago,  
os filhos da floresta perguntam por ti.  
Viaja com Deus, dizem-me alguns,  
enquanto as árvores se reclinam quando me avistam.  
A chuva me alcançou na estrada.  
Pranto em que naufrago ante o desafio da intempérie.  
Pilares visionários do meu templo,

tapera das minhas utopias.  
Não há esplendor na face destas metamorfoses.  
Só tristeza iluminada e a visão do azul cristal.  
Aqui, esfinges decepadas, erosões no calcário,  
vândalas vibrações.  
Além, a imensidade, lívidas branduras,  
luz nas escarpas sagradas.

### **DO ELEVADOR DE SANTA JUSTA**

Tenho nas retinas alpendres amontoados,  
gradações ao pé dos miradouros.  
Tenho a alma impregnada de luminosidade.  
Flutua-me na memória um labirinto de telhados,  
um rio azul que oscila em declínio.  
Concha em que o tempo acende telhados esmerilados.  
Visionárias torres sobre o veludo da Avenida.  
No extremo das águas, a névoa das colinas.  
Cores nas janelas lavadas de vento.  
Barcos que evocam grandezas antigas.  
No périplo azul, pináculos de fluido lenitivo:  
o casario na outra margem.  
Ilhas avultam nos etéreos confins.  
Adivinham-se horizontes para fundar mundos.

Onde nos leva o rastro das espumas?  
Quem conhece o destino do vento?

## **PERORAÇÃO SOBRE O PARQUE EDUARDO VII**

Um parque, longe da estação penitencial,  
é um lugar onde os pensamentos  
são como o sol sobre a relva.

Um lugar para quem, como o Guerra Junqueiro,  
não esbofeteia o vencido com as mãos do vencedor.  
Um lugar pra se dizer, sem a hesitação do Rui Belo,  
que os pássaros emanam das árvores.

Num parque é que se sabe  
o que vale cada musa do Herberto Helder.

Num parque é que se sabe que um termo equivocado  
equivale a um bufão sórdido em qualquer âmbito.

Num parque é que se pensa no nome de Florbela Espanca,  
por exemplo, para o lugar de onde se vê o Tejo  
e para além dele.

Ficaria bem a homenagem  
à rainha de aquém e de além dor.

Why not? É nativa, é nacional,  
sem nada a opor à República nem à Democracia!

## RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO

Toda paramentada de balcões,  
invadida por turistas e mesas,  
a rua das Portas de Santo Antão.  
É a rua do Coliseu e da Sociedade de Geografia.  
É um corredor em que o vento deflui,  
lavando a face dos comensais,  
clareando a antiguidade das paredes.  
Nela prevalece, mais que nacionalidade, vida.  
E os transeuntes, na certeza dos bons tempos,  
nem se recordam (quem diria)  
que Camões foi preso por aqui,  
na Cadeia Municipal do Tronco  
(a 16 de junho de 1552, diz a inscrição no azulejo).  
Nove meses padeceu cativo  
por ferir de espada um rufião do Paço.  
Depois partiu, desterrado, para a Índia.  
Viva Camões, o gênio hostilizado.  
O que não levava desaforo pra casa!

## O ELÉTRICO 28

Caracoleando relíquias, num zigzag estonteante,  
o elétrico serpenteia as alvuras do estuário.

Cortando a estreita escada das esquinas,  
roçando a cara das vivendas,  
ladeira acima, ladeira abaixo,  
o elétrico é uma nave de luz sobre as varandas.

Das alturas da Graça,  
se vê a jangada de pedra.

É Lisboa, medida na dimensão vertical.

Vai apinhado o artifício ambulante:

«chega um b'cadinho atrás»!

A tabuleta indica «cuidado com os carteiristas».

Uma velhota alerta os passageiros com um gesto de mão.

Outra, gordota, pede o acento a uma rapariga  
e mostra o joelho estropeado.

«Não precisa nem mostrar».

Depois, ordena aos gritos:

«saíam daí! Vão atrás!»

O elétrico, sobre a nervura do Tejo,  
como um caixote em movimento,  
é um arquétipo da condição humana.

## NOTURNO DO TEJO

Esta noite em que não durmo  
e tenho diante de mim as luzes do cais.

Enfeitiçado pela lua,  
como se escutasse ao longe um alaúde,  
uma obsessão de viajar me altera num delírio.

O Tejo, cingido de clarões evasivos,  
cintila dissonâncias como nostalgias.

Lisboa é um claustro soturno,  
um monastério de insônia.

Noite acesa  
do Cais do Sodré às luzes de Almada.  
Noite com faróis na água e o rumor dos motores.

A lua cheia, álgido castiçal,  
acende na ponte uma coroa de brilhantes.  
Um colar diamantino espelhando miríades.

Das casas dormidas do outeiro  
as longínquas tochas luzem.  
A ponte é um luzeiro ardente.

## LAPA

Um magnetismo estranho me atrai  
à esquina da poética rua Sacramento à Lapa  
com a não-tão-poética rua do Pau da Bandeira.  
Seria a fachada dos velhos casarões  
o que me recorda qualquer coisa da infância?  
Seria o declive da perspectiva,  
em que se projetam telhados  
e o prodígio da dispersão azulada?  
Horizonte que se alonga ao extremo da serra,  
a ribeira translúcida além das torres  
e o vento a brincar nos últimos quintais.  
Sonho com a ideia  
de que outros poetas deambularam nestas ruas,  
onde tudo são imagens de outrora:  
um palacete ornado de jardins  
e reminiscências como estigmas nas paredes.

## AS TRÊS ESTÁTUAS

Como em vida enxovalhado,  
mas ofuscando os medíocres com o seu talento,  
cercado pelos cronistas e cagado pelos pombos,  
Camões comanda a Praça.  
Pior estorvo sofreu dos que o não reconheceram.  
Na efígie, apolíneo, sublime,  
o Poeta desdenha o desprezo e a própria glória.  
Mais adiante, à boca do Metro,  
o Chiado, dionisíaco, encurvado,  
exibe um riso sarcástico na encruzilhada.  
E diante dele, o Pessoa  
reduzido a relações públicas de um restaurante,  
parece convidar, com um gesto, os que transitam.  
Era sina servir ao mercantilismo  
quem sobreviveu de escrever cartas comerciais...  
É um mercador, pensará algum desavisado.  
Fernando Pessoa é a minha referência na Baixa.  
Aqui o poeta conviveu com Mário de Sá Carneiro  
e com Augusto Ferreira Gomes, meu ancestral.  
Tolerou os falsos mendigos  
e comeu dobrada à moda do Porto, fria.  
A presença dele, outrora, nestas ruas  
dá sentido à minha, ao passar por elas.

## **31 DE DEZEMBRO DE 2005**

O último dia do ano deveria ser um dia  
como outro qualquer.

Sem temores, sem sobressaltos.

Mas entristeci de pensar.

A canallha assovia, a sirene passa  
e eu me deito sobre os meus 48 anos.

Da varanda vejo o Tejo,  
a noite abriu-se como por encanto.

Há bulício nas casas e nas ruas.

Olofotes e estrelas anunciam  
e eu desentristeço de expectativa.

Os barcos são candeias na fragrância das águas.

A meia noite acende os formidáveis fogos.

As auras fosfóreas produzem súbita aurora.

É já manhã na face lisa do Tejo.

## **DA ESTRELA À LAPA**

50 minutos de ruas estreitas  
que os motoristas atravancam.

Depois do enleio de carros e semáforos letárgicos,  
o Rato aparece como um pátio,  
uma estalagem de onde se divisa, sobre os telhados,

na torre heráldica, a cruz e a espada dos jesuítas:  
a cúpula da Estrela sobre a floração das copas,  
guardada por Pedro Álvares Cabral,  
galhardamente alçado,  
como se defendesse a fé e a natureza  
diante das primícias do Jardim.  
Na avenida cheia um psicopata buzina  
pra que eu avance o sinal.  
Impossível meditar sobre a Clepsidra do Camilo Pessanha!  
Dobra-se a orelha do retrovisor lateral  
e o resto é deslizar na ladeira esguia.  
Três imagens emergem do tumultuado périplo:  
o Rato, conventual e purpúreo,  
a Estrela, ícone soberano,  
e o Cabral arrebatado, desfraldando a bandeirona,  
como se desbravasse, em frente à Basílica,  
o litoral do Brasil.

### **PERSPECTIVA DE LISBOA**

Dom João I brandindo o cetro na Praça da Figueira.  
Gentes d'África filosofando sob as colunas do Teatro.  
Policromias de decadência nos azulejos.  
Claustro de marfim aberto às varandas.

O Rossio florido de gotas irisadas,  
São Jorge nas muralhas e a colina de ciprestes.  
Calçadas longilíneas como afluentes da Praça do Comércio.  
O dédalo de becos, as paredes estigmatizadas  
e ao longe o rio aceso,  
entre reverberações de arquitetura.  
Nas janelas oscilam panos,  
enquanto um fado reclama da ventania.  
Retábulos sobre os quais as gaivotas borbulham.  
Os panos nas varandas são bandeiras de esperança.  
Ondas turvas na raiz do vento.  
Nuvens embalsamadas na parede do tempo.  
A pantomima da cidade, em seus andares que se alteiam  
místicos, coloridos,  
desponta em vértices, poliedros coriáceos.  
Pináculos em profusão geométrica.  
A estética da liberdade  
mostra que o espírito é o sujeito  
e a matéria o objeto.

## RECORDAÇÃO DOS CIGANOS DA BULGÁRIA

*A Nara Vasconcelos*

Os ciganos solfejam romantismo,  
entre quiosques de livros ilegíveis.  
O mais gordo remexe os ombros, sincopadamente,  
num sorriso de mundos estranhos,  
as mãos farfalhando o acordeón,  
como uma grande mariposa.  
Mira o céu, além dos óculos escuros,  
bebendo as harmonias do ar.  
Na Praça Slaveikov, os ciganos cegos entoam doridos tons,  
com gestos faciais de ambrosia e néctar.  
Do outro lado da Bulgária,  
os meninos de Sozópol  
recolhem lixo na praia do Mar Negro.  
A mãe, maltrapilha, entrega a ponta de cigarro  
à criança descalça e nua.  
O bando apanha detritos na areia:  
leva garrafas, papéis, caixas de manteiga,  
espigas de milho carcomidas...  
Os que cruzam as aldeias, indolentes,  
arrastam a montaria no amarelo fosco dos trigais ceifados.  
Uma carga de porcos mortos aparece na estrada.  
Há rebanhos devolutos entre girassóis.  
Nas alas do arvoredos na Stara Planina,

a efígie da fertilidade em vindimas,  
aldeias emergem do rés do chão.

## **SETE PERGUNTAS A TINTORETTO**

Será a glória definitiva  
a vertiginosa escala aos orbes da luz?  
Quando é que se repetirá esse dia  
na celestial história?

Quando seremos arrebatados da humana pobreza  
e veremos tal consagração?

Flutuaremos assim, venturosos,  
ante os portais abertos do paraíso?

Voaremos, em jogos esféricos,  
num pélago de nuvens incandescentes e anjos músicos?

Mereceremos a comunhão das imortais hierarquias?

Quando é que nos alçaremos  
a essas rosas auras de eternidade?

# ROSAS DE FOGO

## NÚMEROS

Um Verbo, um Deus, um coração,  
uma verdade, uma ilusão.

Dois astros, dois bandidos na cruz,  
dois ouvidos, dois focos de luz.

Três mistérios do triângulo transcendente,  
três reis do Oriente, três farpas do tridente.

Cinco dedos, cinco pontas da estrela de Salomão,  
cinco pentagramas vocálicos.

Sete cores do arco-íris, sete plêiades de Osíris,  
sete dias de origem, sete estâncias da vertigem.

Nove novenas do novilúnio, nove meses do nascimento.

Doze apóstolos do Testamento,  
doze meses do ano, doze constelações do arcano,  
doze signos zodiacais,  
doze planetas, doze horas estivais.

## ITINERÂNCIA

Regozijo-me na cálida noite do hemisfério.  
Amanhã partirei.  
Há de ser pão e luz o meu trabalho,  
Vento no arvoredado da serra tropical.  
Torpor da brisa de novembro.  
Partirei com o signo da esperança:  
o brasão noturno do Cruzeiro celestial.  
Terra dos meus enlevos,  
que eu saiba cultivar as bênçãos. e dividir as dádivas.  
Não haverá exílio,  
se eu preservar a chama deste alento,  
Rumor de folhas estivais.  
O fulgor da hora,  
A força do vento festeja minha viagem,  
refúgio itinerante nos celeiros de mim.  
Sombras rútilas do amanhecer de minha ventura.

## ARTE POÉTICA

A poesia, a mais libertina das artes,  
dá cambalhota, dança no trapézio,  
veste andrajos nos salões.  
Só tem por limite o ilimitado.  
Não tem arestas nem se prende à circularidade.

Salta sobre as muralhas do jardim de Apolo.  
A Dionísio faz curvar-se, cerimonioso.  
Tem de Narciso o inatacável riso.  
O lampejo fluido da música  
e a concretude da iconografia.  
Alimenta-se de experiência  
e quanto toca em si transforma.  
Bebe a luz do nada e vibra nas cordas da essência,  
em ressonâncias de nervos e neurônios.

## **ORIGENS**

A Ruy Fabiano

Desembarcamos da Arca.  
Do Ararat nasceu Babel,  
onde ergueu-se a Casa de Abraão.  
Jacó gerou descendência,  
Moisés sobreviveu à corrente,  
o mar se abriu e o maná prodigou vida.  
O Sinai propiciou a lei.  
Josué recebeu o prêmio da Quaresma.  
Jesus se entregou ao sacrifício da Páscoa.  
Em Sagres desvendamos o mar  
e abraçamos a cruz.  
Num cenáculo de tristeza,

esperamos a ceia do nosso Pentecostes.

### **SONETO ROMÂNTICO**

A formosura desta praia anil,  
as carícias de um vento tão amigo,  
todas as alegrias do Brasil,  
só têm sentido quando estás comigo.

A música fluindo tão sutil,  
belezas que expressar sequer consigo,  
me maltratando estão de angústia vil  
e de saudades tuas – meu abrigo!  
Meu porto e meu viajar no mar da vida!

A tua presença me ilumina e guia,  
dando ao meu mundo norte e companhia.

Ah como a vida se me fez sombria!

O momento infeliz da tua partida  
deixou-me assim, sem rumo e sem guarida.

## UM VERSO

Se me fosse dado escolher um verso apenas,  
seria o «tudo vale a pena se a alma não é pequena».  
Não se trata de «os fins justificam os meios»,  
que soa inescrupuloso.  
É muito mais que «ama e faz o que queres».  
Por amor nem sempre se faz o mais digno.  
Mas, se a alma não é pequena,  
não pode haver proposta indecorosa.  
Se a alma não é pequena,  
toda afronta é irrelevante  
e todo sonho é lúcido.

## SÍNDROME DO SÉCULO

Hoje é dia cinco?  
Importa que seja cinco, quatro ou três?  
Querer sair e não ter aonde ir.  
Querer sair e não poder sair,  
tal é meu estado de ânimo.  
Há pessoas reunidas em algum lugar,  
mas não posso sair,  
não posso rebelar-me contra a vida  
e seus sistemas preconcebidos,

Recusar a realidade imediata  
e submergir em outras dimensões.  
Mas a cidade está cheia de corredores labirínticos  
e ando tão confuso...  
Sento-me diante de alguns livros  
e escuto o barulho da rua,  
Não há nada a fazer,  
Espero a noite, a obscuridade, o sono.  
Lima, 5 de abril de 1991.

## **INVENTÁRIO DE HORRORES**

Que faço angustiado na noite sem estrelas?  
Que quer de mim Deus,  
expondo-me à insânia das fricções mecânicas?  
Na sociedade sem justiça e sem amor,  
os homens, órfãos da existência,  
são indigentes sem ter a quem pedir.  
Os astronautas deliram em Plutão  
e visitam Júpiter, no Afeganistão,  
Do terceiro de grau do mundo  
cai o extraterrestre imundo,  
Roído de micróbios e parasitas,  
flagelado, raça maldita, vai à guerra,  
defender a mentira capitalista.

Na sociedade minada pela violência,  
espasmos repugnantes de vozes canalhas,  
oxidadas insolências de sombras intragáveis!  
Cada pessoa é inimiga de si mesma.  
Escravos da insânia,  
todos estão contra todos e nenhum por ninguém.  
Cretinos sem respeito à vida,  
não entendem que é preciso Unir!  
Construir! Viver!  
Fecho a janela à fluidez da manhã.  
Sociedade exposta ao perigo,  
família assaltada pelos próprios filhos.  
Cidade brutalizada, ameaçada de morte;  
todo mundo desconfia da polícia  
e a polícia desconfia de todo mundo.  
Atrás dos muros de cercas eletrificadas.  
Quem é livre, quem tem sossego?  
Quem tem segurança?  
Busca-se refúgio de pássaro,  
mas o batismo de demência dos crápulas  
preenche as noites de ruídos criminais.  
Cachorros castigados lambem os esgotos.  
Cai em chamas o império dos avaros.  
Almas ébrias vagam pelos becos,  
cheirando asquerosas carniças,  
dando uivos de metal.

Quem anda em paz pelas ruas?  
Fascínoras psicopatas atentam contra a vida!  
Cresce a confusão, escutam-se os disparos,  
mas os astronautas só vêem os marcianos.  
Busca-se um instante de calma.  
A torpeza e perversão ancestrais  
oxidaram os cérebros  
e a cidade é um monturo de lixo,  
um estorvo. Buzinam! Cospem fogo!  
Raivam máquinas!  
Enlouquecem os grandes diabos!  
Que importa?  
Quanto mais algazarra,  
quanto mais estardalhaço,  
mais escuto música e me regozijo.  
A maldição cravou-se nas caras maculadas.  
Disparam sirenes, explodem dinamites,  
esganam-se os possessos em chacotas!  
Enfurecem loucas escaramuças e paroxismos!  
Eu permaneço aqui, impassível, invicto,  
escutando Bach, Beethoven e Vivaldi!

## **INSTANTE TRANSLÚCIDO**

Neste entendimento afetivo em que me encontro,  
acima dos lupanares das bruxas sociais  
e das cloacas dos morcegos institucionais,  
na suave senda que faz a certeza,  
como quem vence o infortúnio,  
estou pleno do itinerário temeroso da esperança.  
Neste ideário de incerteza do futuro,  
renúncia, concede-me o júbilo da ventura!  
Prudência, afasta de mim os licantropos e os coveiros;  
verdade, escreve a sagração  
dos teus desígnios no meu cérebro!

## **ANJOS DRUIDAS**

Tanta voragem! quanta estiagem,  
quanta sorte e tão pouco norte!  
Tanto porto e tanto porco!  
mais Souza Cruz e menos Cruz e Souza.  
Mais trauma e menos alma,  
tanto agro e tanto magro.  
Mais astuto e ainda mais bruto,  
muito ódio e muito ópio,

muita alergia e pouca alegria.  
Onde há erva, só murmúrio.  
Onde há Lua, só mercúrio.  
Onde augúrio, barulho.  
Seria antes horizonte,  
alternativa, fonte, perspectiva,  
estâncias, bosques, fragrâncias.  
Não insignificâncias: quiosques, tosses.  
Antes doses vivas e não neuroses coletivas.  
Nem eucaliptos nem egitos,  
só ranchos benditos,  
anjos druidas.

## **DISSONÂNCIAS COGNITIVAS**

Escondo-me no refúgio atormentado.  
Evado-me, esquivo-me do desvario,  
sou escrivão do processo fatídico do mundo.  
Os cadafalsos se armam,  
o algoz é um diabo em delírio.  
Enxovia, fúria explosiva, caldeirão de opressões,  
eis o trabalho nas indústrias e escritórios.  
Nas trincheiras da vida  
as hostilidades atiçam calamidades.  
Haja clemência nos elementos!

Furacões de tenebrosos terrores se alastram.  
Valei-me São João da Cruz.  
Carpideiras, rezai por mim!

## TRANSITORIEDADE

Tudo passa:  
rostos, carros, a cidade e a felicidade - fumaça!  
Bares, shoppings, vitrines, a chuva dos confins,  
os botequins e até os querubins  
terão os seus respectivos fins.  
Cavernas e fulcros,  
água e sepulcro não deixam lucro.  
Pedra, pétala, céu, lama, frio, chama  
se fundem na última cama.  
Estiagem, torrente, sacrifício,  
e semente acabam de repente.  
No começo, a vida é boa,  
depois desafina e esboroa.  
Depois é garoa, voa ao acaso.  
Depois, paranóia, tramóia.  
Pugilatos contra Pilatos,  
diferendos contra heróicos Neros.  
Impérios de impropérios, quimeras ásperas,

austeras moneras, espectros, galeras ...  
Ao princípio tudo parece, e depois perece.  
Depois, preces, pressas de presságios, dissabores,  
torpes torpores, crassos crápulas,  
carcereiros de Sócrates.

História é escória, entrega e refrega,  
perversas infâmias sórdidas,  
precárias imprecações,  
Pretória perfunctória, sem glórias,  
Mais de pressa que o relâmpago,  
fulgor vago, transitar de coisas fungíveis.

Breve instante:  
um súbito calor hegemônico cruel e agônico!  
Delírio de cafeína, meteoro.  
O elã, o afã,  
o arco perdido da manhã.  
Na porta da confeitaria,  
ante a vertigem dos vestígios,  
meu objetivo é fixar essas imagens flutuantes.

Mas a Terra gira  
e todo o cintilar translúcido se vai  
como a fotografia queimada  
por excesso de luz, flor desvanecida  
(em árido território).  
O vazio, também isto desapareceu sem ser visto.

Asa e folhagem, desânimo e coragem na voragem.  
Evasões e horrores, desgraças e cores  
são espectros desertores.  
Alento e alimento,  
coisa e pensamento passam no vento.  
Fábula e cárcere, alma e féretros:  
rotos cetros.  
Fezes e sonhos,  
esperanças e demônios,  
ânus e ônus, miséria e bônus,  
coração e túmulo, rotina e cúmulo,  
desterro e semente, deserto e vila, ossos e estrelas,  
silêncios e querelas,  
granito e pão, batismo e extrema unção,  
tempo e eternidade.  
O inverno, o inferno, os Estados e os sublevados.  
O destino, a ilusão, tu mesmo  
e teu passar a esmo, e tua frustração,  
também passarão.  
A raiva de hoje, a hora que foge e a esperança do amanhã,  
tudo, tudo, tudo, poeira vã!

## **ABSURDO**

Um bandido especialista em Kant não é tão absurdo  
quanto uma barata voar às estrelas?  
Ou um micróbio transformar-se em galáxia?  
Ou, ainda (exemplo bíblico)  
um porco admirar pérolas?  
Acaso voam as serpentes?  
Um estúpido intelectual  
não é tão paradoxal  
quanto um estuprador casto?  
Ou um santo devasso?  
Pois, se haver criminosos sábios,  
é o mesmo que existir polícias presidiários,  
ou gênio com retardo mental,  
que dizer de assassinos que se julgam caridosos,  
por matarem as pessoas,  
sob pretexto de salvá-las?

## **PASSEIO URBANO**

Num simples passeio  
percebi que há mais religião nas ruas  
que nos altares,  
pois, enquanto a igreja estava deserta,  
havia inúmeros fiéis dormindo nas calçadas.

Observei que o lixo é almoço de muita família.  
De graça, também respirei poeira e fuligem.  
Seria por excesso hedonista  
que um bando de mendigos  
me cobrou pedágio?

## **VISÕES DO CAOS**

A Eduardo Rada

Oculista cego ganha prova de tiro.  
Dentista vende a própria dentadura.  
Atleta paralítico bate recorde.  
Suicida-se autor de Lições de Felicidade.  
Onanista impotente estupra hermafrodita.  
Assalto a quartel - era a polícia.  
Pacifista agride ancião.  
Corrupto escreve obra moralista.  
Milionário pede esmola.  
Campeão de natação morre afogado.  
Aumenta o índice de insalubridade médica.  
Mendigo empresta dinheiro.  
Tarado faz voto de castidade.  
Anão na seleção de basquete.

Analfabeto defende tese de doutorado.  
Mudo dá conferência sobre retórica.  
Judeu esbanja dinheiro.  
Gênios varrem ruas.  
Herói destrói a reputação da pátria.

## TRÉGUA

*"O mar não é tema, tema é o ar do mar"*  
José Alcides Pinto

O sol acende fósforo nas vidraças.  
No azul das ilhas há antigas maravilhas.  
Por ventura, me salva o ar do mar.  
Todo ouro do mundo não vale um passeio no litoral.  
E o mar já não é conceitual:  
ficou visível na montanha de Chorillos  
e na ponta do Callao.  
Chorei no tombadilho dos miseráveis, mas neste refúgio  
as circunstâncias não são desfavoráveis.  
Venho beber neblina serena.  
Nenhum dano sofrerei,  
se permaneço inspirando música.  
Sei que a fortuna mora comigo.

Na calma do 25 de dezembro,  
com 35 de idade agora digo:  
é hora de respirar um pouco de liberdade

## **TRANSFIGURAÇÕES**

Acima da fornalha votiva,  
a noite abisma nebulosa candeia.  
Mansuetude ultravioleta.  
Floram muralhas diamantinas;  
perfumes que o vento expande,  
venturas límpidas de abril.  
A natureza beija o céu de bronze,  
além das árvores nebulosas.  
Surgem Vênus e Sírius.  
O Sol declina em direção a Câncer.  
Outono no hemisfério.  
Orion aparece.  
Vênus ultrapassa as Plêiades,  
no negrume de silfos róseos.  
Nasce a Lua.  
Ainda não é noite,  
e o tempo já respira o silêncio das estrelas,  
Há calma verde nas plantas  
e o horizonte serena segredos sagrados.

Em mansa meditação,  
os pássaros estão compondo música.  
Vai anoitecer.  
A Lua se ergue ao meio do céu.

## DIVERGÊNCIA

Não há problema em lutar com palavras:  
com pá ciência, há que lavrá-las.  
Sem de Horácio emular mero prefácio,  
nem de Homero esmerar-se no epitáfio,  
difícil é suportar o ofício do vício de edil servil,  
com algaravia de ânsia, e a ganância do ser vil,  
que se atura e satura - eis a tarefa dura!  
Amargura é ser xerife e magarefe,  
lutar contra a insana venalidade do patife,  
que afana a verdade.  
Objeto abjeto, a carniça das mentes das gentes!  
Cultivar a flor do Lácio é fácil e propício.  
Difícil é lidar com gente indecente:  
indício sem início, caverna sem lanterna.  
É o desperdício de afiar o fio da insolência.  
Escrever é ingênua clemência.  
Inciência é suportar displicência e demência.  
Inclémência é a descendência da gentílica excremência.

## INVERNO EM HUALLAMARCA

Tarde cinza, aureolada,  
alada de mal-estar cotidiano.  
Quero escrever: invoco Gonçalves Dias,  
e um punhado de pornografias a mente inventa.  
O diabo-tédio tenta e nada alenta.  
Os edifícios são precipícios.  
Sobre a terra em guerra,  
a iniquidade e a hostilidade  
não conhecem saciedade na sociedade.  
A vida chora tenebra sem aurora,  
extinto fogo de labirinto,  
inclino-me num poço de absinto:  
ungüento para o tormento.  
Agüento espanto e neblina,  
hialina cortina saturnal...  
Desalenta-me o recesso espectral,  
sorvo lamentos de névoa,  
aventuro inventos:  
confesso ao vento meu descontentamento,

## **DISPONIBILIDADE**

Eis-me contente, cara aberta,  
corrente em meio à gente.  
Fora a velha intriga,  
inferno bom, gente amiga!  
Pois aqui estou,  
quem foge se foi.  
Mas não sou boi:  
usem mas não abusem.

## **DITIRAMBO A MÁRIO DE SÁ CARNEIRO**

Doido irmão do desespero meu,  
insensato amigo da vã lida,  
ínfimo, pária, pulha e plebeu,  
como invejo-te a fúria suicida!  
De pasmos minha alma ensandeceu!  
Flagelo da guerra fratricida,  
sou proscrito pelo próprio eu,  
e é sem vertigem minha descida...  
Ser entre corvos um Prometeu,  
esmagar-me numa arremetida,  
como estrangulaste o sonho teu...  
Com raiva audaz de quem trucidada a alma morta,

mas aguerrida, desvairar-me em pavoroso breu!

### **RITO PASSAGEM**

Estou entre o ônibus e a parede do túnel,  
numa conjunção desfavorável dos astros.

Estou entre lixo e fumaça.

Em cada esquina há um templo de luz,  
mas em mim prevalece a conspiração dos deuses.

O mar parece a extensão das minhas lágrimas.

Estou entre o abismo e a montanha iluminada.

Meu constrangimento, lição de labirinto,  
é uma má-formação congênita.

Coroa de espinhos no horizonte,  
ácido que corrói a cartilagem dos prazeres.

Hoje que nenhuma música me arrebatava,  
minha herança, abismo de tristeza,  
assombro em cada gesto do vento.

A noite toda passei lendo amarguras.

Rito de passagem pelo inferno zodiacal.

## LICENÇA POÉTICA

Perplexo estou no rumor da hora,  
espreitando os caprichos do tempo.

Vislumbro o tumulto suburbano:  
é a expressão do meu canto humaníssimo.

Mergulho profundamente em mim  
e compreendo a dimensão da vida.

A arte de viver em plenitude.

Minha ânsia é ver todos os espíritos em luz,  
todos os viventes com o direito à felicidade,  
conscientes da necessidade de viver em paz  
e entender o mistério e decifrar as dádivas do vento.

Pertenço a todas as criaturas,  
a todos os minerais e vegetais.

Sou um fruto sazonado em sentimento,  
sou a energia e o artefato da natureza.

Alegria de ver a vida fluindo  
nos meninos que jogam futebol no quintal,  
nas aves canoras, na música que vibra na casa,  
no clarão solar que acende o chão.

Permito-me a glória deste momento,  
ciente da verdade que ele ensina.

Andar em confiança.

Transformar-me sempre na experiência vindoura  
e manter-me aliado de mim.

Servir com a certeza do objetivo superior.  
Compreender-me e compreender o semelhante  
como a planta compreende o céu,  
como a nuvem compreende os rios.  
Este é o meu conforto e minha causa:  
permanecer calmo ante o enigma,  
saber que o destino engendra sempre o bem  
e tudo resultará em serenidade.  
Este momento único,  
a exuberância nectárea desta consciência,  
esta translúcida realidade:  
aceitação de mim mesmo,  
imersão em reveladora magnitude.

## VINDICTA

Onde está o que sorri,  
com olhos de maximizar prendas do destino?  
Quem me conhece sabe que ando sofrendo.  
Os caminhos por onde vou...  
Onde o príncipe, soberano inatácavel?  
Vê a minha indignância!  
Imploro augúrios ao empíreo,  
aflito nos ínvios enleios da expectativa.  
Espero o milagre de que me alimento

e sempre a espera se renova.  
Mas quem recordará comigo a dor dos pavorosos dias,  
depois que o tempo crivar cicatrizes  
sobre estas chagas?  
Depois de tanta luta insana, quem estará comigo,  
quando eu abraçar o galardão dos vitoriosos?  
Sofri bastante para ser lembrado entre os poetas.  
Vinde, vinde, fiéis amigos,  
é tempo de vislumbrar um horizonte de justiça!

## **DUENDES**

Os demônios de Rimbaud me estremecem os nervos,  
me roubam o sono – estou possesso,  
e transpiro a perfídia de sua peçonha!  
Caminho pelo quarto e a obsessão me persegue:  
quero expurgar de mim estes venenos, exorcizá-los.  
Se eu pudese sair pelas ruas...  
Mas é tarde, e a madrugada está povoada de fantasmas.  
Quero rezar, eles me confundem a fé.  
Por que fui dialogar com Rimbaud  
na noite sobrenatural?  
São três da madrugada...  
Tocado pelos possessos,  
quero fugir pra Somália (solidão atroz).  
Se eu chamasse a morte de irmã...

Ressoam clamores, espasmos de tédio,  
horrores místicos.  
Assaltam-me terrores tristes, quero trégua!  
Arcanjo maldito,  
que querem de mim esses teus duendes?  
Por que me tentam teus companheiros íncubos?

### **TRISTEZA**

Ando solitário  
com meu desgosto vário.  
Com ânimo precário  
de amoroso calvário, procuro o mistério  
que livra do cemitério.  
Ando como fugitivo, preciso de lenitivo,  
de Deus ou alguém definitivo,  
e derivo no oceano insano.  
Não sei se vivo ou se me engano.  
Cigano de meu dano,  
ando pela cidade  
com a debilidade  
de minha saudade.  
Nunca vi o mar assim  
Tão semelhante a mim.

## **PALAVRA**

A palavra lavra e livra, salva o verde-oliva  
e vale o sal da saliva.

A palavra, palma e sabre,  
abre o pálio da alma:  
calma, fava, lava e fala.

A palavra, alba e nave,  
sagra e singra, criva e crava,  
dádiva da vida, dívida velada.

A palavra, válida lágrima, alta, ávida, álgida, atávica,  
ata o laço -lacre álacre.

A palavra prática, tática, fática,  
nada errática, mas exata,  
grava grave a inata graça.

A palavra sensata: serenata,  
sana - bálsamo de nata,  
Dinâmica, lírica, linfática.

## **ANDARILHO**

Se o apartamento me deprime, vou respirar o ar da tarde.

O poeta é um andarilho, irmão da humanidade.

O poeta tem sede de fraternidade.

Saúda o povo com olhar afetivo, espelhando-se em Whitman

ou no Santo de Assis,  
irmão das entidades vivas.  
Sem molhar as praias com inúteis lágrimas, abraça as criaturas,  
como abraçaria o José Alcides no Equinócio do Acaraú,  
Pois o Poderoso Deus fez os homens iguais  
e cada indivíduo é importante aos olhos Dele.  
E nada existe em vão: tudo está no projeto divino,  
inclusive a minha devoção  
e o meu desejo de caminhar  
ao encontro de espíritos notáveis:  
o Mahatma, alma de um povo,  
e Santa Terezinha de Calcutá,  
mãe de órfãos desvalidos.  
Imitar o exemplo do Mestre Jesus, o Sol do Amor.  
Bebendo alegria,  
celebrando um pacto de amizade com a natureza  
e com os poetas, que a esta hora andam pela cidade a pé,  
solidários como quem povoa de afeição o ermo do ser.  
Vou distribuindo olhares de estima  
aos que carecem de auxílio:  
até ao desgraçado que perdeu a capacidade de amar,  
todos merecem minha saudação,  
pois existem pelo mesmo desígnio  
e se originaram da mesma fonte geradora.

## CURRICULUM

Não sou glutão,  
mas vê que boca de santarrão!

Não sou lúbrico:  
mulheres de sutiã,  
deixo-as a Don Juan.

Não sou avaro:  
mas custa caro  
ser aprendiz do de Assis.

Não quero imitar o papa, mas não fico fora do mapa:  
alugo quarto na Lapa como fez o Natalício,  
livre do vício da indolência, com a virtude da ciência.  
Mas, enquanto aquele vate prefere o vinho ao mate,  
há tempos não leio Rubayat.

Sou que nem o Mário Gomes,  
só não prefiro os bebes aos comes.

Os ascetas herdaram o infinito,  
sem renunciar ao espírito.

Conquisto a memória do futuro,  
cantando no claro ou no escuro.

## **ARSENALS DE MINERVA**

(Depois de haver lido *As Razões do Iluminismo*,  
de Sérgio Paulo Rouanet)

Perscruto no ar o idioma metafísico  
e o velejar das ondas varrendo a tarde  
(aquarela de outono).

De repente, um fogo azul tem sabor definitivo  
no ideário vespéral.

À sombra de um abril  
que se abriu em pétalas,  
se o jardim de jasmims jaz em mim  
(cosmovisão antropocêntrica),  
um céu de seda e rosa  
configura genealogias do Oriente  
nos arsenais de Minerva:  
reliquias das artes liberais.

## MEMORANDO AO SOL

Ilumina o sarcófago dos hidrófobos coprófagos.  
Em metáforas ásperas como a diáspora,  
livra-me do fardo e da espora.  
Também do nó da gola de Jó,  
dor das dores...  
Com os auspícios e os bons ofícios dos solstícios,  
Sol, incensa o sudário sidéreo.  
Nesta quinta dos quintos,  
aduz as luzes dos azuis andaluzes.  
Acende do zen o zênite,  
e não me faças naufragar no nada do nadir, amém!

## DETRITOS

Um embuste de necrológios,  
um embate contra os relógios.  
Revólveres abissaís,  
êxtases como punhais.  
Escórias num dorido hausto,  
a lama como meu fausto.  
Segunda-feira frustrada,  
fuga e trégua introjetada.  
No dissabor de tais dias,

são ânsias as agonias.  
Pois um pavoroso corvo causou-me esse estranho estorvo.  
Castiguei ou dei trambiques  
em bárbaros ou caciques?  
O que é ludíbrio ou procede? O que é aroma, o que fede?  
Que fiz aos diabos obscenos que me lançam seus venenos?  
Em mãos servis de pomposos, seviciados asquerosos,  
mercê de tótems da máfia,  
de megalômana empáfia,  
repugno a astúcia devassa, enojado da trapaça  
da mentira oficial  
de repercussão fecal.

### **MEDITAÇÃO TAOÍSTA**

Uma noite ao relento, chuveiro molhando a cara,  
amanhece e converso com dois amigos.  
As palavras são clarividentes  
como os reflexos que atravessam a janela.  
Falamos de experiências pessoais, criteriosas e esotéricas.  
Mas nenhuma parece igualar-se  
ao silvo auspicioso do pássaro que canta lá fora.  
Ah, não é isto a felicidade?  
Amanhece atmosfera de gelo e o céu tem cor de elefante.  
O frio contrai os músculos e a vontade de tomar banho.  
Mas a inteligência cria prodígios tecnológicos.

Alegria de mergulhar na água tépida que o chuveiro elétrico oferta.

E, depois de enxugar-me com duas toalhas,  
fazer a barba simetricamente,  
até a pele adquirir tonalidade azul.

Ah, não é isto a felicidade?

Longo tempo posterguei a satisfação de uma necessidade.

A bexiga, oprimida, relaxa de repente.  
Irrrompe o estrídulo da urina no óvalo da latrina.

Ah, não é isto a felicidade?

No almoço, todos os comensais conversam ao mesmo tempo.

Gesticulam e contam anedotas vulgares.

Despeço-me dos donos da casa  
e regresso ao aconchego da minha cama.  
Busco refúgio sob um suavíssimo cobertor  
e ouço os longínquos rumores da rua.

Ah, não é isto a felicidade?

Passear no litoral deserto, bebendo o ar da noite  
e ouvindo o marulhar do oceano.

Sentir-se contente de ver o deslizar da espuma  
como um campo de neve, em fluxo e refluxo.

Ficar mirando as ondas, sem pressa  
e sem ânsia de narrar aos amigos a magnitude desta sensação.

E, depois de tudo isto, andar assoviando pelo jardim,  
recebendo em troca o perfume das flores.

Ah, não é isto a felicidade?

Participo, a contragosto, de uma reunião de comerciantes

que planejam vender tecidos de algodão.  
Nenhum deles tem condição de financiar o investimento  
e a conversa enfadonha se prolonga,  
em torno da falta de recursos do grupo.  
De repente, soa o sino da igreja, cuja cúpula vislumbro ao longe.  
Abstraio-me completamente na ressonância evocativa.  
Ah, não é isto a felicidade?  
Andar pela rua, olhando o luar na amplidão.  
O vento é um milagre de amor à sombra da plenitude.  
Nada é obstáculo à certeza  
do que significa um céu de estrelas vivas.  
Ah, não é isto a felicidade?

## **DESCOBRIMENTO**

Descobrir que cada minuto  
pode ser momento de descoberta.  
Descobrir o futuro, redescobrir o passado  
e o segredo de cada instante.  
Descobrir a terra e a flora interiores  
e o que há de céu no cérebro.  
Descobrir a vastidão do amor,  
que é sempre novo descobrimento.  
Vivemos na expectativa da plenitude,  
e isso é descobrir o encanto oculto na consciência.

O que há de Deus nos pássaros e na claridade.  
O poder do Sol e do Tempo.  
Saber que a descoberta era o contrário do que se pensava,  
e reconhecer a espera do descobrimento.  
Também isso é descobrir.  
Descobrir na indivisibilidade da natureza,  
a totalidade das coisas  
e situar-me ante o universo.  
Descobrir os objetos diários,  
e a prática transcendental de torná-los úteis à evolução.